

Gabriel Dalmolin

A SOCIEDADE DA CAPELA: Trabalho, fé e educação no povoado de Rodeio (1883-1904)



A SOCIEDADE DA CAPELA:

Trabalho, fé e educação no povoado de Rodeio (1883-1904)

Gabriel Dalmolin



A SOCIEDADE DA CAPELA:
Trabalho, fé e educação no povoado de
Rodeio (1883-1904)

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

REITORA

Marcia Cristina Sardá Espindola

VICE-REITOR

João Luiz Gurgel Calvet da Silveira



EDITORA DA FURB

CONSELHO EDITORIAL

Edson Roberto Scharf
Helena Maria Zanetti de Azeredo Orselli
Moacir Marcolin
Adiléia Aparecido Bernardo
Simone Leal Schwertl
Carla Fernanda Nolli
Rodrigo Diaz de Vivar Y Soler

EDITOR-CHEFE

Maicon Tenfen

CAPA

Arte Final: Ana Carolina Zimmermann
Foto de capa: Casa de Giovanni Bonezzi, na localidade de Diamante (1908), encontrada no livro “História e Memórias de Rodeio” de Iracema Moser Cani.

REVISOR

Lucas Giron - TIKINET

DISTRIBUIÇÃO

Edifurb

GABRIEL DALMOLIN

**A SOCIEDADE DA CAPELA:
Trabalho, fé e educação no povoado de
Rodeio (1883-1904)**



© Copyright 2020. **GABRIEL DALMOLIN.**



Editora da FURB
Rua Antônio da Veiga, 140
89012-900 Blumenau SC BRASIL
Fone: (047) 3321-0329
3321-0330
3321-0592

Correio eletrônico: editora@furb.br
Internet: www.furb.br/editora
Distribuição: Editora da FURB

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra,
por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por processo
xerográfico, sem permissão expressa do autor.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10994,
de 14 de dezembro de 2004.

“Impresso no Brasil / Printed in Brazil”

Realização:



Paulo Roberto Weiss
Prefeito de Rodeio

Valcir Ferrari
Vice-Prefeito de Rodeio



**DIRETORIA DE
CULTURA E
TURISMO DE
RODEIO**

Airton Souza
Diretor de Cultura e Turismo



**COORDENADORA
Cristina Ferreira**

Ficha catalográfica elaborada por Everaldo Nunes – CRB 14/1199

Biblioteca Universitária da FURB

D148s

Dalmolin, Gabriel

A sociedade da capela: trabalho, fé e educação no povoado de Rodeio (1883-1904) / Gabriel Dalmolin. - 1. ed. - Blumenau: Edfurb, 2020.

133 p. : il.

Bibliografia: p. [123]-135.

ISBN: 978-85-7114-224-4

1. Emigração e imigração. 2. Emigração e imigração - Rodeio (SC).
3. Italianos. 4. Italianos - Vale do Itajaí (SC : Mesorregião). 5. Tiroleses.
6. Tiroleses - Vale do Itajaí (SC : Mesorregião). I. Título.

CDD 981.642

*Dedico aos meus pais,
Dionei e Vívian,
aos meus avós,
Ari e Lurdes,
à minha namorada,
Aline,
aos meus tios,
Artino e Vera,
à memória dos meus amigos
Renan e Josélia
e a toda comunidade de Diamante,
bairro que tanto amo e muito me inspirou
para escrever este livro.*

AGRADECIMENTOS

Durante o período de elaboração deste livro muitas pessoas passaram pela minha vida, às quais gostaria de agradecer. Outras, infelizmente, não chegaram a acompanhar toda minha trajetória, devido aos acasos da vida, mas ainda assim foram muito importantes para minha vida pessoal e para o processo de escrita. Tentarei, de maneira breve, expressar o meu sentimento de gratidão por todas essas pessoas que foram fundamentais nesta caminhada.

Primeiramente, agradeço à minha mãe, Vívian Cristina Frainer Dalmolin, e ao meu pai, Dionei Dalmolin, não só por me prepararem com tanto carinho para a vida, como também pelo incentivo por intermédio de palavras, atitudes e gestos, durante todo o quadriênio da graduação e do tempo de pesquisa histórica para produção deste livro. Certamente, mais do que bens e agrados materiais, vocês me deram todas as ferramentas para eu forjar meu caráter e é a vocês que mais devo por ser quem sou. Amo vocês!

Também gostaria de agradecer à minha avó Lurdes, por ter ajudado a me criar, e ao meu avô Ari Antônio Dalmolin, por me instigar o gosto pela História através de suas memórias. Também agradeço aos meus *nonos*, Anna (*in memoriam*) e Agostinho Frainer (*in memoriam*), que, apesar de não terem me visto crescer, fazem parte de mim e de quem eu sou. Espero que estejam me acompanhando lá de cima e estejam orgulhosos de seu neto.

Agradeço aos meus tios Artino e Vera Lúcia Frainer Carezia, por acompanharem de perto minha trajetória universitária, auxiliando inclusive a localizar documentos para esta pesquisa no Arquivo Histórico e por me darem pousada em Blumenau sempre que necessário durante a graduação.

Sou imensamente grato à Aline, que no período de feitura da monografia foi muitas vezes minha válvula de escape nos momentos de correria e tensão que o final da graduação nos traz. Quis o destino que a pessoa que tingiu meu Projeto de Pesquisa com vinho se tornasse a minha namorada. Obrigado por cada momento, cada palavra de incentivo e por todo o tempo que dedicaste revisando o projeto de publicação e o ofício para a Prefeitura, bem como o “meio de campo” feito ao levar as documentações para a Universidade Regional de Blumenau (FURB). Sou grato por teres me acompanhando com tanta paciência e carinho durante esse período. Te amo muitíssimo! Agradeço também a meus sogros, Amauri e Tatiana, e a meu cunhado, Vitor, por serem tão hospitaleiros em minhas viagens para Santa Maria e por sempre apoiarem meus sonhos.

No que tange à minha formação acadêmica, meus agradecimentos mais do que especiais para a professora Cristina Ferreira, que orientou este trabalho na graduação e dedicou seu tempo para articular politicamente junto à FURB a realização deste grande sonho de publicar um livro e contribuir socialmente para o município que tanto amo. Agradeço pelas incessantes e produtivas orientações, livros emprestados, seminários e confraternizações; por tanto me ensinar sobre a escrita da História e me apresentar muitos teóricos que me inspiraram a pensar este trabalho; por todos os conselhos e por todas as vezes que perdoou minhas “mancadas” como estudante e orientando (que certamente não foram poucas). Agradeço pelas aulas magistrais, por todas as oportunidades que confiou a mim durante esse processo tão importante que foi a graduação e pelos elogios, embora eu fizesse como o Leão da Montanha e “fugisse pela esquerda”, por não me sentir digno de tantos deles. Um eterno obrigado de seu aluno polenteiro!

Não poderia deixar de citar a importância dos meus colegas membros do Centro de Memória Oral e Pesquisa (Cemope), coordenado pela professora Cristina. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer fortemente ao amigo Luan, responsável por revisar o livro, por toda cumplicidade

durante os quatro anos do curso e por ter sido o melhor amigo que tive a honra de ganhar durante a graduação. Ao Thiago agradeço os conselhos e caronas providenciais, ao Michel, célebre historiador pomerodense, que muito auxiliou e inspirou nos trâmites relacionados com a publicação desta obra, também deixo meu muito obrigado. Também sou grato à Ana que trabalhou arduamente para produzir esta capa sensacional. Ao Martin por se disponibilizar para verificar todo o processo de editoração. Agradeço também à Janaina, à Julia e ao Alisson por terem colaborado na minha formação e aos demais bolsistas do Cemope por todo o apoio dado para a publicação deste livro.

Como professor, não poderia negligenciar a importância *dei maestri* em minha formação na educação básica. Primeiramente, gostaria de agradecer aos professores do ensino fundamental e médio que mais me marcaram e me incentivaram a correr atrás de meus sonhos: Ademir (Biologia), Arley (Língua Portuguesa), Alexandro (Matemática), Evander (História), Madalena (Língua Portuguesa), Marise (Espanhol), Odete (Artes) e, é claro, a Cleide (Língua Portuguesa), que além de professora e catequista é uma grande amiga importante até hoje.

Deixo meus agradecimentos aos professores que se disponibilizaram a participar da banca examinadora do trabalho de conclusão de curso (TCC), Juliana de Mello Moraes e Deivison do Amaral, por lerem e tecerem críticas construtivas para o melhoramento do trabalho. Um agradecimento especial ao professor André Martinello, que a partir de sua singela oficina no Interação FURB fez com que “me encontrasse” no curso de História, além de incentivar e trazer leituras extras para aprofundar e me autodescobrir na temática imigrantista.

Agradeço à minha “anja” de caminhada, Leilane Conzatti, e ao Frei Pedro, pela disponibilidade na Secretaria da Paróquia, onde angariei grande parte do corpo documental desta pesquisa. Em nome da professora Sueli Petry, agradeço ao Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS) por me

receberem e serem prestativos na busca pelas fontes que foram utilizadas neste trabalho.

Agradeço à Furb, não apenas pela formação oferecida, mas também por seu apoio e dedicação no que tange à editoração deste livro pela Edifurb. Sou grato principalmente ao professor doutor Maicon Tenfen, por aceitar este projeto, e ao senhor Vilmar Schuetze, que editorou parte deste livro junto de sua equipe, para realizar a publicação.

É imprescindível agradecer à Prefeitura Municipal, através da figura do excelentíssimo prefeito Paulo Roberto Weiss e de seu infatigável vice, Valcir Ferrari. Primeiramente, por subsidiar o Clube dos Estudantes Universitários de Rodeio (Ceur), do qual fui tesoureiro por dois anos, pois, não fosse esse incentivo, talvez nunca tivesse completado a graduação. Em segundo lugar, por junto com o diretor de Cultura e Turismo, Airton Souza, terem aceitado desde o início custear e compreender a relevância social desta obra. Agradeço também à Secretaria de Educação, em especial ao Denílson Fruet, que colaborou nos trâmites para publicação do livro. Meu sincero obrigado a vocês!

Aos amigos que acompanham toda a minha trajetória da graduação e o processo de transformação da monografia em livro e que tanto me apoiaram: Richard Ferrari, Eduardo Bertoldi, Marcos Nones (Chefinho), Evandro Bona, Alexandre Pegoretti, Giuliano Berri, Milene Pahl, Juliano Nazário, Janaina Vendrami, Ana Waltrick, Juliana Tambosi e Milena Possamai. Sou grato pela cumplicidade e feliz por grande parte dessas amizades terem surgido ainda na infância e se perpetuado até hoje. Também agradeço aos meus amigos “cinquentões” Ivo, Bruno, Celso, Carlos e Dimas, que sempre foram grandes apoiadores nos meus sonhos.

Tendo em vista que o conceito de memória é indispensável ao longo deste trabalho, agradeço às pessoas que partiram durante esta jornada. Primeiramente ao caro amigo Renan dos Reis, motivo de tantas alegrias e da união de nossa turma do terceirão e que muita falta nos faz. Sou eternamente grato à querida Josélia Maria Fronza Schiochet, que sempre foi inspiração, por sua atuação como professora,

sua militância pelos sujeitos na invisibilidade e também por sua escrita divertida e sarcástica, que, humildemente, creio ter herdado em alguma medida.

Por fim, agradeço aos colegas professores, às direções e orientadoras das escolas em que trabalhei ao longo de 2019, bem como aos alunos da rede municipal de Indaial. Um agradecimento especial aos professores Edeimar, Elizabete, Julia, Jaqueline e às donas Sandra, Joelma e Maytê, que muito me ajudaram durante o ano letivo. Peço desculpas caso tenha esquecido de alguém, mas caso isso tenha ocorrido, sinta-se agradecido por mim do fundo do meu coração.

*“Os historiadores (e, de outra maneira, também os poetas)
têm como ofício alguma coisa que é parte da vida de todos:
destrinchar o entrelaçamento de verdadeiro, falso e fictício
que é a trama do nosso estar no mundo.”*

Carlo Ginzburg
O fio e os rastros

SUMÁRIO

PREFÁCIO 17

INTRODUÇÃO 23

CAPÍTULO 1

“MA COSA SARALO ST’AMERICA?”: O ESTABELECIMENTO DOS PRIMEIROS IMIGRANTES DE FALA ITALIANA NO VALE DO ITAJAÍ 29

1.1 **“Fortes e saudáveis, endurecidos pelo ar puro dos alpes”: a sobrevivência de italianos e tirolezes na floresta brasileira** 30

1.2 **“Selvagens”, “caboclos” e “polacos” sujeitos esquecidos em uma “sociedade italiana”** 38

CAPÍTULO 2

“O CAPITALISMO DEVE FATALMENTE TRIUNFAR”: A CULTURA AGRÍCOLA DOS IMIGRANTES ITALIANOS EM BLUMENAU 55

2.1 **“A agricultura dos nossos pais era bem primitiva!”: a economia de subsistência dos primeiros colonos** 56

2.2 **A questão social e o cooperativismo na agricultura: entre o “agrônomo anarquista”, Giovanni Rossi, e o “pároco erudito”, Lucínio Korte** 63

CAPÍTULO 3

**ENTRE “BÊNÇÃOS E MALDIÇÕES”: CONFLITOS
RELIGIOSOS NOS NÚCLEOS ITALIANOS DO
CURATO DE RODEIO 83**

3.1 “Aqueles que não se sujeitarem à sorte extraída
serão malditos por deus até à quarta geração”: o
embate entre clérigos e fiéis nas “sociedades da
capela” 84

3.2. A educação baseada na “História Sagrada e no
Catecismo”: o ensino escolar das comunidades
italianas e tirolesas 95

CONSIDERAÇÕES FINAIS 115

FONTES DOCUMENTAIS 119

REFERÊNCIAS 123

PREFÁCIO

A história da imigração europeia no Brasil envolveu grandes deslocamentos populacionais através do Atlântico no século XIX, contribuindo para a geração de uma infinidade de trocas culturais entre distintos grupos étnicos. Particularmente representativo foi o contingente de estrangeiros estabelecidos na região do Vale do Itajaí, formulando as peculiaridades de um processo de colonização pautado na pequena propriedade agrícola, mas também muito violento no tocante ao contato com os nativos e sua cultura.

No conjunto das produções escritas sobre a temática da Imigração até 1980, prevaleceram de modo persistente as abordagens denominadas laudatórias, que destacavam aspectos positivos sobre a prosperidade, a capacidade notável para enfrentar adversidades, exaltando uma espécie de vocação inata dos europeus para o campesinato e a industrialização e supervalorizando o aspecto vitorioso do processo de ocupação no Vale do Itajaí. Um número expressivo de memorialistas, geralmente, pesquisadores com laços familiares ou representantes de sua terra natal, já se dedicou ao estudo da imigração, pautando-se bem pouco na análise de fontes documentais ou problematização de processos históricos e muito mais ligados à transcrição de documentos. Tudo isso sem contar o estilo narrativo, eivado de uma carga simbólica voltada à exaltação ao passado, com efetiva recorrência à memória histórica. O propósito desses trabalhos de memória vincula-se à ordenação de fatos históricos voltados à solidificação do passado por meio da construção de especificidades locais, legitimando, assim, uma memória histórica de cunho oficial, sustentada por grandes personagens e registros histó-

ricos gloriosos. Predominava nesse processo de elaboração de memórias sobre a Imigração a construção de uma imagem de harmonia entre europeus, compondo certa homogeneidade na constituição de Blumenau e municípios ainda hoje vinculados entre si por raízes históricas e geopolíticas em comum.

Ao contrário dessa abordagem unilateral, os historiadores interessados em problematizar a História, a exemplo de Gabriel Dalmolin, têm realizado investigações sobre História e Memória longe de esquemas únicos de ações e pautados no estudo da mudança social, a partir das transformações provocadas pelos próprios sujeitos históricos, capazes de se infiltrar nas estruturas de dominação social mais rígidas. Isso é um indicativo de que os historiadores têm plena ciência de que o emprego de modelos de racionalidade, responsáveis pela elaboração de personalidades estáveis ou coerentes aos seres humanos, está fora de questão nos estudos históricos. Justamente por isso, os vínculos entre a história e a memória, naturalmente, têm uma relação “íntima e viva” com o passado em suas múltiplas formas, com especial interesse pela experiência de reconhecimento ativada pelos próprios seres humanos, pois somente a partir de uma “marca afetiva, o ato da rememoração se torna possível”¹. Portanto, os historiadores, ao unir “gestos e lugares” na análise histórica, utilizam operações dotadas de especificidades e requisitos próprios, com destaque à atenção direcionada ao tempo e ao espaço, a uma documentação específica e às épocas históricas, constitutivas de momentos singulares da “existência das sociedades”².

Mediante o compromisso com o rigor metodológico, a pesquisa histórica realizada por Gabriel Dalmolin valoriza uma infinidade de fontes documentais e vestígios históricos relacionados ao entendimento das especificidades do povoamento estrangeiro em Rodeio e direciona para o enriquecimento da História da Imigração no Brasil, ao extrapolar as análises exclusivamente voltadas aos grandes contingentes de estrangeiros destinados ao sudeste do país. Além disso, também identificou diferentes sujeitos históricos no âmbito da “Sociedade da Capela”, extrapolando a exclusividade de imigrantes de fala italiana e enaltecendo

as diferenças e semelhanças na convivência entre indígenas, luso-brasileiros, poloneses ou como são denominados nas fontes a partir de registros orais, respectivamente, como “selvagens”, “caboclos” e “polacos”. Por extensão, o historiador Gabriel Dalmolin explorou as relações de conflito e solidariedade entre o clero franciscano (germânicos) e os fiéis católicos (italianos) pertencentes a diferentes grupos sociais, regidos pela reciprocidade assimétrica, baseado em um sistema de desigualdades na interação entre clérigos e fiéis, protagonistas das ações de transformação que reafirmavam a “equidade de uma relação de intercâmbio entre pessoas desiguais”³.

No âmbito da reciprocidade, duas personagens aparentemente muito distintas, o anarquista de origem italiana, Giovanni Rossi e o padre germânico, Lucínio Korte, ambos estudiosos de agronomia, congregavam elementos da cultura agrícola dos colonos nas áreas de Rio dos Cedros, Rodeio e Ascurra. O propósito de ambos era trabalhar em prol da organização de uma cooperativa autônoma de Blumenau, gerando sensível melhora na exportação de produtos agrícolas cultivados nesses locais. Nesse processo, o pesquisador Dalmolin demonstrou claramente que não eram apenas os dois líderes quem atuavam em favor do incremento da economia local. Havia uma ampla participação dos habitantes na luta pela preservação de suas próprias escolhas, no tocante à religiosidade e à educação, mesmo diante de um clero franciscano pautado na hierarquia. E, não por acaso, tais condições deram o tom da “Sociedade da Capela”, sustentada pela fé, identidade nacional e tradições herdadas de seus antepassados. Portanto, a principal conclusão da pesquisa consiste em destacar a atuação dos sujeitos históricos, a partir de estratégicas formas de convivência, sem abrir mão da autonomia e imbuídos de suas experiências cotidianas na atuação junto às capelas, demonstrando reciprocidade na cultura agrícola, religiosidade e educação nas redes sociais locais.

Gabriel Dalmolin embasou sua narrativa nos domínios teórico-metodológicos das lides do ofício de historiador, neste livro que deriva de sua monografia de conclusão de curso e muito bem representa sua trajetória como acadêmico de História na Universidade Regional de Blumenau – FURB. Aprendeu as bases da pesquisa histórica também em sua

atuação como bolsista de iniciação científica no Centro de Memória Oral e Pesquisa – CEMOPE, laboratório da FURB que se dedica aos estudos sobre a História do Vale do Itajaí e História do Brasil Imperial e Republicano. E, desde sua entrada na graduação, em 2015, apresentou claramente sua ampla e irrestrita vontade de pesquisar sobre sua terra natal e acalentou o sonho de contribuir com a historiografia local, atualizando e debatendo temáticas pautadas pela História Social, com destaque para a diversidade das culturas dos agentes sociais que ali habitavam no final do século XIX e início do XX. Além disso, como estudioso da imigração italiana, contou com poucas bibliografias atualizadas sobre o tema, suprindo essa ausência com a participação em congressos sobre estudos de imigração, pautados na metodologia da micro-história. Seu envolvimento e amor pelo tema contribuiu para o delineamento de uma trajetória de pesquisa comprometida com o estudo minucioso de fontes, diversificadas e inéditas na historiografia sobre Rodeio e região, a exemplo das crônicas eclesiásticas do curato de Rodeio, do texto de Giovanni Rossi, traduzido da língua italiana e a importante documentação do consulado italiano, com relatórios acerca da educação e religiosidade, além de outras tantas contribuições.

Tenho imensa satisfação em ter compartilhado com Gabriel Dalmolin seu interesse pela pesquisa histórica sobre imigração e sustento com certeza, que sua formação como historiador esteve fortemente alicerçada em um compromisso com a verdade histórica, a partir de um aparato teórico-metodológico consistente e comprometido com a problematização das fontes históricas. Tal princípio de pesquisa não está pautado em opiniões, mas em trabalho científico regido por argumentos e regras da escrita da História, apontando para a importância em conceber o livro “A Sociedade da Capela: Trabalho, fé e educação no povoado de Rodeio (1883-1904)” como uma pesquisa histórica de qualidade, dotada de importantes respostas sobre Rodeio e as áreas de colonização de fala italiana em Blumenau.

Portanto, recomendo o livro e parabênizo ao autor, bem como ao executivo municipal de Rodeio por esta iniciativa

importante de valorização da história, com ampla liberdade e confiança depositada na Universidade Regional de Blumenau – FURB, como instituição formadora de professores-pesquisadores comprometidos com a cidadania e com o ofício de historiador. Desejo que as pesquisas de Gabriel Dalmolin continuem a aperfeiçoar a historiografia do Vale do Itajaí. Minha convicção como historiadora e professora consiste na constante e perseverante desmistificação de processos históricos cuidadosamente produzidos por textos laudatórios e elogiosos da formação populacional do Vale do Itajaí, desconsiderando sujeitos históricos não referenciados como importantes e politicamente centrais na História. O livro escrito por Gabriel Dalmolin integra-se às pesquisas sobre imigração realizadas junto ao Centro de Memória Oral e pesquisa, laboratório da FURB comprometido com a escrita da História, a partir de concepções voltadas ao respeito à diversidade, sem necessariamente apontar a hegemonia ou a minoria, vencedores ou vencidos, mas com o firme propósito de produzir novos saberes sobre o cotidiano e as diferentes formas de vida dos grupos humanos responsáveis pela gênese da história de Blumenau e região.

Blumenau, fevereiro de 2020.

Cristina Ferreira⁴
Historiadora e Professora da FURB

Notas

1. LORIGA, Sabina. A tarefa do historiador. In: GOMES, Ângela de Castro; BISSO, Benito Schmidt (org.). Memórias e narrativas (auto)biográficas. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009. p. 20.
2. SILVA, Renán. Lugar de dúvidas. Sobre a prática da análise histórica: brevíário de inseguranças. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 23.
3. LEVI, Giovanni. Reciprocidade Mediterrânea. In: ALMEIDA, Carla Maria Carvalho; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de (org.). Exercícios de Micro-história. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009. p. 58.
4. Professora efetiva de História do Brasil Imperial e Republicano na Universidade Regional de Blumenau – FURB, doutora em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e coordenadora do Centro de Memória Oral e Pesquisa – CEMOPE/Furb.

INTRODUÇÃO

A história do Médio Vale do Itajaí costuma se confundir com a da imigração europeia para o Brasil em meados do século XIX. A alemã, majoritária nas cidades de Blumenau, Indaial, Timbó e Pomerode, recebeu maior destaque na historiografia. Por outro lado, o número de trabalhos que visa estudar os núcleos de língua italiana na região, objeto desta pesquisa, é exíguo.

Dentro dessa proposta, pretendemos analisar historicamente a “sociedade da capela”, composta por elementos de fala italiana no município de Blumenau, durante o período de 1883 a 1904, utilizando o conceito de reciprocidade⁴ para discutir as relações estabelecidas pelos imigrantes no âmbito da cultura agrícola, da religiosidade e da educação. Esta “sociedade da capela” tinha como principal característica a estreita ligação entre as instituições comunitárias e a Igreja Católica, na qual as capelas, para além dos cultos religiosos, “tornaram-se centros sociopolíticos locais”⁵. Portanto, eram espaços de trocas culturais para os imigrantes italianos e tirolezes que se fixaram na região composta pelos atuais municípios de Ascurra, Rodeio e Rio dos Cedros.

A historiografia de Santa Catarina sobre a imigração de fala italiana é escassa⁶, especialmente sobre o Vale do Itajaí. A maioria das obras acerca da temática foi produzida por memorialistas⁷, responsáveis por criar “uma linha reta com o passado”⁸ sem críticas ao seu conteúdo, estando também “aberta à dialética da lembrança e do esquecimento”⁹, perceptível na negligência de determinados grupos sociais e de revitalizações ao longo do tempo com relação aos

imigrantes de fala italiana. Dessa forma, esses trabalhos visam “(re)positivar e reivindicar uma identidade italiana única”¹⁰, exaltando os feitos de seus antepassados.

Articulada a esse debate encontra-se a problemática da pesquisa, voltada à discussão sobre a reciprocidade entre os diferentes grupos de fala italiana, por intermédio do debate que envolve o entrelaçamento entre cultura agrícola, religiosidade e educação. O ponto de partida indica um questionamento acerca do suposto antagonismo, para evitar considerá-lo ininterrupto ou dicotômico, a partir da coexistência de momentos de discordância, mas também de convergência. As discussões em torno da memória estão atreladas ao problema, uma vez que as fontes desta pesquisa, como as crônicas eclesiásticas e os livros comemorativos, evocam as relações entre história e memória e devem ser problematizados em seu discurso e suas intencionalidades, voltadas à manutenção da italianidade na região de estudo.

Na contramão dos livros de cunho comemorativo opera a nova historiografia sobre imigração, vinculada aos debates da História Social e da metodologia da Micro-história. Tal abordagem permite observar os sujeitos por meio da construção de redes de sociabilidade diversas (compadrio, amizade, vingança etc.) e das trajetórias individuais desses estrangeiros. Sendo assim, “os imigrantes passam a ser vistos como atores sociais ativos”¹¹ e não como vítimas de um projeto de colonização por parte do Império do Brasil.

Este trabalho visa incorporar o viés metodológico inspirado na obra de Giovanni Levi¹², que discute o contexto econômico e religioso de uma aldeia piemontesa a partir da trajetória de um padre exorcista. Movimento similar tentamos imprimir nesta narrativa ao analisar a relação do anarquista Giovanni Rossi e do pároco Lucínio Korte com o florescimento das cooperativas agrícolas da região, utilizando casos de sujeitos particulares para pensar o todo de uma sociedade específica.

O recurso metodológico da Micro-história também está “calcado na exaustiva pesquisa documental”¹³. Dentre as fontes utilizadas há documentos eclesiásticos, periódicos,

livros comemorativos escritos por memorialistas e atas de associações, que devem ser questionadas a partir de seu discurso e suas intencionalidades. Dessa forma, é possível comparar as fontes a “espelhos deformantes”, não sendo nem janelas escancaradas tampouco “muros que obstruem a visão”¹⁴, sendo fundamental a crítica do historiador para articular a documentação com a pesquisa.

A dimensão da História social se faz presente ao problematizar “a constituição de atores sociais enquanto sujeitos históricos”¹⁵, caso dos imigrantes italianos e tirolezes e sua relação com questões econômicas, religiosas e educacionais associada com o clero franciscano. Na contramão de uma categoria estática em que os “homens não são os autores, mas os vetores”¹⁶ de toda uma estrutura social.

Por extensão, a pesquisa propõe desmobilizar as dicotomias presentes nas relações dos imigrantes com os demais grupos étnicos e político-religiosos do espaço de estudo, dentre eles os indígenas e o clero franciscano, por intermédio das “relações de cada grupo com todo outro grupo”¹⁷, em uma reciprocidade mútua entre os sujeitos sociais existentes nos campos da cultura agrícola, da religiosidade e da educação.

Tendo em vista esses princípios associados à História Social e à Micro-história, o primeiro capítulo, intitulado “*Ma cosa saralo st'América*': o estabelecimento dos primeiros imigrantes de fala italiana no Vale do Itajaí”, procura contextualizar o estabelecimento dos imigrantes nas “valadas” de Rodeio, Ascurra e Rio dos Cedros na virada do século XIX para o XX, visando identificar os diferentes sujeitos sociais que fizeram parte da formação desse espaço geográfico. Nesse sentido, visa articular o contexto micro e macro, relacionando acontecimentos globais e nacionais e criando uma “outra ideia de representatividade de um caso local”¹⁸, como nos núcleos de fala italiana em Blumenau, previamente citados. Logo, o contexto da imigração italiana para o Brasil, fortalecido a partir de 1875 e associado ao processo de transição do trabalho escravo para o livre, bem como a unificação dos Estados-Nacionais na Europa, são

discussões pertinentes para se pensar o trabalho. Também pretendemos desmobilizar as “sociedades da capela” como um espaço exclusivo de imigrantes de fala italiana, acoplando a participação de poloneses, luso-brasileiros e indígenas no convívio cotidiano dessas localidades.

O capítulo dois, intitulado “‘O capitalismo deve fatalmente triunfar’: a cultura agrícola dos imigrantes italianos em Blumenau”, pretende abordar as práticas de agricultura dos primeiros colonos, discutindo sua relação com a terra para a sobrevivência nas florestas brasileiras. Para tanto, procuramos “centrar as análises num período determinado”¹⁹ das trajetórias do “agrônomo anarquista”, Giovanni Rossi, e do “pároco erudito”, Lucínio Korte, para perceber suas articulações nos processos econômicos dessas “valadas” e analisar o surgimento das cooperativas que aumentaram a renda dos colonos a partir da exportação do tabaco. A presença de elementos de reciprocidade entre essas personagens distintas, existente na convergência em auxiliar o desenvolvimento econômico para a sobrevivência dos imigrantes e divergente no tocante ao modo de proceder, pois Rossi estava inserido nos preceitos anarquistas da autonomia e autogestão, e Korte, na obediência à hierarquia clerical.

Por fim, o último capítulo, intitulado “‘Entre bênçãos e maldições’: conflitos religiosos nos núcleos italianos do município de Blumenau”, tem o propósito de discutir a relação da religiosidade com a educação no contexto dos imigrantes de fala italiana no Vale do Itajaí, analisando a reciprocidade presente nos conflitos e convergências entre o clero franciscano e seus fiéis. Nesse ínterim, alicerçados em uma diversidade documental, discutimos as relações recíprocas entre os grupos, como uma espécie de entrelace, desmobilizando uma interpretação dicotômica sobre essas “valadas”.

Apesar da presença de um clero romanizado cujo intuito era orientar seus fiéis a “prestarem obediência irrestrita aos seus superiores”²⁰ no campo espiritual, os imigrantes italianos não foram passivos e obedientes às decisões da Igreja Católica, enquanto os tirolezes possuíam uma relação

mais afetuosa com os clérigos. Desse modo, criaram-se várias estratégias para driblar as imposições dos franciscanos alemães, embora não destoassem necessariamente em seu objetivo final, voltado à propagação do ensino e da religiosidade.

Notas

1. O historiador italiano Giovanni Levi, ao estudar uma sociedade agrária a partir da trajetória de um padre exorcista, percebeu que a reciprocidade podia “percorrer os caminhos da convivência, mas, também, os dos conflitos”, por intermédio de redes de solidariedade ou de inimizade organizadas pelos próprios indivíduos. Cf. LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 147.
2. DALLABRIDA, Norberto. *A sombra do campanário*. 1993. 230 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993. f. 54.
3. O primeiro trabalho acerca da temática foi publicado pelo sociólogo italiano Renzo Grosselli na década de 1980, com um viés enaltecedor das dificuldades encontradas pelos imigrantes. Cf. GROSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou Morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras Santa Catarina 1875-1900*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1987. Em seguida, foi publicada a dissertação de mestrado de Norberto Dallabrida, que aborda a centralidade religiosa das “sociedades da capela”. Cf. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 1993. O trabalho mais recente é de Clarícia Otto, que discute em sua tese de doutorado os jogos de poder entre os frades franciscanos e os imigrantes italianos. Cf. OTTO, Clarícia. *Catolicidades e italianidades: jogos de poder no Médio Vale do Itajaí e no sul de Santa Catarina*. 2005. 271 f. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
4. Entendidos aqui como “escritores que escrevem sobre história, mas cada um o faz da sua maneira”. As regras teórico-metodológicas da escrita da História acadêmica não prevalecem nessa forma de escrita. DOMINGUES, Viviane Pedroso. Especificando a validade do estudo sobre memorialistas através do uso da teoria da consciência histórica. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. *Anais* [...], São Paulo: ANPUH-SP, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 9 nov. 2018., p. 2

5. MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 25.
6. NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. p. 9.
7. DOLZAN, Janiane Cinara. *A (re)invenção da italianidade em Rodeio-SC*. 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. f. 21
8. VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre, MOREIRA, Paulo Roberto Sataudt (org.). *Ensaio de micro-história: trajetória e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 8.
9. LEVI, Giovanni, op. cit., 2000.
10. VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 110
11. GINZBURG, Carlo. Relações de força: história, retórica, prova. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. p. 44.
12. CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 88.
13. THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 57.
14. LEVI, Giovanni, op. cit., 2000. p. 53.
15. REVEL, Jacques. A história ao rés-do-chão. In: LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 35.
16. KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: VENDRAME, Maria Ines et al (org.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 34.
17. POSSAMAL, Paulo Cesar. "O Sepulcro do pudor": o combate aos bailes e a imposição de uma moral monacal pelos missionários aos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. *Métis*, Caxias do Sul. v. 2, n. 4, p. 247-262, jul./dez. 2003, p. 254.

CAPÍTULO 1

“MA COSA SARALO ST’AMERICA?”: O ESTABELECIMENTO DOS PRIMEIROS IMIGRANTES DE FALA ITALIANA NO VALE DO ITAJAÍ

A história das localidades de Rodeio, Ascurra e Rio dos Cedros está enraizada diretamente na Colônia Blumenau, criada em meados do século XIX. O diretor do núcleo colonial, o alemão Hermann Bruno Otto Blumenau, foi o responsável por articular a vinda de imigrantes de língua italiana para povoarem as terras mais montanhosas, devido a suas experiências em “lugares semelhantes”¹ sabendo melhor trabalhar nesse tipo de relevo.

A imigração de italianos em massa para o Brasil se iniciou em 1875, sob a coordenação do agente Joaquim Caetano Pinto Júnior, que “recebia do governo imperial o pagamento pelos imigrantes que entravam no país”², embora tenha abusado em certa medida do contrato e “ludibriado” algumas malhas de imigrantes. Caetano Pinto tinha a liberdade de introduzir as mais diferentes nacionalidades de estrangeiros, “entretanto, todos deveriam ser camponeses”³ para servirem como trabalhadores livres e ocupar as terras meridionais do Brasil.

O contexto brasileiro no século XIX estava associado com o processo de “transição do trabalho escravo para o livre”⁴, fortemente relacionado com a criação de leis⁵ que libertavam determinados grupos de escravos, até a abolição definitiva da escravatura, em 1888. Os motivos para a substituição do

trabalho escravo para o livre estavam associados a “uma ideologia racista propugnadora da imigração europeia como fonte de branqueamento de nossa população”⁶, uma vez que cerca de 70% desta era negra ou parda no último quarto do período oitocentista. Essa supremacia racial do branco estava diretamente ligada às “ideias do darwinismo social e da eugenia”⁷ criadas por cientistas europeus. Por fim, era importante para o governo povoar determinadas regiões onde havia pouca densidade urbana e demográfica, caso do Brasil Meridional, a exemplo das florestas do interior da província de Santa Catarina.

1.1 “Fortes e saudáveis, endurecidos pelo ar puro dos alpes”: a sobrevivência de italianos e tirolezes na floresta brasileira

A região de origem desses emigrados com destino para Blumenau era uma “terra de fronteira entre o mundo alemão e o mundo italiano”⁸, pois o Tirol havia servido por vezes como trincheira entre o Reino da Itália e o Império Austro-Húngaro. A região, atualmente conhecida como Trentino, “sentiu profundamente os efeitos da guerra”⁹ de unificação da península itálica, que acarretou migrações internas para outras regiões próximas dali, fortalecidas pelo medo da prestação do serviço militar¹⁰.

A sociedade tirolesa tinha como característica o trabalho predominantemente agrário. Dentre os motivos para a migração estavam crises no setor agrícola proporcionadas pelas “pragas no bicho da seda e nos vinhedos”¹¹, que dificultavam a economia local. Todavia, o maior problema era estrutural, uma vez que tanto italianos quanto tirolezes estavam inseridos em um “sistema agrário arcaico baseado no trabalho servil de pequenos proprietários”¹² a serviço das famílias de maior prestígio da região. O advento do capitalismo agravou a crise na cultura agrícola desses sujeitos, que viam na América um espaço com “terras em abundância para se tornarem proprietários”¹³, enquanto na Europa, trabalhavam nas terras de seus respectivos patrões.

A escolha do Brasil como destino muito se dava devido à ausência de “uma política de imigração evidente, diferentemente dos Estados da América do Norte”¹⁴, que segregava estrangeiros de uma mesma língua, a fim de “aculturá-los”¹⁵ e torná-los cidadãos americanos. Com o intuito de atrair esses imigrantes, o Império do Brasil estabeleceu a Lei de Terras, de 1850, que sentenciava a compra como a “única forma legal de aquisição de terras devolutas”¹⁶, passando a converter o dinheiro adquirido na venda dessas para imigrantes e nacionais em propagandas no estrangeiro.

As propagandas “exerciam no europeu a forma ideal do fascínio pelo sonho americano”¹⁷ por intermédio de histórias fabulosas de riquezas associadas muitas vezes com lendas populares como da Cucagna¹⁸. Dessa forma, a propaganda “incorporou uma série de discursos que enalteciam as diversas riquezas brasileiras”¹⁹ especialmente ligadas à fertilidade do solo e à abundância de suprimentos alimentares. Nesse contexto surgiram cantigas e panfletos com frases célebres que visavam atrair italianos e tirolezes para a América, como a seguinte:

Ma cosa saralo st' America?
Un mazzolin di Fiori
Che vien dalla montagna
Vardè che non se bagna
Chè l'è da regalar²⁰

Nesse trecho, a América é comparada com um buquê de flores, onde os imigrantes teriam as condições necessárias para “fundar estados e cidades”. Desse modo, o continente americano “transformou-se num ‘sonho’ porque representava a liberdade”²¹ e os imigrantes acreditavam que encontrariam tudo o que desejassem. A imigração, portanto, podia ser entendida como “uma forma de rebelar-se contra os senhores donos da terra”²², enxergando a América como uma alternativa ao sistema em que estavam inseridos. A

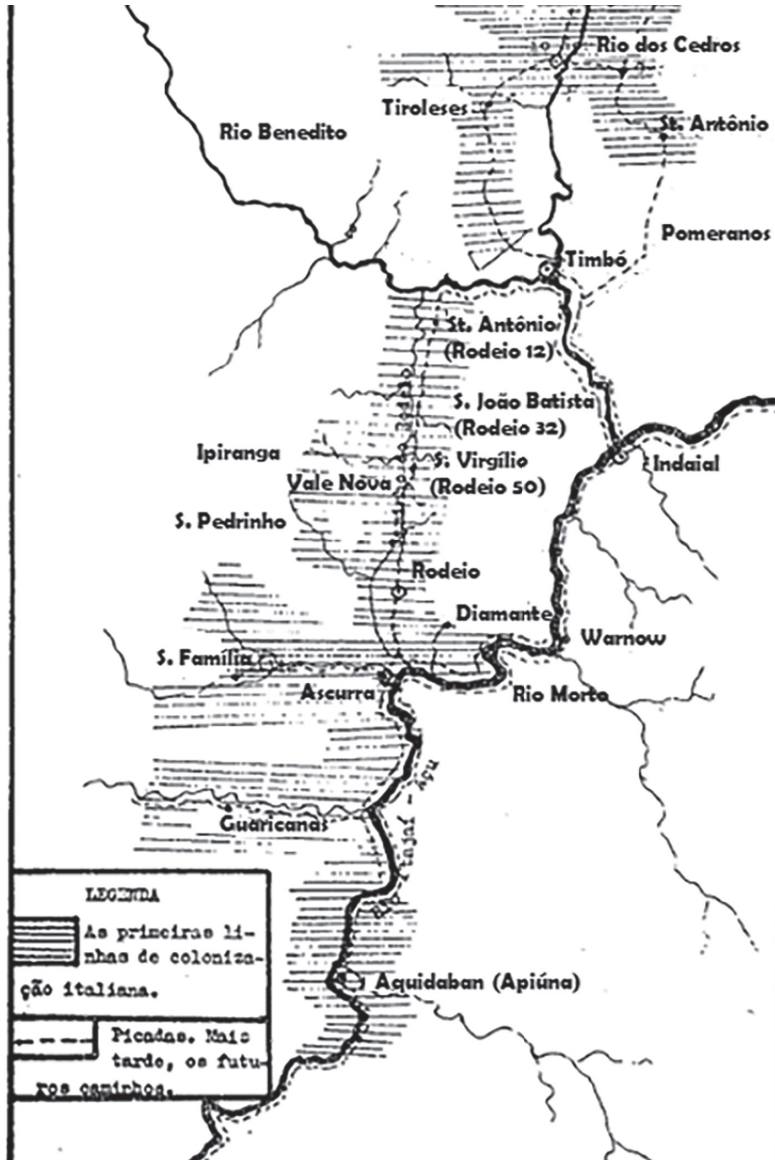
partir dessa dialética de propaganda e necessidade, tirolezes e italianos se dirigiram para as colônias do interior catarinense.

Exemplo disso foi a Colônia Blumenau “emancipada e elevada à condição de vila”²³ nos idos de 1883, deixando de ser uma colônia imperial sob direção de Hermann Blumenau. Embrenhados na floresta, no leste do estado de Santa Catarina, os imigrantes de fala italiana se fixaram nas “valadas”, assim conhecidas por estarem rodeadas de montes e florestas, denominadas de Rodeio, Ascurra e Rio dos Cedros²⁴.

Após três anos da emancipação, criou-se o 3º distrito de Indaial, que além da cidade homônima também “abrangeia os atuais municípios de Timbó, Benedito Novo, Rodeio, Rio dos Cedros e Ascurra”²⁵. As localidades de Rodeio e Ascurra formariam na década de 1930 o “Distrito de Arrozal”²⁶, assim chamado devido à rizicultura ser a atividade econômica mais significativa da região nesse período. A emancipação dessa região se deu gradativamente nos anos seguintes “sob a justificativa de que os distritos teriam maior autonomia política”²⁷, passando por um processo de desmembramento que reduziu o território blumenauense em 90% entre 1934 e 1938. Rodeio²⁸ foi emancipada de Timbó em 1937, já Ascurra e Rio dos Cedros foram emancipadas na década de 1960, de Indaial e Timbó, respectivamente.

Embora, essas localidades fossem as maiores, não eram as únicas existentes, como consta no mapa representado na Figura 1. Entretanto, podemos classificá-las de acordo com a atual definição geopolítica das cidades: a) pertence a Rodeio os lugarejos de Diamante e de Rio Morto, nas proximidades do rio Itajaí-Açu, além de São Pedrinho, Vale Nova, Ipiranga, São Virgílio (Rodeio 50), São João Batista (Rodeio 32) e Santo Antônio (Rodeio 12); b) Ascurra contempla as localidades de Guaricanas e Ribeirão São Paulo (Sagrada Família ou “Vinte e Quatro”); c) por fim, Rio dos Cedros contava com as regiões de Pomeranos, Santo Antônio e Tirolezes, esta última atualmente está inserida no município de Timbó. A hidrografia que cerca esse território possui dois afluentes principais, o Benedito e o Cedros, que desembocam no grande rio Itajaí-Açu.

Figura 1 - Área de colonização de fala italiana no Médio Vale do Itajaí²⁹



Fonte: Berri, Aléssio. A Igreja na colonização italiana no Médio Vale do Itajaí. Blumenau: Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1988.

A nomenclatura dessas localidades se insere no jogo que constrói o nome das coisas, compondo “uma espécie de teia de malha fina”³⁰ que permite perceber que as motivações para designar as localidades não são inocentes, tampouco naturais. O caso de Rio dos Cedros tem seu nome associado a sua localização geográfica, ao ser circunscrita nas “margens do rio dos Cedros”³¹, espécie de árvore bastante comum na região. Enquanto a localidade de Acurra recebeu a alcunha do próprio Hermann Blumenau “para assinalar a vitória decisiva das forças brasileiras na Guerra do Paraguai”³², dando o nome de um forte militar ao espaço em questão.

O caso de Rodeio é um pouco diverso. Os imigrantes tirolezes³³, ao partirem em uma picada de Indaial, chegariam ao povoado de Timbó, mas, como por ali já existiam habitantes alemães, decidiram seguir adiante, encontrando um lugarejo onde pretendiam se instalar. Porém, contra a vontade de Hermann Blumenau, decidiram descer o rio e depois de muito andar chegaram novamente ao ponto de partida, em Indaial, fazendo, portanto, “uma trajetória no sentido de um giro”³⁴ e alcunhando a localidade de “Picada do Rodeio”.

O primeiro grupo de tirolezes chegou a Blumenau em agosto de 1875. Os imigrantes eram acolhidos em barracões, onde ficavam “aguardando lotes que seriam distribuídos às famílias” que ali se aglomeravam. Embora os primeiros emigrados tenham chegado em agosto, a data oficial da “fundação de Rodeio” é comemorada em 18 de setembro, dia em que aconteceu a “entrega dos primeiros lotes através da administração”³⁶ do diretor da colônia, Hermann Blumenau. Todavia, cabe problematizar essa escolha já que “as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político”³⁷, sendo esta uma opção fortemente atrelada à necessidade de atribuir um dia festivo para a cidade, em especial durante os anos 1980, com a criação da festa La Sagra³⁸, inventada com o intuito de recordar “memórias construídas coletivamente”³⁹ acerca dos feitos dos antepassados oriundos do continente europeu.

As primeiras levas de imigrantes em Rodeio e Rio dos Cedros datam de 1875, quando “chegaram à Colônia Blumenau 1438 tirolese⁴⁰ provenientes do Império Austro-Húngaro⁴¹ e, portanto, “súditos austríacos de cultura italiana⁴². O hibridismo dessa região também conhecida como Tirol Meridional era demarcada pelos “[sobre]nomes terem estrutura germânica⁴³ como, por exemplo, Frainer, Beber e Moser, embora todos falassem o idioma italiano.

Diferentemente de Rodeio e Rio dos Cedros, os imigrantes instalados em Ascurra eram majoritariamente grupos de italianos reinóis, isto é, imigrantes oriundos das regiões do Vêneto e da Lombardia, súditos do Reino da Itália. No entanto, na região de estudo “muitas famílias vênetas se juntavam a famílias trentinas⁴⁴ como no caso das localidades de Ribeirão São Paulo (atual Ascurra) e São Pedro Velho (atual Rodeio), onde imigrantes italianos e tirolese convivia⁴⁵ lado a lado em suas propriedades.

Em contrapartida, embora partilhassem o mesmo espaço nas terras americanas e tivessem elementos em comum, como a fala italiana e a fé católica, destoavam na nacionalidade. Essa relação conflituosa remete ao processo de unificação da península itálica, liderado por Giuseppe Garibaldi (1807-1882), em que as regiões do Vêneto e da Lombardia foram anexadas ao reino italiano, enquanto o Tirol “permaneceu fiel à coroa austríaca⁴⁵, sendo anexado à Itália apenas com a outorga do Tratado de Paris Saint-Germain⁴⁶, em 1919.

As caracterizações dessa população oriunda do Tirol afirmavam ser gente “forte e saudável, endurecida pelo ar puro dos Alpes, ao exercício do trabalho pastoral e campestre⁴⁷, o que teria facilitado a adaptação ao trabalho nas florestas brasileiras de clima tropical. Esse discurso, traz elementos de determinismo geográfico - “onde o clima e o solo (meio) eram os fatores determinantes para o desenvolvimento cultural de uma nação⁴⁸, teoria científica bastante comum no século XIX, sugerindo que o sofrimento

com o frio alpino era um motor impulsivo para o trabalho na floresta tropical brasileira, pois estariam “acostumados” com as adversidades climáticas.

Ao povoarem os loteamentos, os imigrantes começaram a “praticar uma agricultura de subsistência”⁴⁹ e o excedente, como milho, arroz e fumo, era comercializado em troca de outros produtos, tais como ferramentas e querosene. Essas trocas podiam ser efetuadas em casas comerciais, já consolidadas pelos imigrantes alemães em Blumenau, Indaial e Timbó. Contudo, os povoamentos de grupos migratórios “reforçam o princípio básico do domínio sobre a natureza, peculiar a todas as sociedades humanas”⁵⁰, desse modo, além da agricultura, os imigrantes “caçavam e comiam frutos silvestres”⁵¹, como o palmito extraído da copa das palmeiras. Quanto às caçadas, abatiam os mais diferentes animais, tais como cutias, tatus, quatis ou mesmo as grandiosas antas, apreciadas por “sua carne saborosa, parecida com a de boi, e [por] não possuir nenhum odor selvagem”⁵², diferentemente de outras espécies.

Ainda com relação à natureza, os imigrantes entraram em contato com uma floresta densa, de insetos e predadores⁵³ desconhecidos que obrigaram os colonos a se adaptarem ao novo ambiente. Essa nova condição do imigrante remete a um processo de “estranhamento diante de uma realidade que se mostrava particularmente distante de seu próprio mundo”⁵⁴, sendo imprescindível “explorar os seus bens, [e] submeter os seus naturais”⁵⁵ para a subsistência.

Neste ínterim, era preciso ser “feroz” e “combativo” para evitar que algum animal selvagem, como as onças⁵⁶, saciassem sua fome com o gado dos colonos. Para tanto, armavam alçapões para aprisionar as feras que rodeavam as casas (Figura 2) em uma estratégia de sobrevivência aqui entendida como “o engano do dispositivo que consiste em atrair o adversário a um terreno onde já não se estará”⁵⁷, como no caso dessas armadilhas criadas por colonos e caçadores para sua defesa e da criação.

Figura 2 - “La tighera” capturada na propriedade da família Vendrami



Fonte: Cani, Iracema Maria Moser. *Rodeio: histórias e memórias*. Indaial: Uniasselvi, 2011.

Para além do imigrante como um sujeito em meio à floresta, os colonos estavam fortemente associados ao trabalho com a terra. Os discursos acerca desses imigrantes como indivíduos trabalhadores e de vida sofrível eram constantes, em especial nas obras memorialísticas que destacam “o trabalho árduo, as mãos calejadas e muita renúncia”⁵⁸ como a principal característica dos primeiros colonos. Segundo esse tipo de narrativa, os imigrantes italianos e tirolezes “fizeram seus dias de trabalho de sol a sol”⁵⁹ esse discurso também caracterizava “o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação”⁶⁰ passando a impressão de que não possuíam momentos de ociosidade, para o lazer e a confraternização

com a sociedade em que estavam inseridos, como se todo o seu tempo fosse destinado à atividade laboral.

Longe de negar que esses imigrantes tivessem compilado esforço braçal, seja na lavoura, seja na abertura de picadas feitas a machado e facão, seus descendentes apareciam como “herdeiros do espírito laborioso e pioneiro de seus ancestrais”⁶¹, a exemplo dos alemães emigrados para o Sul do Brasil. Essa exaltação da laboriosidade faz parte da tentativa de manifestar e criar uma homogeneidade entre os sujeitos, “excluindo-se desta forma as desavenças políticas, culturais e econômicas”⁶² no cotidiano em que tal sociedade estava inserida. Por fim, é necessário lembrar que esses discursos encontrados nas fontes são frutos da memória preservada pelos olhos das pessoas de outrora, expressa na oralidade e escrita “podendo ser contada das mais diversas maneiras”⁶³, passível revitalizações e invenções.

Por intermédio dos livros escritos por memorialistas, podemos perceber o protagonismo conferido aos imigrantes de língua italiana nas localidades de Rodeio, Ascurra e Rio dos Cedros de maneira similar ao dado aos imigrantes alemães em Blumenau. Porém, em alguns espaços específicos havia interações de falantes de italiano com outras etnias, formando uma “associação entre circularidades e hibridismos”⁶⁴, muitas vezes por meio do matrimônio, onde ambas as culturas se mesclavam, embora a italiana pareça ter mantido uma força mais emblemática⁶⁵, muito devido a sua expressiva quantidade de representantes. Dentre essas outras etnias havia os poloneses, vulgo “polacos”; os descendentes de portugueses, alcunhados de “caboclos” e os nativos (indígenas), chamados de “bugres” ou mesmo de “selvagens”, sempre com uma conotação pejorativa. Todos estavam embrenhados nos núcleos de fala italiana do então município de Blumenau.

1.2 “Selvagens”, “caboclos” e “polacos” sujeitos esquecidos em uma “sociedade italiana”

O contingente étnico na Colônia Blumenau era diverso, tanto que em 1882 contava com “16.000 habitantes, dos quais

71% germânicos, 18% italianos e 11% luso-brasileiros⁶⁶, além de poloneses, belgas e, é claro, os indígenas. Nos núcleos de fala italiana, assim denominados pela predominância desse grupo étnico, percebemos “circularidades e metamorfoses culturais⁶⁷ a partir de seu contato com os “selvagens”, “caboclos” e “polacos” – alcunhas que designavam os indígenas, os luso-brasileiros e os poloneses, respectivamente –, referidos desse modo nas fontes pesquisadas.

Desde os primórdios da colonização em Blumenau houve “contato entre os índios Xokleng e os imigrantes europeus⁶⁸, terra em que esse povo indígena seminômade vivia há centenas de anos, mas que passou a disputar com os brancos, o que muitas vezes resultou em derramamento de sangue. Os imigrantes definiam os indígenas como de baixa estatura e caminhar “recurvado como as rãs, emitindo voz rouca e selvagem⁶⁹, descrição que costumava ser atribuída aos nativos. O posicionamento do imigrante remete ao modo como uma cultura “vale-se de sua posição dominante para julgar a cultura ou o culto do outro⁷⁰, enfatizando em seu discurso a pretensa superioridade italiana sobre a nativa.

A partir disso, os descendentes desses estrangeiros mantiveram e perpetuaram a tese de que “os índios da época eram criaturas ferozes [e] sanguinários insaciáveis⁷¹, qualificando seus antepassados como vítimas desse processo de estranhamento entre essas duas civilizações. Esse tipo de narrativa está presente em trabalhos de memorialistas, escritos por meio de “suas experiências de vida e da tradição oral⁷² sobre a história de suas cidades. Suas narrativas, embora importantes para a sociedade local ou mesmo para pesquisadores, são distintas de trabalhos acadêmicos da área de história, “comandados por uma intenção e por um princípio de verdade⁷³, evidenciado pelo rigor metodológico da referenciação⁷⁴ e da congruência temporal.

Podemos utilizar como exemplo a memorialista Iracema Cani, pesquisadora e preservadora das histórias e memórias da sociedade rodeense e da “gente trentina”. Sua narrativa menciona que era necessário “conter as violências impiedosas dos selvagens, praticantes das piores atrocidades⁷⁵, enquanto

o imigrante era visto como um indivíduo “trabalhador, honesto e civilizado”⁷⁶, em uma abordagem estigmatizada no sentido de que o imigrante europeu sempre é caracterizado como mais eficiente, deixando de considerar a “comunicação entre homem e natureza”⁷⁷ e a importante função de “guardiões da floresta”, desempenhada pelos nativos. A própria alcunha de “selvagem” remonta às crônicas eclesiásticas⁷⁸ e à literatura da virada do século XIX para o XX, incorporando esse tipo de discurso que negligencia o fato de que “os imigrantes atacavam, [e] os índios revidavam”⁷⁹ em conflitos mútuos e recíprocos.

As discussões sobre a questão indígena se intensificaram com o advento da Primeira República, criando-se em 1910 o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), órgão que trazia consigo diversas contradições, dentre elas considerar o indígena “arredio e violento, [qu]e por isso, deveria ser pacificado”⁸⁰, incorporando o discurso da selvageria em relação aos nativos. Portanto, “acende-se aqui o conflito entre culturas”⁸¹, e os encontros e desencontros entre esses dois grupos resultou na criação de tropas “geralmente compostas de 8 a 15 homens, recrutados ou voluntários, bem armados, com a finalidade de afugentar os índios que invadissem as terras”⁸², conhecidos por bugreiros⁸³.

Nesse contexto, “armas de fogo foram constantemente utilizadas pelos colonos, nos momentos de aparecimento dos índios, independente da ocorrência do ataque”⁸⁴ e acabaram por dizimar parte significativa população nativa em toda a extensão do Vale do Itajaí. Enquanto os ataques efetuados pelos Laklãnõ/Xokleng ocorriam devido à falta de mantimentos, por meio do roubo de alimentos e utensílios como o ferro para melhorar suas condições de caça e coleta, os imigrantes, por sua vez, conflitavam em defesa da propriedade que haviam “obtido através da compra”⁸⁵ para o sustento e desenvolvimento do núcleo familiar.

Retomando os conflitos existentes entre imigrantes e indígenas, é possível analisar os embates entre tirolezes e poloneses com relação aos Xokleng, nas localidades pertencentes ao núcleo de Rodeio. Exemplo desses eventos combativos foi

descrito no Livro de Óbitos quando, em julho de 1902, “foram enterrados Jan Rigelski, de vinte e cinco anos e sua mulher, Maria Paholski, de vinte e um anos, matados [sic] cruelmente no dia um do mês em Ipiranga pelos índios selvagens”⁸⁶. Poucos dias depois fora sepultada a “inocente” Teófila, filha do casal que não resistira aos ferimentos do embate.

Anos antes, na localidade de São Pedro Velho⁸⁷ (Rodeio) o imigrante tirolês Giuseppe Zanluca e sua família também entraram em contato com os indígenas. Após sair para trabalhar na lavoura com seu irmão Angelo, Zanluca viu ao longe os índios se aproximando, mas não pareceu se importar muito com o avizinhamento. Pouco tempo depois, ouviu sua esposa gritando por socorro com as duas filhas junto de si e, ao encontrar-se com o marido, explicou que os “bugres” haviam invadido sua morada.

Giuseppe Zanluca saiu em disparada para sua casa, onde avistou três indígenas “que dançavam na frente da casa, enquanto que os outros, de dentro, surrupiavam o bom e o bonito”⁸⁸. Durante a fuga teriam acertado um pedaço de pau na mulher e quase atingiram a filha mais nova no movimento vertiginoso. No entanto, a narrativa do imigrante mostra como a memória é seletiva e “representa uma difícil invenção”⁸⁹, ao passo que está aberta a divagações e esquecimentos acerca de seu passado individual.

O discurso do proprietário também ignora os “ataques recíprocos”⁹⁰ entre imigrantes e indígenas, ao centralizar o argumento em seu caso específico e representar os nativos como saqueadores dançarinos que lhe roubavam os bens e horrorizavam seu núcleo familiar. Desse modo, percebe-se um “indicativo de que os colonizadores apenas falavam dos índios, sem jamais conseguir referir-se a eles como um sujeito ou dialogar com os mesmos”⁹¹, sendo de fato tratados como meros “selvagens” ferozes, com ânsia de trucidar quem cruzasse seu caminho.

Além dos indígenas, a presença de luso-brasileiros na região de estudo também é anterior aos grupos de fala italiana,

pois remonta a uma década antes da chegada dos primeiros italianos e tirolezes. Sobre esses nacionais, podemos dizer que “a presença desses moradores em Rio Morto originou-se do fato de que, em 1866, o Governo Imperial, visando reforçar as tropas brasileiras”⁹² na Guerra do Paraguai, lançou mão do recrutamento massivo de homens e alguns deles optavam por refugiar-se em localidades afastadas, tais como a região citada⁹³. Embora possa causar estranheza, a presença desses sujeitos em meio a povoações de imigrantes europeus não era incomum, uma vez que a Lei Geral n° 601 estabelecia “que as terras de domínio público (devolutas) deviam ser medidas e demarcadas e autorizava o governo a nelas estabelecer colônias de nacionais e estrangeiros”⁹⁴, podendo coexistir em um mesmo núcleo colonial de forma mútua.

Desse modo, somente em 1871 os agrimensores contratados pelo diretor da colônia, Hermann Blumenau, “encontraram um núcleo de moradores, todos caboclos, instalados em toscos casebres, já com plantações e animais domésticos”⁹⁵, às margens do rio Itajaí-Açu. Todavia, na visão empreendedora da colônia havia um vazio demográfico, pois a população “cabocla” era “considerada incapaz de promover uma ocupação compatível com o progresso idealizado”⁹⁶ pelos estrangeiros, especialmente os germânicos, que tinham, na percepção da direção colonial, um “espírito empreendedor e laborioso”⁹⁷ enquanto os não germânicos estavam fadados ao ócio e à vadiagem.

Além da localidade de Rio Morto, outra área que compreendia um importante número de nacionais era Diamante, muito próximas uma da outra. Esta última receberia o nome, como reza a lenda, após dois pescadores exercerem seu ofício nas proximidades de uma ilha no rio Itajaí-Açu. Durante a tarrafeada, encontraram diversas rochas, entre elas uma pedra muito lisa e brilhante; ambos teriam discutido sobre guardar a pedra como recordação, porém decidiram jogá-la de volta ao rio. Ao lançarem a pedra, ela “desprendeu um brilho extraordinário e foi clareando toda a água em direção ao fundo”⁹⁸. Apesar de incontáveis tentativas, não conseguiram recuperar a suposta preciosidade. Convictos de

seu azar, voltaram para casa e recontaram a história para os demais, que passaram a chamar as proximidades da ilha de Diamante.

Os contos e recontos desse mito de origem remetem a questões da memória e sua vulnerabilidade quanto aos seus “usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações”⁹⁹, tendo em vista que não há como controlar as formas como são contadas, a partir da transmissão oral. Diante desse “mito de origem”, utilizou-se enquanto recurso metodológico “o nome como fio condutor”¹⁰⁰, com o intuito de explanar esses sujeitos “esquecidos”, conhecidos como “caboclos”, encontrados nos arredores do rio Itajaí através da história de origem do nome da localidade.

Assim como os “caboclos”, o grupo étnico dos “polacos” também fazia parte da composição social da região em estudo, todavia “foram os últimos a começar a chegar”¹⁰¹ no processo imigratório do século XIX. Dessa forma, a exemplo do período imperial, a República também investiu no processo migratório e a população polonesa teve destaque a partir desse momento, quando “entre 1890 e 1914, 96.116 poloneses aportaram na cidade do Rio de Janeiro, para em seguida se dirigir aos estados”¹⁰², com a região Sul do país sendo o principal destino.

Os imigrantes poloneses chegaram ao município de Blumenau ainda em 1890, quando “um bom número de imigrantes polacos”¹⁰³ foi introduzido em lugares altos, montanhosos, de difícil acesso e pouco férteis nas localidades de Ipiranga, Pinheiro, Josefina e Rio Milanês, correspondentes aos atuais municípios de Rodeio, Benedito Novo e Rio dos Cedros. Esse processo não estava desarticulado da tendência macroscópica, tendo em vista que de modo geral “os poloneses chegaram com poucos recursos e ficaram com os piores lotes”¹⁰⁴, em relação às outras etnias, sobretudo no Brasil meridional.

Sobre o povoamento dos poloneses nas regiões mais altas (e conseqüentemente mais gélidas), pedregosas e propensas ao contato com as povoações indígenas e de grandes felinos¹⁰⁵, elencamos alguns aspectos da compra dos

lotes. Diante do fato de que, “enquanto alguns possuíam poucos recursos, outros tinham uma situação financeira melhor”¹⁰⁶, tendo um pouco mais de facilidade de angariar dinheiro para efetuar a compra dos terrenos.

Essa segregação geográfica dos poloneses em relação às demais etnias pode ser explicada por dois motivos: 1) a chegada em Blumenau muito tempo depois dos alemães e italianos; 2) estes, em geral, dispunham de melhores condições financeiras e, “além de trazer muitos utensílios e ferramentas, vendiam suas pequenas terras”¹⁰⁷, guardando para efetuar a compra de glebas em melhores situações. Também cabe ressaltar que eram designados como “polacos” pelos demais grupos étnicos, por serem vistos “apenas como parte indiferenciada de um universo desconhecido ou discriminado”¹⁰⁸, no qual se classificava uma diversidade de etnias eslavas¹⁰⁹ como um mesmo povo.

Quanto à nacionalidade polonesa, convém problematizar a abordagem, porque, “nesse momento, a Polônia não existia como país independente”¹¹⁰, pois seus territórios estavam divididos desde o final do século XVIII entre o Império Austro-Húngaro, o Russo e o Prussiano (atual Alemanha). Esse grupo étnico viu na América não apenas uma fuga para condições financeiras melhores, mas também uma espécie de refúgio “onde pudesse reconstruir sua história e cultivar seus valores culturais”¹¹¹ em tempos de desterritorialização. A construção da polonidade, portando, passou a ser “transformada em uma história das relações simbólicas de força”¹¹², associada ao discurso de pertencimento.

Nesse ínterim, “movimentos nacionalistas atuantes nos territórios ocupados se organizavam para reconquistar a independência do Estado polonês”¹¹³, dinâmica que se estendeu também em solo brasileiro. No contexto da formação dos estados nacionais, foram criados “símbolos e acessórios inteiramente novos”¹¹⁴, como a construção de uma “única língua vernacular como meio dominante de comunicação”¹¹⁵, já existente entre os poloneses, que se viam no direito de constituir sua própria nação. A identidade, portanto, era evidenciada como “objeto de representações mentais”¹¹⁶ por

meio da linguagem do local de origem e reportada para a “nova pátria”, o Brasil.

Entre os anos de 1895 e 1904, em documento registrado pelo pároco Lucínio Korte, podemos averiguar a diversidade étnica por intermédio do número de sepultamentos no Cemitério de Rodeio, cujo levantamento de dados pode ser verificado na Tabela 1.

Tabela 1 – Sepultamento de fiéis por etnia no Cemitério de Rodeio

Etnia	Número de mortes	Local de falecimento predominante
Italiana ou tirolesa	85 mortes	Rodeio
Polonesa	31 mortes	Ipiranga
Brasileira	10 mortes	Diamante e Rio morto
Alemã	1 morte	Rio Morto
Total	127 mortes	-

Fonte: Livro de Óbitos do Curato de Rodeio. Rodeio, n. 1, 1895.

Durante o período citado foi registrado um total de 127 mortes, sendo 85 (67%) italianos e tiroleses, 31 (24,4%) poloneses, 10 (7,8%) luso-brasileiros e um alemão (0,8%). Os números, embora não tratem de um censo geral de habitantes e sim da mortalidade, demonstram uma maioria de imigrantes de fala italiana, mas também uma parcela significativa de poloneses, estabelecidos na localidade montanhosa de Ipiranga¹¹⁷, e de luso-brasileiros, instalados em Rio Morto e Diamante, à margem esquerda do Rio Itajaí-Açu. Contudo, percebemos como determinadas etnias ficaram “confinadas ao silêncio”¹¹⁸, enquanto a italiana se sobressaiu como se fosse a única a ter colaborado com a história rodeense.

Esse esquecimento para com as etnias “não italianas” ignora o próprio contexto religioso, como podemos perceber a partir do episódio da colocação da pedra fundamental da Igreja São Francisco de Assis, em Rodeio, ocorrida em 1898. A cerimônia tinha o intuito de comemorar a colocação do primeiro bloco de pedra da nova Igreja, por isso foi “totalmente

ornada por flores”, confirmando-se uma grande celebração com “sermões em língua italiana, portuguesa e polonesa”¹¹⁹.

Frei Manolfo fez o sermão em italiano e frei Daniel Lepich “pregou em português e polonês”¹²⁰, enquanto o padre Herculano e o futuro pároco, Lucínio Korte, presidiram a celebração. A presença dessas línguas em um evento desse porte demonstrava o significativo número de poloneses e luso-brasileiros presentes na comunidade, a ponto de ter sido feito um sermão específico em sua língua vernácula. Sem embargo, não podemos desconsiderar a própria necessidade dos frades em se comunicar com seus respectivos fiéis, independentemente da origem étnica.

A participação dos poloneses na sociedade local esteve bastante associada à agricultura, embora alguns indivíduos se destacassem em outras funções, caso das parteiras, a exemplo da imigrante conhecida como *Nonna*¹²¹ Ostrowski, “que viera formada da Polônia”¹²² e uma das pioneiras do ramo na localidade. Essa peculiaridade demonstra também a presença de mão de obra qualificada, já que alguns imigrantes traziam utensílios e empregavam seus conhecimentos atuando na condição de professores, pedreiros, artesãos e carpinteiros.

Esses trabalhadores, portanto, empregaram força de trabalho nos núcleos italianos do município de Blumenau. Contudo, essas localidades acabaram criando um discurso ao longo dos anos de “cidade italiana em terra brasileira”¹²³, naturalizando a italianidade (ou trentinidade) dessas regiões “o que por sua vez negligencia as outras etnias que também colonizaram a região”¹²⁴, como os poloneses e os luso-brasileiros. Desse modo, percebemos como “a memória é seletiva, [pois] nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado”¹²⁵, optando-se por dar maior vasão para um determinado grupo étnico e social em detrimento de outro.

A variedade étnica dos núcleos italianos do município de Blumenau foi percebida através do uso de fontes diversas, a exemplo do Livro de Óbitos encontrado no Convento Franciscano (CFR), registrado pelo pároco Lucínio Korte, inédito na historiografia por ter sido utilizado apenas nesta

pesquisa¹²⁶, bem como das interações e circularidades entre poloneses, luso-brasileiros e indígenas com os grupos de fala italiana. Entretanto, apesar das mais diversas particularidades de cada grupo étnico, além do “avizinhamento” geográfico, possuíam redes de sociabilidade que consolidavam casamentos interétnicos, como entre tiroleses e poloneses, além de uma cultura agrícola em comum, baseada na subsistência por intermédio do trabalho com a terra.

Esses sujeitos de múltiplas nacionalidades e línguas também possuíam mais um traço em comum, uma cultura agrícola baseada na subsistência por intermédio do trabalho com a terra. Dessa forma, esses grupos buscaram estratégias que facilitassem a sobrevivência, como sociedades de autoajuda e cooperativas que contaram com o apoio de duas lideranças locais, o frei Lucínio Korte e o veterinário Giovanni Rossi.

Notas

1. DELLAGIUSTINA, Nélon. *Do Trentino a Rodeio: Família Pegoretti*. Blumenau: 3 de maio, 2016. p. 27.
2. CANI, Iracema Maria Moser. *Rodeio: histórias e memórias*. Indaial: Ed. Uniasselvi, 2011. p. 31
3. FERREIRA, Cristina; KOEPEL, Daniel Fabricio. *Representações da cidade: discussões sobre a história de Timbó*. Blumenau: Edifurb; Timbó: Fundação Cultural, 2008. p. 104.
4. MOTTA, Márcia Maria Menendes. *Nas fronteiras do poder: conflito e direito à terra no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura; Arquivo Público do estado do Rio de Janeiro, 1998. p. 18.
5. Como, por exemplo, a Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei dos Sexagenários (1885). No entanto, é importante frisar que havia estratégias para os escravos se libertarem, da mesma maneira que havia para os senhores manterem a propriedade sobre determinados escravos, conforme explica Sidney Chalhoub ao discutir sobre a “precarização da liberdade”. Cf. CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
6. BOSI, Alfredo. Cultura. In: CARVALHO, José Murilo de (org.). *A construção nacional: 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 258.
7. FERREIRA, Cristina. *Cidadania e identidade na sociedade teuto-brasileira: José Deeke e os embates interétnicos no Vale do Itajaí*. 1998. 165 f.

- Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. f. 112.
8. GROSSELLI, Renzo Maria. *Colônias Imperiais na Terra do Café: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008a. p. 21.
 9. ALTMAYER, Everton. Aspectos identitários da imigração tiroleza no Brasil. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 56, n. 6, p. 55-76, nov./dez. 2015, p. 61.
 10. GROSSELLI, Renzo Maria, op. cit., 2008a, p. 59-62.
 11. Idem. Os tirolezes italianos na Colônia Blumenau: de malfeitores a amantes da “Ordem e Progresso”. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 56, n. 6, p. 23-39, nov./dez. 2015, p. 31.
 12. ALTMAYER, Everton. Os tirolezes italianos e sua presença no Brasil. In: BONATTI, Mário; ALTMAYER, Everton (org.). *O dialeto trentino no Brasil*. Blumenau: Nova Letra, 2016. p. 70.
 13. VENDRAME, Maíra Ines. *Lá éramos servos aqui somos senhores: a organização de imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914)*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007. p. 233.
 14. FERREIRA, Cristina; KOEPESEL, Daniel Fabricio, op. cit., 2008. p. 29.
 15. No sentido da tentativa de impor sua cultura, todavia, a historiografia demonstra como as relações entre cultura popular e erudita não se dão de maneira dicotômica, defendendo-se uma circularidade entre as diferentes culturas. Cf. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
 16. MOTTA, Márcia Maria Menendes, op. cit., 1998. p. 141.
 17. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011. p. 43.
 18. A lenda sobre a Cucagna, retrata um país mitológico onde o clima era sempre agradável, o vinho e a comida eram fartos, o trabalho não existia e as pessoas não envelheciam. Um estudo importante acerca de fábulas de um país imaginário é abordado pelo historiador Hilário Franco Júnior, tratando de historietas criadas desde o medievo e que seguiram sendo rememoradas por diversas temporalidades. Cf. FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
 19. FERREIRA, Cristina; KOEPESEL, Daniel Fabricio, op. cit., 2008. p. 109.
 20. Tradução do autor: O que será est’ América? / Um buquê de flores/ Que vem da montanha/ Veja que não se molha/ Quero para presentear. Este trecho, presente no livro do cinquentenário de Blumenau, aparece como um híbrido de duas músicas italianas bastante conhecidas, intituladas *Mérica, Mérica* e *Il massolin di Fiori*. ROSSI, Giovanni. *Gli Italiani nel Municipio di Blumenau*. In: *Commemoração do 50º Aniversário de Blumenau*, 1900, p. 26.

21. VENDRAME, Máira Ines, op. cit., 2007. p. 233.
22. SILVA, Marilda Rosa Galvão Checcucci Gonçalves da. *Imigração italiana e vocações religiosas no Vale do Itajaí*. Campinas: Ed. Unicamp; Blumenau: EdiFurb, 2001. p. 32.
23. NICOCELI, Vanessa. *Hermann Blumenau: Uma experiência de colonização em Santa Catarina (1846-1884)*. 2014. 205 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. f. 185.
24. Atualmente, segundo o censo IBGE (2018), o município de Rodeio conta com 11.502 habitantes, Rio dos Cedros com 11.542 e Ascurra com cerca de 7.889. Cf. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 set. 2018.
25. FERREIRA, Cristina; KOEPESEL, Daniel Fabricio, op. cit., 2008. p. 227.
26. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011. p. 91.
27. Também fora uma estratégia do governo Vargas para desmobilizar divergências políticas regionais nos municípios. Cf. FERREIRA, Cristina; KOEPESEL, Daniel Fabricio, op. cit., p. 297-298.
28. O território de Rodeio contava também com o distrito de Benedito Novo, que se emancipou em 1961 e que mais tarde, em 1988, teve um extenso território emancipado, dando origem ao município de Doutor Pedrinho.
29. Cabe mencionar que a disposição dos lotes ficou interpretado de forma errônea, pois os lotes de terra possuíam 200m de frente por 1.000m de fundo e não se encontravam nas localidades de Ascurra e Diamante, nem entre Rio dos Cedros e Tiroleses.
30. GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989. p. 175.
31. FERREIRA, Cristina; KOEPESEL, Daniel Fabricio, op. cit., 2008. p. 57.
32. FINARDI, José. *Colonização Italiana de Ascurra: subsídios para a história do município 1876-1976*. Blumenau: Casa Dr. Blumenau, 1976. p. 26.
33. Ressalta-se que o Tirol era dividido em uma parte predominantemente de língua italiana e, outra, de fala alemã, sendo assim “um ‘tirolês’ não é sinônimo de ‘falante de alemão’, assim como um ‘trentino’ não é sinônimo de ‘falante de italiano’”. Cf. ALTMAYER, Everton, op. cit., 2016, p. 20.
34. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011. p. 150.
35. DELLAGIUSTINA, Nélon, op. cit., 2016. p. 36.
36. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., p. 148. Com relação às levas de imigrantes chegadas em Blumenau em 1875 a autora elenca três ao todo. A primeira contou com 20 famílias que chegaram no porto de

- Itajaí em 15 de agosto de 1875, a segunda chegou no mês seguinte, contando com 34 famílias, enquanto a última, desembarcou em 28 de outubro do mesmo ano, com 60 famílias a bordo. Cf. *Ibidem*, p. 56-57.
37. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. p. 204.
 38. A data setembrina é próxima também do dia da primeira padroeira da cidade, Nossa Senhora das Dores (*Madonna Dolorata*), comemorada em 15 de setembro. Cf. DOLZAN Janiane Cinara. *A (re)invenção da italianidade em Rodeio-SC*. 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. f. . 37.
 39. POLLAK, Michael, op. cit., 1992. p. 201.
 40. Esse número é referente aos oriundos entre 1875 e 1878. Cf. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011, p. 57.
 41. A variedade linguística do Império Austro-Húngaro, domínio de origem desses imigrantes do Tirol, era gigantesca, sendo que “doze eram as línguas oficiais, entre elas o alemão, o italiano, o tcheco, o polonês”, entre outras tantas Cf. ALTMAYER, Everton, op. cit, 2015, p. 57.
 42. DALLABRIDA, Norberto. Imigração e Colonização de Trentinos e Italianos na Colônia Blumenau. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 56, n. 6, p. 7-22, nov./dez. 2015, p. 11.
 43. BONATTI, Mário. Centenário dos Italianos em S. Catarina. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 15, v. 9, p. 151-152, set. 1974, p. 151.
 44. DELLAGIUSTINA, Nélon. *Família Dellagiustina: Saga Vêneta em Rodeio*. Ibirama: Edigrave, 2014. p. 22.
 45. ALTMAYER, Everton, op. cit., 2016. p. 39.
 46. Tratado que redefiniu as divisões territoriais na Europa após o término da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).
 47. Tradução do autor para: “*La gente trentina, in generale è forte e sana, temprata alle purê aure delle Alpi, all’ esercizio dei lavori pastorali e campestri*”. ROSSI, Giovanni, op. cit., 1900. p. 26.
 48. FERREIRA, Cristina, op. cit., 1998. f. 109.
 49. DELLAGIUSTINA, Nélon, op. cit., 2016. p. 28
 50. BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 19.
 51. DELLAGIUSTINA, Nélon, op. cit., 2016. p. 43.
 52. Tradução nossa. TRENTINI, Alessandro. Vicissitudes da caça. In: *Commemoração do 50º Aniversário de Blumenau*, 1900. p. 26.
 53. GROSSELLI, Renzo Maria. Os tirolezes italianos na Colônia Blumenau: de malfeitores a amantes da “Ordem e Progresso”. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 56, n. 6, p. 23-39, nov./dez. 2015, p. 27.
 54. FERREIRA, Cristina; SILVA, Michel Honório da. *Hermann Blumenau e o Sul do Brasil: narrativas de viagens aos emigrantes germânicos e*

- a gênese da colônia Blumenau. [Blumenau]: PROPEX-FURB, 2018. Relatório de pesquisa.
55. BOSI, Alfredo, op. cit., 1992. p. 15.
56. Os imigrantes de fala italiana “não distinguem a onça da pantera ou do tigre”, denominando estes felinos em língua dialetal como “La Tighera”.
57. REVEL, Jacques. A história do rés-do-chão. In: LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 23.
58. BERTOLDI, José; SCOTTINI, Guido. *Rodeio 1875-1975: Aspectos de sua História e de sua gente*. Blumenau: Gráfica 43, 1975. p. 12.
59. JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. *Interpretação Regional do Município de Rodeio*. [S.l.: s.n.], 1948. p. 16.
60. WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 11.
61. FERREIRA, Cristina, op. cit., 1998. f. 106.
62. Ibidem. p. 106.
63. CONSTANTINO, Núncia Santoro. *Italianos na cidade: a emigração itálica nas cidades brasileiras*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2000. p. 15.
64. HERMANN, Jacqueline. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 506.
65. Vale mencionar que grande parte dos descendentes de poloneses em Rodeio viviam no que se configurou mais tarde como distrito de Benedito Novo, que se emancipou em 1961, enquanto outros mudaram-se para Jaraguá do Sul e arredores. Cf. JAMUNDÁ, Theobaldo Costa, op. cit., 1948.
66. PELLIZETTI, Beatriz. *Um banco de imigrantes em Santa Catarina*. Blumenau: Gráfica 43; Casa Dr. Blumenau, 1985. p. 33.
67. VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 67.
68. WITTMANN, Luisa Tombini. *Atos do Contato: histórias do povo indígena Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926)*. 2005. 214 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. f. 7.
69. ZANLUCA, Giuseppe. Documento do Professor da Escola de Rio dos Cedros. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 17, n. 10, p. 385-387, out. 1976, p. 386.
70. BOSI, Alfredo, op. cit., 1992. p. 62.
71. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011. p. 38.
72. DOMINGUES, Viviane Pedroso. Especificando a validade do estudo

- sobre memorialistas através do uso da teoria da consciência histórica. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH-SP, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 9 nov. 2018. p. 2
73. CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certeza e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 15.
74. Cabe ponderar que alguns trabalhos citam fontes em notas de rodapé e possuem certo cuidado metodológico, exemplo disto é Aléssio Berri, que faz uso do recurso para referenciar as crônicas eclesiais empregadas em sua narrativa. Cf. BERRI, Aléssio. *A Igreja na colonização italiana no Médio Vale do Itajaí*. Blumenau: Casa Dr. Blumenau, 1988. Também podemos citar Néelson Dellagiustina, que, apesar de produzir um livro genealógico de sua família materna, não negligencia métodos de referência de fontes e bibliografias, citando inclusive Michel Foucault. Cf. DELLAGIUSTINA, Néelson, op. cit., 2016. Por fim, no Jamundá faz reflexões filosóficas e traz Gilberto Freyre com o clássico *Casa-grande & senzala* ao tratar sobre a importância dos côrregos para os colonizadores. Cf. JAMUNDÁ, Theobaldo Costa, op. cit., 1948.
75. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., p. 41.
76. Ibidem, p. 41.
77. FERREIRA, Cristina; KOEPESEL, Daniel Fabricio, op. cit., 2008. p. 53.
78. Exemplo disso é a citação ao assassinato da família Rigelski, imigrantes poloneses que viviam na localidade de Ipiranga (Rodeio), onde a crônica escrita pelo pároco Lucínio Korte destaca que “muitas vezes já os selvagens entre os limites do Curato [de Rodeio] cometeram crimes semelhantes”, no caso, o assassinato. Cf. LIVRO Tombo da Paróquia São Francisco de Assis de Rodeio. Rodeio, n.1, 1900.
79. WITTMANN, Luisa Tombini. *O vapor e o botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926)*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007. p. 41.
80. FERREIRA, Cristina; KOEPESEL, Daniel Fabricio, op. cit., 2008. p. 57.
81. BOSI, Alfredo, op. cit., 1992. p. 71.
82. DELLAGIUSTINA, Néelson, op. cit., 2016. p. 39.
83. O termo “bugre”, em italiano “bulgheri”, era utilizado pelos imigrantes para se referir aos indígenas. Dentre os mais conhecidos estava Martinho Marcelinho de Jesus, apelidado de Martinho Bugreiro.
84. WITTMANN, Luisa Tombini, op. cit., 2005. f. 27.
85. MACHADO, Paulo Pinheiro. *Política de colonização no Império*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999. p. 25.
86. Estranhamente a imigrante Maria não possuía o sobrenome com o sufixo “a” no final, ao invés do “i”, como a maioria das outras polonesas presentes no Livro de Óbitos. Esta diferenciação é bastante comum até

- hoje na Polônia para caracterizar o gênero da sua prole (LIVRO de Óbitos do Curato de Rodeio. Rodeio, n.1, 1895.
87. O nome da localidade está fundamentado no patrono da capela local, São Pedro, havendo a diferenciação entre dois bairros na atual geopolítica rodeense. O primeiro é o bairro São Pedro Velho (vulgo São Pedrinho), enquanto o segundo, é conhecido como São Pedro Novo, embora fosse chamado pelos imigrantes de “Valenova”. Existe diferenciação entre Velho e Novo porque o último teve sua estrada ligada a Picada Rodeio em um período posterior ao primeiro.
 88. O acontecimento teria ocorrido em 29 de janeiro de 1889 na propriedade de Zanluca. O fato é relatado no Livro Comemorativo do Cinquentenário de Blumenau (1900). Após o sucedido, Giuseppe tornaria com sua família para a região de Rio dos Cedros, de onde havia saído com o intuito de ganhar mais dinheiro. Cf. ZANLUCA, Giuseppe, op. cit. 1976. p. 386.
 89. LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Ed. Unicamp, 1990. p. 437.
 90. WITTMANN, Luisa Tombini, op. cit., 2005. f. 15.
 91. FERREIRA, Cristina; KOEPESEL, Daniel Fabricio, op. cit., 2008. p. 54.
 92. FINARDI, José. *Figuras do Passado: José Antônio de Amorim. Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 17, v. 8, p. 332-334, ago. 1976. p. 332.
 93. A localidade de Rio Morto era “assim por eles denominado por formar o rio Itajaí-Açu nessa área, extenso remanso, de águas calmas e naturalmente piscosas”. Cf. *Ibidem*. p. 332.
 94. MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. *Revisitando a história da imigração e da colonização no Paraná provincial*. Londrina: Antíteses, v. 8, n. 16, jul./dez. 2015. p. 217.
 95. FINARDI, José, op. cit., 1976. p. 232.
 96. MENDONÇA, Joseli Maria Nunes, op. cit., 2015. p. 221.
 97. FERREIRA, Cristina, op. cit., 1998. f. 106.
 98. GONÇALVES, José. A origem da denominação da localidade de Diamante. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 18, v. 7, p. 228-229, jul. 1977. p. 229.
 99. NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. p. 9.
 100. GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo, op. cit., 1989. p. 176.
 101. FORTES, Alexandre. Os outros “polacos”: classe e identidade étnico-nacional entre imigrantes do leste europeu em Porto Alegre. In: BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando Teixeira da (org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, Ed. Unicamp, 2004. p. 321.
 102. OLIVEIRA, Márcio de. Origens do Brasil meridional: dimensões da imigração polonesa no Paraná, 1871-1914. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 43, p. 218-237, jan./jun. 2009. p. 224.

103. LIVRO Tombo da Paróquia São Francisco de Assis de Rodeio, op. cit., 1900.
104. MACHADO, Paulo Pinheiro, op. cit., 1999. p. 102.
105. Como, por exemplo, a suçuarana, a onça-pintada, o jaguarundi, o gato-do-mato e a jaguatirica, além de répteis peçonhentos.
106. VENDRAME, Máira Ines, op. cit., 2007. p. 112.
107. MACHADO, Paulo Pinheiro, op. cit., 1999. p. 102.
108. FORTES, Alexandre, op. cit., 2004. p. 354.
109. Como o caso dos ucranianos do Paraná, lembrados como “polacos”.
110. OLIVEIRA, Márcio de, op. cit., 2009 p. 222.
111. NEUERT, Márcia. Estradas das areias – Sandweg: um lugar para os imigrantes poloneses em Indaial. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 55, n. 3, p.37-48, maio/jun. 2014. p. 42.
112. CHARTIER, Roger, op. cit., 2002. p. 11.
113. OLIVEIRA, Márcio de, op. cit., 2009. p. 220.
114. HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 15.
115. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 49.
116. BOURDIEU, Pierre apud FERREIRA, Cristina, op. cit., 1998. f. 105.
117. Na época era referida em alguns documentos como Piranga (leia-se *Pirãnga*) é assim conhecida por fração considerável da população local até os dias atuais, sobretudo entre os de idade mais avançada. Cf. LIVRO de Óbitos do Curato de Rodeio, op. cit., 1895.
118. POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. p. 5.
119. BERRI, Aléssio, op. cit., 1988. p. 82.
120. DELLAGIUSTINA, Néelson, op. cit., 2016. p. 61.
121. Em italiano, avó. No idioma polonês é conhecida como *babcia*, em russo, tendo em vista que a Polônia estava dividida em três países diferentes, era conhecida como *babushka*.
122. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011. p. 125.
123. BERTOLDI, José; SCOTTINI, Guido, op. cit., 1975. p. 1.
124. DOLZAN, Janiane Cinara, op. cit., 2003. f. 56.
125. POLLAK, Michael, op. cit., 1992. p. 203.
126. Essa fonte documental pode ser encontrada na Secretaria da Paróquia São Francisco de Assis. Trata-se de um documento manuscrito, criado em 1895, onde o pároco registrava as pessoas que morriam e eram sepultadas no cemitério local. Apesar da boa caligrafia de Lucínio Korte, o estilo de escrita oitocentista e o esfacelamento do material devido ao tempo, dificultam o trabalho de pesquisa do historiador.

CAPÍTULO 2

“O CAPITALISMO DEVE FATALMENTE TRIUNFAR”: A CULTURA AGRÍCOLA DOS IMIGRANTES ITALIANOS EM BLUMENAU

O imigrante italiano Giovanni Rossi¹, proveniente da Toscana e “politicamente declarado anarquista”², foi uma das principais lideranças nos núcleos italianos do município de Blumenau. Chegou ao Brasil em 1890 e foi pioneiro nas “experiências de comunidades libertárias rurais”³ ao dirigir a “Colônia Cecília”, na localidade de Palmeiras, no Paraná. Durante quatro anos, Rossi esteve à frente da empreitada de um “socialismo experimental”⁴, baseado na autogestão, que acabou sofrendo com diversos problemas socioeconômicos, dentre eles a fome e os conflitos entre os próprios indivíduos, resultando na dissolução do núcleo colonial.

Contudo, vale ressaltar que “a difusão do anarquismo entre os trabalhadores italianos imigrados”⁵ era bastante significativa, especialmente no estado de São Paulo. Nesse sentido, Rossi não é entendido aqui como um visionário em seu tempo, já que “os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais”⁶, dado que as experiências de vida surgem como “resposta mental e emocional”⁷ acerca do tempo-espaço em que o sujeito está inserido. Dessa forma, Rossi aparece como um personagem complexo, “cujo caráter, opiniões e atitudes estavam em perpétua formação”⁸ a partir de suas experiências pessoais e do contexto em que viveu.

Para tanto, o conceito de cultura agrícola foi empregado a partir de duas ideias em torno do trabalho do campo. A

primeira é a ideia de “vida agrícola”⁹, bastante utilizadas para debater as condições dos agricultores portugueses no Brasil; a segunda é a noção de cultura, definida por Raymond Williams como “alguma formação fundamental de valores”¹⁰, relacionada com o cotidiano desses colonos com o mundo rural.

Nesse contexto, não se pretende produzir um relato biográfico das trajetórias dos líderes comunitários Giovanni Rossi e Lucínio Korte. Na verdade, a intensão é “caminhar entre o individual e o coletivo com o objetivo de compreender as crenças, os anseios e as perspectivas das sociedades do passado”¹¹, ou seja, utilizar a relação desses indivíduos com a cultura agrícola para compreender as estratégias criadas pelos imigrantes de língua italiana na região de estudo na virada do século XIX para o XX.

2.1 “A agricultura dos nossos pais era bem primitiva!”: a economia de subsistência dos primeiros colonos

Giovanni Rossi, ao inaugurar a parte destinada aos falantes de italiano no livro do cinquentenário de Blumenau, publicado em 1900, defende que a população italiana também faz parte das comemorações dessa festa e “se enfileira em torno dos pioneiros de origem alemã que, guiados pelo falecido Dr. Blumenau”¹², prosperaram no Brasil. Sendo assim, percebemos que seu texto “vai construindo imagens de si e imagens dos outros”¹³ e atribuindo ao homem que “exerceu a função de diretor colonial durante cerca de 30 anos”¹⁴ um tom de protagonismo, considerando-o como um mentor dos imigrantes das diferentes origens étnicas e sociais.

O livro comemorativo não foi redigido apenas em português, mas também em alemão e italiano, o que demonstra “não somente a diversidade linguística de Blumenau”¹⁵, como também o fato dos editores não se preocuparem com esta diversidade, uma vez que os artigos não foram traduzidos. A própria variedade de autores presentes e suas diferentes percepções sobre Blumenau demonstrou que “o tempo é uma experiência subjetiva”¹⁶, variando de agente para agente.

Também ficou evidenciada a relevância das colônias de língua italiana já em 1900, vinte e cinco anos depois da chegada dos primeiros imigrantes,¹⁷ devido ao fato de possuírem um espaço nesse documento.

Desse modo, as festividades em torno do cinquentenário vão ao encontro da lógica do “lembrar para comemorar, documentar para bem festejar”¹⁸, refletida na necessidade de produzir um livro oficial para o evento. A própria data da comemoração remontava à ideia de que “o calendário é um dos grandes emblemas e instrumentos do poder”¹⁹, diante das modificações de datas nas comemorações oficiais de Blumenau ao longo do tempo. Exemplo disso foi a “junção de comemorações”²⁰ envolvendo as festividades do sesquicentenário da imigração alemã no Brasil, realizadas em 1974, e o aniversário da Colônia, em 2 de setembro. Logo, as festividades e livros comemorativos são um dispositivo que a sociedade criou para “promover um sentido para o passado, com o intuito de gerar identidade para amalgamar a história”²¹ de sua cidade.

Ainda sobre Hermann Blumenau, o artigo de Rossi descreve o diretor como “conhecedor dos homens e das coisas” e que teria escolhido “alegremente” a colonização italiana como um elemento de progresso. Também mencionou que “aos colonos italianos fora sempre benevolente, e para os velhos trentinos sua memória é honrada”²², destacando também as qualidades intelectuais dos italianos. No entanto, podemos problematizar esse discurso, pois a memória evoca o “registro de uma ausência dada pela passagem do tempo”²³, ou seja, esquecimentos e reconstruções sobre si e sobre os outros.

Prova disso são as primeiras impressões do diretor sobre os componentes italianos da colônia, muito divergentes do que defendia Rossi, já que Blumenau afirmava que o grupo era caracterizado por “suas constantes travessuras, impertinentes e exageradas exigências, ameaças e até delitos e crimes”, sendo portanto, “vagabundos incorrigíveis”²⁴, povoações com um tom bastante rígido. Por sua vez, a historiografia demonstrou que nesses territórios de fala italiana

os colonos “começaram a se desenvolver rapidamente em um sistema econômico baseado na agricultura”²⁵, organizado em pequenas propriedades.

O trecho escrito por Giovanni Rossi trazia uma “legitimação a partir de dados históricos pautados no mito fundador e na memória de Hermann Blumenau”²⁶, com o intuito de relacionar a população italiana com o “fundador” do município blumenauense. Todavia, não podemos descartar a hipótese de que ao longo do tempo o diretor da colônia não tenha se animado e mudado de opinião com relação aos imigrantes ou que estes lhe fossem gratos por suas eventuais colaborações.

Cabe ressaltar que a própria interação entre Rossi e Blumenau, com relação à melhora da agricultura local, foi colocada em xeque pela pesquisadora Lucy dos Santos devido à falta de evidências, uma vez que Blumenau partiu para a Alemanha em 1884 e Rossi só chegou ao Brasil em 1890. Sendo assim, embora existisse uma pequena possibilidade de terem trocado cartas ou se encontrado na Europa, “o que parece ter acontecido é um equívoco na descrição histórica”²⁷, por parte de autores como Newton Souza²⁸. Entretanto, a menção de Hermann Blumenau, considerado “fundador”²⁹, “visionário” e responsável por trazer os imigrantes de fala italiana, está conectada com uma dimensão simbólica formada por intermédio de uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”³⁰ com relação às memórias sobre estabelecimento dos imigrantes na Colônia Blumenau.

Essa questão estava integrada à possibilidade de aquisição de utensílios, fundamental para o sucesso do emigrado no trabalho com a terra. Portanto, era de grande importância que o trabalhador “pudesse trazer da Europa um pequeno pecúlio em forma de dinheiro ou em forma de utensílios e ferramentas”³¹ para o ofício agrário. Os primeiros instrumentos utilizados foram sem dúvida “o machado e o facão para derrubada da floresta, para a abertura das picadas e para a defesa em geral”³² dos animais peçonhentos e das feras de grande porte. O discurso memorialístico ressalta uma

“independência relativa do trabalhador rural”³³ a partir do contato com a natureza e da posse de suas ferramentas.

Quanto a isso, Giovanni Rossi descreve que nos idos de 1900 “os implementos agrícolas são ainda muito rudimentares, mas respondem às necessidades das nossas indústrias”³⁴, sendo preparados pelos ferreiros daquelas valadas, utilizando-se de enxadas, foices, arados (estes acoplados a animais de tração como cavalos), dentre outras ferramentas³⁵. A única máquina existente era a de picar cana para o trato do gado. Rossi enxergava com otimismo a situação adversa dessas populações, apontando que as próximas gerações colheriam bons frutos, a ponto de “no primeiro centenário de Blumenau” dizerem que “a agricultura dos nossos pais era bem primitiva!”³⁶ em relação ao futuro próspero.

Essas questões demonstram como os sujeitos discutem sobre “diferentes temporalidades, contextos e situações”³⁷, ao pensarem não apenas no seu passado e presente, mas também no futuro, seja longínquo ou iminente. O caso do anarquista³⁸ nos faz refletir sobre como a “articulação das temporalidades”³⁹ integra o universo de uma vida, pois, mesmo vivendo em seu presente, o indivíduo pensava no que ficou para trás e no que viria adiante, com destaque para a agricultura, principal meio de sobrevivência dos núcleos italianos.

A relação do imigrante com a terra era íntima, o que remete a como desde tempos imemoriais “extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana”⁴⁰ de modo geral. Com destaque para o cultivo da cana com a finalidade da “extração do açúcar bruto, para a fabricação da aguardente e como forragem de inverno”⁴¹ a fim de servir de alimento ao gado no frio mais intenso. Em um artigo sobre agricultura, Rossi menciona a produção de legumes em pequena escala, para o consumo familiar, assim como o cultivo de trigo, aveia e outros derivados produzidos em pequena quantidade, mas que parecem ter atingido bom resultado. Enquanto o algodão não obteve o mesmo sucesso, “danificado pela chuva no período da colheita”⁴², aguaceiro costumeiro nos invernos na floresta úmida catarinense.

O contato do imigrante com a lavoura estava associado com a busca por “ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais”⁴³ e colher seus frutos. Na sequência, era necessário aprender “a cultivar a desconhecida mandioca (*álpi*) e a batata-doce (*patáte dólce*), como alimento humano e para os animais”⁴⁴, devido a sua facilidade de plantio ou mesmo de extração nas matas. Era preciso que os colonos se adaptassem também ao que a floresta lhes proporcionava e as culturas que mais facilmente se adaptavam às terras brasileiras.

Aos poucos o milho foi sendo incrementado na agricultura local, servindo de “base da alimentação colonial, panificado pelos alemães e transformado em polenta pelos italianos”⁴⁵, embora seu baixo preço, devido à concorrência com o mercado argentino, dificultasse a exportação, restringindo a venda às povoações pertencentes a Blumenau. Outros legumes e cereais adquiriram destaque na agricultura dos primeiros colonos, dentre eles o arroz.

A “cultura do arroz”⁴⁶, introduzida pelo imigrante João Mondini em Guaricanas, onde as “arrozais foram estabelecidas segundo o sistema lombardo”⁴⁶, alcançou resultados estimulantes. O mesmo imigrante recebeu a condecoração da cruz “Mérito al Lavoro”, do governo italiano, por seu trabalho pioneiro no campo agrícola. Dessa maneira, os italianos e tirolezes “conheceram novos legumes e frutas, e tiveram de esperar para poder pendurar as linguiças e toucinhos secos nos tetos das casas”⁴⁸, diferentemente do que havia sido prometido nas propagandas panfletárias no período migratório, que prometiam milagres na rapidez da produção agrícola.

Nas narrativas acerca do cotidiano dos imigrantes destacava-se a presença de acompanhamentos, como o queijo (*formai*), e embutidos, como a linguiça (*luganega*) “que acompanhavam parcimoniosamente a polenta de cada dia”⁴⁹ (muito embora fosse comum na mesa dos italianos, não há como confirmar o consumo diário de polenta incondicionalmente). Essas questões estão atreladas à constituição de uma memória coletiva, “um fenômeno construído coletivamente e submetido

a flutuações, transformações, e mudanças constantes⁵⁰, aberto às modificações circunstâncias ao longo do tempo e a generalizações. Logo, faz sentido “acreditar que comemos nossas lembranças”⁵¹ ou o que se faz questão de rememorar.

A feitura da polenta, prato tão apreciado na cultura italiana, precisava da farinha de fubá, mexida com uma colher de pau (*mescola*) em um tacho de ferro (*parol*), sob a temperatura escaldante do fogão à lenha. A polenta “tinha seu lugar nobre na cozinha”⁵², ficando centralizada na mesa sob um tabuleiro de madeira (*tabièl*) e um pano alvo. Tratava-se, portanto, “de hábitos herdados e costumes repetidos”⁵³ no cotidiano da cozinha italiana. A “arte” da polenta, que reproduzia determinados métodos e procedimentos gastronômicos, pode ser entendida como tradição que se perpetua “em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares”⁵⁴ para as próximas gerações.

Exemplo dessas tradições são os provérbios trentinos, tais como “*polenta e late, engrassa le culate*”⁵⁵, utilizados de maneira cotidiana, apontando que o alimento provindo do milho mesclado com o leite engordava as ancas, em uma espécie de superstição local. Esses provérbios “transmitem a sabedoria popular auferida no tempo emanada da experiência das pessoas mais velhas, e acumulada por sucessivas gerações”⁵⁶, ou seja, construída desde as primeiras povoações nos núcleos italianos de Blumenau e perpetuadas até os dias atuais.

O uso do discurso da culinária típica italiana demarcava “elementos acionados nesta (re)invenção” da italianidade imbuída de generalizações acerca do “gosto pelo trabalho, o hábito de comer polenta e a religiosidade”⁵⁷ latente. Esses quesitos demonstram “a intensidade com que se buscam as origens e certas marcas portadoras de originalidade” da cultura trazida pelos imigrantes italianos, mas que pode ser compreendida “em seu caráter político, como construção negociada a todo instante nas arenas culturais que se armam”⁵⁸ cotidianamente.

O excedente agrícola também fomentava o comércio, questão de grande importância para Giovanni Rossi. No relatório do cônsul italiano Gherardo Pio di Savóia, havia destaque para o fato de que seus “compatriotas” residentes do norte de Santa Catarina estavam “sendo explorados pelos alemães, que têm em suas mãos as chaves do comércio e da administração”⁵⁹ regional. Essa narrativa estava acoplada à ideia de uma “luta de italianos contra a opressão do comércio”⁶⁰ alemão, fundamentada no “monopólio comercial exercido pelos comerciantes de Blumenau”⁶¹ que existira durante o século XIX e parte do XX.

Segundo o cônsul italiano, essa crise comercial resultava em “vender a preços aviltadíssimos e comprar a preços elevadíssimos tudo o que necessitam”⁶². Os colonos italianos, dessa forma, sentiam-se humilhados com a imposição mercantil das casas comerciais da sede do município. Giovanni Rossi ainda alertava sobre como eram “prejudicados pelos saques do comércio, da repercussão da produção agrícola capitalista nos países vizinhos”⁶³, que depreciava os produtos locais e os contragolpes da crise econômica mundial desencadeada pelo capitalismo.

Essa compreensão de mundo está diretamente relacionada com a questão social e o “pensamento socialista” do imigrante, que por certo eram os “mais ativos na formulação de teorias e no estímulo à organização da sociedade contra a máquina capitalista”⁶⁴. O efeito desta tendência voltada à autogestão colaborou para a criação de cooperativas agrícolas que visavam solucionar os problemas comerciais dos núcleos italianos, a partir da exportação do tabaco em folha para o continente europeu.

Sem embargo, Rossi não fora um “gênio” em seu tempo, tendo em vista que o “desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica”⁶⁵, quando vários trabalhadores operários do país reivindicavam junto ao governo federal melhorias das condições trabalhistas. Logo, em vez de um simples “ponto fora da curva”, é preferível entender o personagem como um elemento catalizador de propostas debatidas junto dos colonos.

2.2. A questão social e o cooperativismo na agricultura: entre o “agrônomo anarquista”, Giovanni Rossi, e o “pároco erudito”, Lucínio Korte

A questão social, “caracterizada pela intensificação da pobreza e da marginalidade”⁶⁶, constituiu elemento importante para intelectuais como Giovanni Rossi, que questionavam os problemas sociais, dentre eles a desigualdade, causadas com a eclosão do sistema capitalista no mundo. O termo “passou a frequentar mais repetidamente o léxico dos pensadores sociais”⁶⁷ ao longo do século XIX, muitas vezes buscando reformas para solucionar tais problemas.

Para tanto, o italiano afirma que “a questão social desperta pouco ou nenhum interesse entre nós”, muito porque “a preguiça intelectual considera de bom grado a ordem atual das coisas”⁶⁸, sendo permanente e imutável. O argumento de Giovanni Rossi não estava distante de seu posicionamento político, uma vez que se declarava anarquista, movimento que “atribuía o não desenvolvimento da educação literária ao catolicismo”⁶⁹, pois, segundo essa concepção, o ensino eclesiástico anulava a criatividade por ser fundamentado nos condicionalismos do poder divino.

No artigo, o anarquista menciona teóricos importantes como Spencer, Morgan, Letorneau, Laveleye para discutir “a eterna evolução da sociedade humana, que está em constante transformação”⁷⁰ da humanidade. Desse modo, para intelectuais da época “a compreensão de certas modificações abruptas tornou-se o alimento de tantas utopias”⁷¹, como os próprios debates intelectuais em que Rossi havia se inserido. Assim como os historiadores, Rossi cita intelectuais para “produz[ir] um efeito de realidade”⁷² em sua narrativa.

A evolução social era um elemento constantemente debatido entre os intelectuais da virada do século, muito devido ao “entusiasmo pelo futuro e o progresso”⁷³ que já se fazia notar nas cidades. Elemento que não passa despercebido pelo imigrante ao elencar três aspectos importantes para desenvolver em que estágio da evolução social os núcleos

italianos estariam: 1) o campo agrícola; 2) o estágio industrial; e 3) a questão comercial.

No tocante ao primeiro elemento, afirmara que os núcleos estavam na pequena propriedade, “mais real do que no velho mundo, porque, até então, não fora hipotecada pelo banco”⁷⁴, fazendo sempre relações com o contexto macro. Essa comparação se relaciona com a “broca monetária”⁷⁵ que os ventos do capitalismo trouxeram para a questão agrícola na Itália e no Tirol, onde os pequenos agricultores não conseguiram mais arcar com os impostos fundiários de seus respectivos governos.

Com relação ao campo industrial, destaca a produção no “artesanato e na manufatura, [embora] aqui e ali o apito das máquinas anunciam a invasão da fábrica”⁷⁶, em referência ao crescimento industrial que “foi gradualmente aumentando, do ponto de vista da fundação e extensão dos estabelecimentos fabris”⁷⁷, não apenas nas metrópoles, mas também com implantação de indústrias têxteis no município blumenauense. Vale ressaltar que nesse período de transição entre o Império e a República “o incremento urbano se deu apenas em algumas grandes cidades”⁷⁸, especialmente do Sudeste.

Para Rossi, o comércio era o começo da afirmação do capitalismo, “monopolizando a exportação, a importação e a revenda” assim como um “filamento de micélio penetra no corpo social”⁷⁹ da gente italiana e trentina, embora com menor força do que os compatriotas calabreses que haviam se fixado no Rio Grande do Sul e já se destacavam “no setor comercial”⁸⁰ de cidades como Pelotas, trabalhando em diferentes ramos, com destaque para a rede hoteleira.

Ao abordar os estágios de evolução social da comunidade italiana, Rossi fazia algumas conexões entre o local e o global, afirmando por fim que “o capitalismo deve fatalmente triunfar”, usando de todos os artifícios possíveis, ao realizar trustes, recorrer aos banqueiros e industriais e até ao “diabo que lhe carregue”⁸¹. Todavia, justificava o lado positivo desse triunfo, como momento “capaz de preparar inconsciente-

mente as condições de uma nova civilização, nas quais ele mesmo terá findado, e com ele a exploração do homem sobre o homem”⁸², no campo agrícola, industrial ou comercial. “O engajamento de Rossi é, portanto, humanitário, mas também alimentar”⁸³, visto que tentava articular soluções para a sobrevivência dos imigrantes italianos nas valadas de Rio dos Cedros, Rodeio e Ascurra.

Ao contrário do que se costuma propagandear, Rossi não era formado “como agrônomo”⁸⁴, mas “possuía formação acadêmica e tinha experiência em trabalhos no setor agrícola”⁸⁵. Estudou Medicina Veterinária, campo em que atuou não só na Itália, mas também no Rio Grande do Sul. Após alguns anos no estado gaúcho, foi convidado pelo governo catarinense para trabalhar como “dirigente da Estação Agrônômica e de Veterinária do Estado de Santa Catarina”⁸⁶, fixada em Rio dos Cedros, entre 1897 e 1904⁸⁷.

A Estação Agrônômica foi criada no primeiro governo de Hercílio Luz (1894-1898), que possuía formação em engenharia na Bélgica e estava ciente dos avanços no campo da pesquisa agrícola desenvolvidos na Europa. Portanto, o objetivo da Estação era estudar “a doença do tabaco e a busca de uma variedade resistente”⁸⁸ às pragas e ao clima. O diretor empreendeu várias pesquisas agrícolas na área da botânica, adquirindo sementes não apenas no continente europeu, mas também asiático. Dizia que “a boa semente produz a riqueza (ou a sorte), a semente ruim, o desastre”⁸⁹, e defendia sempre de modo contundente a importância das sementes, fertilizantes e outros avanços ligados ao beneficiamento da agricultura na região.

O campo experimental também se preocupava com a questão pecuária, desenvolvendo o cultivo de diversas variedades de capim⁹⁰ para servirem como um estimulador de nutrientes para o gado. Rossi argumentava que as “forragens, combinadas à pastagem natural e ao uso da batata doce e do aipim, poderiam criar a raça mais produtiva em escala extraordinariamente elevada”⁹¹, servindo de alimento para os colonos e vendendo o excedente, aumentando as riquezas nas

colônias catarinenses. Dessa forma, ele não estava alheio aos seus companheiros anarquistas que “tentavam realizar essa obra de sensibilização”⁹² para melhora da vida cotidiana, por intermédio de seus conhecimentos veterinários e agrônômicos.

Antes mesmo da consolidação da Estação Agronômica, já havia outro dispositivo para o auxílio mútuo, entendido aqui “como prática corporativa de proteção aos trabalhadores”⁹³, e criado pelos próprios colonos italianos e tirolezes. Esses indivíduos protagonizaram “algumas tentativas de implantação de sociedades cooperativas, todas frustradas”⁹⁴, como o caso da “Società del Tabaco”, criada por um grupo de oitenta colonos em 1893, mas que acabou “não atendendo às expectativas salariais”⁹⁵ a partir da venda do fumo. O surgimento dessas formas de organização não se aparta do contexto dos núcleos alemães do município, pois “toda a vida social e cultural das áreas de colonização alemã passava pelas associações”⁹⁶, dentre elas as Sociedades de Tiro e as de agricultura, conhecidas como Kulturverein, em que a renda era destinada à compra de utensílios agrícolas e sementes.

Andrea Largura, imigrante italiano que sempre esteve ligado ao cooperativismo agrícola na região, menciona que a sociedade “colhera cerca de três mil arrobas de tabaco”⁹⁷ e enviara para o Rio de Janeiro. No entanto, argumenta que se “encontravam em um ano crítico por conta da revolução brasileira, e que por certo tempo o comércio ficou parado, prejudicando por seis meses o pagamento aos sócios”, fazendo uma alusão à Revolução Federalista (1893-1895)⁹⁸. Contudo, embora se saiba da ausência de documentos sobre essas primeiras cooperativas, é importante refletir sobre como “o mau êxito não tem sido objeto preferencial nos estudos sobre imigração para a América Latina”¹⁰⁰, dando preferência sempre ao sucesso em detrimento do malogro.

Após tantos fracassos uma nova tentativa de agremiação ocorreu em 1897 em Rio dos Cedros, quando “50 colonos fundaram outra Sociedade (de Mútuo Socorro)”¹⁰¹ com o intuito de mais tarde torná-la uma cooperativa. Durante o período republicano os trabalhadores se organizaram em

uma ampla gama de associações, nem sempre com sucesso imediato. Nesse ínterim, surgem organizações como as “cooperativas de consumo e produção”¹⁰², que visavam em última instância sistematizar uma cooperação mútua entre os sócios com o intuito de obter lucro a partir da produção agrícola exportada para o mercado estrangeiro.

A chegada de Giovanni Rossi a Rio dos Cedros foi um marco para a comunidade agrícola da região, pois “procurou estimular entre os imigrantes italianos as ideias de auto-gestão e cooperativismo”¹⁰³ para o auxílio mútuo entre os colonos, ideias que não estavam apartadas do contexto macro, com a criação de “sociedades de socorro mútuo”¹⁰⁴ nos núcleos italianos paulistas. A propagação dessas mesmas ideias cooperativistas nos remete a sua relação com os trabalhadores rurais, concentrando-se “diretamente [...] [nas] questões sociais”¹⁰⁵, na busca por minimizar os impactos trazidos com o advento do capitalismo moderno, sobretudo em relação à desigualdade.

Organizar sociedades era algo bastante comum entre os imigrantes italianos, “empenhados numa participação em diversos níveis organizativos”¹⁰⁶, como os vários sindicatos e grupos mutualistas criados em São Paulo. Essas cooperativas tinham o objetivo de “unir determinado grupo de colonos e juntar seus produtos agrícolas para serem vendidos em mercados maiores, com preços mais competitivos”¹⁰⁷, aventurando-se no mercado internacional. Sendo assim, além da função técnica voltada ao beneficiamento da agricultura através de suas pesquisas, que visavam melhorar as sementes, Rossi também desempenhava um importante papel político nesses núcleos italianos.

Embora não estivessem ainda persuadidos de que uma organização de trabalhadores pudesse vingar, cerca de dezenove colonos “fundaram uma Sociedade Cooperativa”¹⁰⁹ em Rio dos Cedros, com o propósito de negociar o tabaco. A consolidação dessa primeira cooperativa de sucesso em Rio dos Cedros não tem nada de natural ou inocente e estava relacionado a uma “geografia associativa”, isto é,

um “conjunto de práticas de apropriação do espaço” pelos trabalhadores em locais estratégicos, nesse caso, próximo da Estação Agronômica. A sociedade decidiu, portanto, “exportar o tabaco para a Alemanha por conta própria, sem a intermediação dos comerciantes alemães” de Blumenau, que interferiam na negociação fazendo render pouco lucro aos italianos e tirolezes.

Com a intenção de autonomia, sem a interferência do comércio de Blumenau, a cooperativa de Rio dos Cedros enviou um de seus sócios para Bremen, na Alemanha, onde ficaria encarregado de negociar a venda do tabaco. O imigrante, que nada sabia de alemão, buscou um intérprete para mediar as negociações. Sem grande êxito, o mesmo colono passou a negociar com o mercado italiano e finalmente teve bons resultados, muito devido ao “apoio favorável do Sr. Dr. Giovanni Rossi”¹¹¹ e do cônsul Pio di Savóia. Nesse aspecto denota-se a formação de “redes relacionais”¹¹² que “estabelecia[m] laços de solidariedade e reciprocidade essenciais para garantir a sua sobrevivência”¹¹³ e dos demais produtores de tabaco.

A Sociedade Cooperativa de Rio dos Cedros registrava em ata as reuniões da associação. A partir desses documentos, percebemos não apenas o grupo diretor¹¹⁴ que liderava a cooperativa, mas também as demandas e soluções discutidas entre os sócios. Exemplo disso foi a questão encontrada em uma carta enviada pelo próprio Ministério de Finanças da Itália à cooperativa, anunciando um problema¹¹⁵ com relação à qualidade do fumo desses colonos.

Os sócios discutiram sobre os motivos, como ter sido embalado fresco e úmido ou ficado em locais abertos no porto de Itajaí. Para tanto, decidiram que a partir de então “o tabaco deveria ser guardado em um lugar privado, em Blumenau, e sob vigilância de algumas pessoas até o dia da destinação para o embarque”¹¹⁶, nomeando-se o senhor Giuseppe Gadotti para o encargo. Nessa contenda fica nítido o uso de uma estratégia com o intuito de “gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças”¹¹⁷, no caso com seus clientes no exterior, encontrando no diálogo uma forma de prevenir que novos

problemas dessa magnitude viessem à tona e provocassem prejuízos aos cooperados.

As cooperativas não se restringiram a Rio dos Cedros e, embora não tivessem a mesma proporção da pioneira, tratavam de trazer benefícios para a comunidade local. A primeira sociedade em Ascurra foi fundada em junho de 1896 sob o título de “União Italiana”, tendo a “finalidade de facilitar a venda de seus produtos e a aquisição das mercadorias”¹¹⁸ para os colonos. Todavia, elas se consolidam no lugarejo apenas em 1905, quando foi “inaugurada a Sociedade Cooperativa de Ascurra”¹¹⁹, sob a liderança de Ermembergo Pellizzetti, franco amigo de Giovanni Rossi.

Também fundou-se a “Società Cooperativa San Giuseppe”¹²⁰, na localidade de São Virgílio (Rodeio 50), tendo como diferencial a colaboração dos padres franciscanos. Esta cooperativa criaria mais tarde uma filial na área central de Rodeio, demonstrando como “a escolha da sede associativa busca a inserção no espaço privilegiado”¹²¹, não apenas político e comercial, mas também religioso¹²². Foram também os franciscanos que “estabeleceram contatos com a Áustria para a exportação de fumo”¹²³ com sucesso. Essa relação explica o nome da agremiação, revelando a “adoção de um arsenal simbólico comum”¹²⁴ no sentido de ressaltar a catolicidade dos cooperativados.

Destaque maior dessa liderança religiosa era o pároco Lucínio Korte, “que também estudava agronomia”¹²⁵ e possuía planos para o desenvolvimento da área colonial que divergiam de Giovanni Rossi. Este era dotado de uma visão libertária do ser humano, enquanto Korte acreditava na hierarquia clerical, por intermédio de sua liderança contundente em todos os assuntos cotidianos. O “pároco erudito”¹²⁶ teria um papel importante na agricultura local como “grande propagandista [e incentivador] das culturas do arroz, do fumo e da uva”¹²⁷, que garantiram a subsistência dos primeiros colonos em Rodeio.

Dessa forma, existiam pontos de convergência entre os dois líderes comunitários, pois, embora os padres católicos

não fossem favoráveis à grande industrialização, “encorajava-se o estabelecimento de pequenas oficinas, o artesanato, as cooperativas agrícolas, os moinhos e os engenhos para beneficiar cereais”¹²⁸. Além disso, “igualmente buscavam a elevação econômica e cultural dos imigrantes”¹²⁹ de língua italiana.

Sem embargo, isso não diluía a relação conflituosa entre Korte e Rossi, pois faziam “forte oposição no campo espiritual”¹³⁰ potencializado pelo engajamento político deste último com o anarquismo. Exemplos desses conflitos constam da suposta declaração de Rossi sobre os padres, dita nas proximidades de Rio dos Cedros, afirmando que era “capaz com uma única conversa numa tarde [de] destruir tudo o que os missionários numa semana inteira implantaram no povo”¹³¹ católico. Essa discordância com o clero alcançou algumas malhas de imigrantes que possuíam uma relação mais próxima com o “agrônomo anarquista”.

Ao percebermos as nuances entre ambos os grupos, é possível inferir que o antagonismo não era ininterrupto, nem dicotômico, pois “conflito e solidariedade se misturam na realidade concreta”¹³² em uma reciprocidade de harmonias e discordâncias entre clérigos e fiéis no tocante à cultura agrícola dessas “valadas”. Dessa forma, as estratégias desenvolvidas lidam com suas diferenças e visam desenvolver economicamente as localidades de Rodeio, Ascurra e Rio dos Cedros.

Algumas cooperativas traziam consigo o cultivo da italianidade, mas também “certos traços socialistas”¹³³, muito devido à presença de Giovanni Rossi e do hábito de leitura de periódicos de cunho socialista, como o *L'Asino* e o *Avanti*, por parte de alguns imigrantes, que se inteiravam sobre os “acontecimentos políticos do velho continente”¹³⁴ mesmo do outro lado do Atlântico. No entanto, no caso da cooperativa San Giuseppe, percebemos uma ligação com o passado austríaco, presente na bandeira aurinegra fixada na sede do estabelecimento, com uma águia bicéfala no centro, “símbolo heráldico”¹³⁵ do Império Austro-Húngaro (Figura 3).

Figura 3 – Società Cooperativa San Giuseppe (Rodeio 50)



Fonte: Altmayer, Everton. *Tirolezes no Brasil*. Disponível em: <<https://tirolezes.com.br/2017/11/26/os-imigrantes-de-rodeio-sc/>>. Acesso em: 24 out. 2018.

A partir da fotografia (Figura 3), cabe refletir sobre como as “imagens, sejam gráficas ou pictóricas, são representações do mundo elaboradas para serem vistas”¹³⁶, projetadas e produzidas com algum significado prévio ou intencionalidade. Nesse sentido, percebemos como “os imigrantes esforçavam-se em estreitar seus vínculos, estabelecendo estratégias de construção e reconstrução de sua memória em solo brasileiro”¹³⁷, presentes no bem-querer da pátria de origem, nesse caso, a Áustria.

A exemplo das cooperativas agrícolas, os italianos também criaram outros tipos de agremiação “a grande maioria [dessas] sociedades foi sempre representada pelas de beneficência e socorros mútuos”¹³⁸, somando três quartos do total. Essas sociedades de “mutualismo étnico”¹³⁹ também estavam vinculadas às relações de compadrio que “visavam reforçar a coesão de grupo entre aqueles que já participavam de associações locais e outros círculos de sociabilidade”¹⁴⁰ dos grupos de fala italiana. Exemplo disso foi a criação da Liga Austro-Brasileira de Rodeio, em 1909, que, além de promover o auxílio entre os compatriotas tirolezes (austríacos), festejava “o aniversário de nascimento de Sua Majestade Francisco I, imperador da Áustria e rei da Hungria”¹⁴¹ comemorado no dia 18 de agosto como evento fundamental da sociedade.

A questão social esteve fortemente presente nos núcleos italianos do município de Blumenau, como foi demonstrado por intermédio de dois personagens antagônicos, entendidos como fio condutor, Giovanni Rossi e Lucínio Korte. Embora os imigrantes tivessem efetuado diversas estratégias visando consolidar economicamente a região, as contribuições desses indivíduos foram fundamentais para o florescimento das cooperativas agrícolas no espaço de estudo. A reciprocidade se dava em divergências quanto ao modo de proceder e instrumentalizar os colonos, pois, enquanto o anarquista incentivava a autonomia, o pároco agia pela manutenção da hierarquia clerical; mas também em convergências evidenciadas na cultura agrícola desses imigrantes de fala italiana. Por extensão, essas relações recíprocas também se manifestavam com muita força na religiosidade e na educação nas imedia-

ções do Curato de Rodeio, por intermédio de rivalidades e cooperações em torno dos santos padroeiros e nas diferentes metodologias de ensino empregadas nessas localidades.

Notas

1. Rossi nascera “em Pisa, Itália, em 11 de janeiro de 1856. Filho do advogado Tito Rossi e de Carolina Baldi Rossi”, formou-se em Medicina e Veterinária em 1875, na Escola Superior de Pisa e na Academia de Perugia. Cf. FINARDI, José. *Colonização Italiana de Acurra*: subsídios para a história do município 1876-1976. Blumenau: Casa Dr. Blumenau, 1976. p. 83.
2. FERREIRA, Cristina; KOEPEL, Daniel Fabricio. *Representações da cidade*: discussões sobre a história de Timbó. Blumenau: Edifurb; Timbó: Fundação Cultural, 2008. p. 116.
3. BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 23.
4. ZENDRON, Rute Coelho. Anarquismo e anarquistas em Blumenau. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (org.). *Visões do Vale*: perspectivas historiográficas recentes. Blumenau: Nova Letra, 2000. p. 137.
5. BIONDI, Luigi. *Classe e Nação*: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920. Campinas: Ed. Unicamp, 2011. p. 28.
6. BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 60.
7. THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 15.
8. LEVI, Giovanni Levi. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 170.
9. KLUG, João. O Brasil agrícola: o tortuoso e difícil “caminho da roça”. *História*: debates e tendências, Passo Fundo, v. 16, n. 1, p. 152-165, jan./jun. 2016, p. 154.
10. WILLIAMS, Raymond. apud TAVARES, Hugo Moura. Raymond Williams: pensador da cultura. *Revista Ágora*, Vitória, n. 8, p.1-27, 2008, p. 8.
11. *Civilização Brasileira*, 2011. p. 16.
12. Tradução do autor para: “*La popolazione di origine italiana si associa a questa festa, che non è solo blumenauense, ma è pur festa della gran patria brasiliana; si schiera intorno ai pionieri di origine tedesca che, guidati dal compianto Dr. Blumenau, aprirono il cammino in queste, allora, inospiti regioni; esulta ai progressi della fiorente città, anche perchè a quei progressi*”

- há cooperato, dirò così, passivamente e attivamente*". ROSSI, Giovanni. Gli Italiani nel Município di Blumenau. In: *Commemoração do 50º Aniversário de Blumenau*, 1900. p. 26.
13. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 243.
 14. NICOCELI, Vanessa. *Hermann Blumenau: Uma experiência de colonização em Santa Catarina (1846-1884)*. 2014. 205 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. f. 20.
 15. FROTSCHER, Méri. *A criação do Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí nos anos 30: das relações entre cultura e política*. Esboços (UFSC), Florianópolis, v. 14, p. 117-132, 2005, p. 120.
 16. BARROS, José D'Assunção. *A Expansão da História*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 65.
 17. Com relação ao espaço pertencente ao Curato de Rodeio em 1900, havia nas 23 capelas e estações 1.491 famílias e aproximadamente 9.000 almas. LIVRO Tombo da Paróquia São Francisco de Assis de Rodeio. Rodeio, n.1, 1900.
 18. SCHWARCZ, Lilia Moritz apud FERREIRA, Cristina. *Cidadania e identidade na sociedade teuto-brasileira: José Deeke e os embates interétnicos no Vale do Itajaí*. 1998. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. f. 69.
 19. LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Ed. Unicamp, 1990. p. 485.
 20. NICOCELI, Vanessa, op. cit., 2014. f. 33.
 21. FERREIRA, Cristina; KOEPEL, Daniel Fabricio, op. cit., 2008. p. 332.
 22. Tradução do autor para: "Il Dr. Hermann Blumenau, conoscitore di uomini e di cose, accolse lietamente la colonizzazione italiana, considerandola come un elemento di progresso per la colonia da lui fondata; ai coloni italiani fu sempre benévolo, e tra i vecchi trentini la sua memoria è onorata". ROSSI, Giovanni. Gli Italiani nel Município di Blumenau. In: *Commemoração do 50º Aniversário de Blumenau*, 1900. p. 27.
 23. PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 94.
 24. BLUMENAU, Hermann apud GROSSELLI, Renzo Maria. Os tirolezes italianos na Colônia Blumenau: de malfetores a amantes da "Ordem e Progresso". *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 56, n. 6, p. 23-39, nov./dez. 2015, p. 25.
 25. Tradução do autor para: "i territori di nuova immigrazione iniziarono a svilupparsi velocemente nei termini di un sistema economico basato sull'agricoltura, portata avanti nelle piccole proprietà" GROSSELLI, Renzo Maria. *Noi tirolesi, sudditi felici di Dom Pedro II*. Trento: Província Autonoma di Trento, Giunta, 2008b . p. 163.

26. NICOCELI, Vanessa; FERREIRA, Cristina. O regresso do colonizador: representações, usos da memória e mito fundador em Blumenau – 1974. *Blumenau em Cadernos*, t. 52, n. 6, p. 22-49, nov./dez. 2011. p. 45.
27. SANTOS, Lucy Woellner dos. *Estação Agronômica e de Veterinária do Estado: (1895-1920) uma abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1998. p. 84.
28. Autor que defendia a hipótese de que Hermann Blumenau e Giovanni Rossi tivessem se conhecido pessoalmente durante suas estadias no Vale do Itajaí.
29. Caso o leitor queira aprofundar seu conhecimento sobre as discussões acerca do “mito fundador”, o artigo de Vanessa Nicoceli e Cristina Ferreira problematiza a construção do personagem Hermann Blumenau como fundador da cidade homônima. Cf. NICOCELI, Vanessa; FERREIRA, Cristina, op. cit., p. 22-49.
30. POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989, p. 9.
31. MACHADO, Paulo Pinheiro. *Política de colonização no Império*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999. p. 96.
32. CANI, Iracema Maria Moser. *Rodeio: histórias e memórias*. Indaial: Ed. Uniasselvi, 2011. p. 111.
33. WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 172.
34. Tradução do autor para: “*L’attrezzario agricolo è rudimentale, ma corrisponde ai bisogni della nostra industria [...]*”. ROSSI, Giovanni. *Agricultura*. In: *Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 29.
35. Algumas das ferramentas mais utilizadas eram: o arado (*piof*), foice (*falz*), enxada (*zapa*), pá (*badil*), martelo (*martello*), bigorna (*piàntola*), foice (*zerla*), machado (*manara*), forca (*forceta*), facão (*facon*), grade (*répega*), ancinho (*restèl*), peneira (*crivel*), balaio ou cesto (*zerlo*), machadinho (*manaròt*) e entre outros. Cf. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., p. 107.
36. Tradução do autor para: “*Sia nobile, necessaria e dolce impresa per le generazioni nuove procedere innanzi con tanta energia, con tanto senno e con tanta fortuna, da poter dire, quando festeggeranno il primo centenario di Blumenau: L’agricoltura dei nostri padri era ben povera cosa!*”. In.: ROSSI, Giovanni. *Agricultura*. In: *Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 29.
37. KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: VENDRAME, Maria Ines et al (org.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 33.
38. Rossi era adepto do anarquismo, corrente política com tendência de esquerda que propunha o fim das hierarquias políticas. Apesar de existir uma noção distorcida de que o anarquismo é desorganizado,

- essa teoria política acreditava que “o homem possui por natureza, todos os atributos necessários para viver em liberdade e concórdia social”, necessitando de muita organização para se autogerir na ausência de uma autoridade máxima. Cf. COSTA, Caio Túlio. *O que é Anarquismo*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1980. p. 16.
39. PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 156.
 40. WILLIAMS, Raymond, op. cit., 2011. p. 11.
 41. Tradução do autor para: “*per l'estrazione dello zucchero greggio, per la fabbricazione dell'aguardiente e come foraggio invernale*”. ROSSI, Giovanni. Agricultura. In: *Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 28.
 42. Tradução do autor para: “*il cotone è poco coltivato, perchè danneggiato dalle piogge nel periodo della raccolta*”. ROSSI, Giovanni. Agricultura. In: *Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 28.
 43. BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 15.
 44. DELLAGIUSTINA, Néelson. *Do Trentino a Rodeio*: Família Pegoretti. Blumenau: 3 de maio, 2016. p. 43.
 45. Tradução do autor para: “*il granoturco è il cereale che serve di base all'alimentazione coloniale, panificato dai tedeschi e in polenta dagli italiani*”. ROSSI, Giovanni. Agricultura. In: *Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 28.
 46. SILVA, José Ferreira da. *Um pioneiro da cultura do arroz em Blumenau*. Blumenau: Calendário Blumenauense. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS): Pasta Colonização Italiana – Acurra, 1934. p. 118.
 47. Tradução do autor para: “*Però in Guaricana si sono stabilite delle risaie secondo il sistema lombardo, nelle quali si coltiva il riso irriguo con resultati incoraggiantissimi*”. ROSSI, Giovanni. Agricultura. In: *Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 28.
 48. SCHWARCZ, Lilia Moritz. População e Sociedade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; SILVA, Alberto da Costa e (org.). *A abertura para o mundo: 1808 - 1830*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 71.
 49. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit, 2011. p. 111.
 50. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. p. 201.
 51. CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 249. (A invenção do cotidiano, v. 2.)
 52. Cabe mencionar que a polenta, assim como nos dias atuais, também era reaproveitada de diversas maneiras, fosse misturada com leite, frita ou tostada (*brustolada*) na chapa do fogão. Cf. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., p. 212.
 53. CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre, op. cit., 1996. p. 234.

54. THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 18.
55. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011. p. 244.
56. FROSI, Vitalina Maria. Elementos da cultura italiana: sua manifestação nos provérbios populares italianos. In: HERÉDITA, Vania Beatriz Merlotti. *Imigração e Sociedade: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil*. Caxias do Sul: Educus, 2015. p. 160.
57. DOLZAN, Janiane Cinara. *A (re)invenção da italianidade em Rodeio-SC*. 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. f. 5.
58. SEVERINO, José Roberto. *Noi Oriundi: cultura, identidade e representações da imigração italiana em Santa Catarina*. 2004. 228 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. f. 181.
59. SAVÓIA, Gherardo Pio di. Relatório do cônsul Gherardo Pio di Savóia apud DALL'ALBA, João Leonir. *Imigração italiana em Santa Catarina*. Caxias do Sul: Ed. da Universidade de Caxias do Sul, Porto Alegre: EST; Florianópolis: Lunardelli, 1983. p. 109.
60. BERRI, Aléssio. *Imigrantes Italianos, criadores de riquezas*. Blumenau: Casa Dr. Blumenau, 1993.
61. SEVERINO, José Roberto, op. cit., 2004. f. 107.
62. SAVÓIA, Gherardo Pio di, op. cit., 1983. p. 109.
63. Tradução do autor para: "*Ma pur siamo martellati dai prelevamenti del commercio; dalla ripercussione della produzione agricola capitalista nei vicini paesi [...]*". ROSSI, Giovanni. *Questione Sociale*. In: *Commemoração do 50º Aniversário de Blumenau*, 1900. p. 30.
64. AMARAL, Deivison. *Catolicismo e trabalho: a cultura militante dos trabalhadores de Belo Horizonte (1909-1941)*. Curitiba: Prismas, 2018. p. 51.
65. LEVI, Giovanni, op. cit., 2006. p. 176.
66. VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. O Ethos Mutualista: valores, costumes e festividades. In: MAC CORD, Marcelo; BATALHA, Cláudio (org.). *Organizar e proteger: trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)*. Campinas: Ed. Unicamp, 2014. p. 194.
67. AMARAL, Deivison, op. cit., 2018. p. 42.
68. Tradução do autor para: "*La questione sociale desta tra noi poco o nessuno interesse; da una parte, perché la pigrizia intellettuale considera volentieri l'attuale ordine di cose come in equilibrio stabile, permanente e immutabile [...]*". ROSSI, Giovanni. *Questione Sociale*. In: *Commemoração do 50º Aniversário de Blumenau*, 1900. p. 29.
69. OTTO, Clarícia. Giovanni Rossi: o imigrante para além da Utopia. *Blumenau em Cadernos*, v. XLII, n. 9/10, p. 57-74, 2001, p. 66.

70. Tradução do autor para: *"Spencer, Morgan, Letorneau, Laveleye e tutti i sociologi moderni hanno dimostrato l'eterna evoluzione della società umana, che è in perpetuo divenire"*. ROSSI, Giovanni. *Questione Sociale. In: Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 29.
71. GONÇALVES, Márcia de Almeida. Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no romantismo brasileiro. *In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (org.). 1831-1870. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014*. p. 432. (O Brasil Imperial, v. 3).
72. PROST, Antoine, op. cit., 2014. p. 241.
73. SCHWARCZ, Lilia Moritz, op. cit., 2012. p. 36.
74. Tradução do autor para: *"Nel campo agricolo siamo alla piccola proprietà, più reale di quel che non lo sai nel vecchio mondo, perchè, sorta ieri, non si è ancora ipotecata alla banca"*. ROSSI, Giovanni. *Questione Sociale. In: Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 29.
75. GROSSELLI, Renzo Maria. *Colônias Imperiais na Terra do Café: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008a*. p. 51.
76. *"Nel campo industriale siamo all'artigianato e alla manifattura, ma quà e là il fischio della macchina annunzia prossima la invasione della fabbrica"*. ROSSI, Giovanni. *Questione Sociale. In: Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 29.
77. BIONDI, Luigi, op. cit., 2011. p. 107.
78. SCHWARCZ, Lilia Moritz, op. cit., 2012. p. 42.
79. O micélio é a ramificação presente na maioria dos fungos. Tradução do autor para: *"E il filamento di micélio che penetra nei tessuti del corpo sociale"*. ROSSI, Giovanni. *Questione Sociale. In: Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 29.
80. RUGGIERO, Antonio de. Os italianos nos conte.xtos urbanos do Rio Grande do Sul: perspectivas de pesquisa. *In: VENDRAME, Maria Ines et al (org.). Micro-história, trajetórias e imigração. São Leopoldo: Oikos, 2015*. p. 177.
81. Tradução do autor para: *"Il capitalismo deve fatalmente trionfare, e ha mezzi esuberanti per trionfare; se gli sbarrate il passo dalla porta, girerà la casa o salterà dalla finestra; se lo contrastate come negoziante, organizzerà i trust, o si farà banchieri, o si farà industriale, o si farà il diavolo che lo porti"*. ROSSI, Giovanni. *Questione Sociale. In: Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 29.
82. Tradução do autor para: *"Ma deve trionfare, ed è bene che trionfi, perchè solo lui è capace di preparare inconscientemente le condizioni di una nuova civiltà, nella quale egli stesso avrà fine, e com lui lo sfruttamento dell'uomo sull'uomo"*. ROSSI, Giovanni. *Questione Sociale. In: Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 29.
83. FELICI, Isabelle. A verdadeira História da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. *Cadernos AEL, Campinas, n.8/9, p. 9-67, 1998*, p. 35.

84. SOUZA, Newton Stadler de. apud FINARDI, José, op. cit., 1976. p. 87.
85. SANTOS, Lucy Woellner dos, op. cit., 1998. p. 109.
86. OTTO, Claricia, op. cit., 2001, p. 58.
87. Continuou como dirigente da Estação Agronômica até 1907, porém em 1904 a estação foi transferida para a capital, Florianópolis.
88. SANTOS, Lucy Woellner dos, op. cit., 1998. p. 109.
89. Tradução do autor para: “*La buona semenza produce la fortuna, la bruta semenza, il disastro*”. VICENZI, Victor. *História de Rio dos Cedros*. Casa Dr. Blumenau; Blumenau, 1975. p. 136.
90. Entre eles teosinto, sorgo branco, marmelada de cavalo, capim favorita, capim catingueiro etc.
91. Tradução do autor para: “*Con questi foraggi, combinati al pascolo naturale e all’uso della patata dolce e dell’aipi, si può allevare la razza più esigente e più produttiva, e in numero straordinariamente grande*”. ROSSI, Giovanni. *Agricultura*. In: *Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 29.
92. BIONDI, Luigi, op. cit., 2011. p. 20.
93. MARTINS, Mônica. A prática do auxílio mútuo nas corporações de ofícios no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. In: MAC CORD, Marcelo; BATALHA, Cláudio. *Organizar e proteger: trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)*. Campinas: Ed. Unicamp, 2014. p. 26.
94. DALLABRIDA, Norberto. *À sombra do campanário*. 1993. 230 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.
95. DELLAGIUSTINA, Néelson, op. cit., 2016. p. 29.
96. FERREIRA, Cristina, op. cit., 1998. f. 128.
97. Tradução do autor para: “*Di fatto misero in commissione circa ter milla arobe di tabaco, è spedito in Rio de Janeiro [...]*”. LARGURA, Andrea. *La Società di Rio dos Cedro*. In: *Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 41.
98. Tradução do autor para: “*Ma sia per l’anno critico incontrato in forza della rivoluzione Brasileira, che per qualche tempo il commercio rimase fermo, pregiudicando di sei mesi il pagamento al socio [...]*”. LARGURA, Andrea. *La Società di Rio dos Cedro*. In: *Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 41.
99. Movimento iniciado no Rio Grande do Sul a partir da disputa política entre o Partido Republicano Rio-Grandense (vulgos “Pica-paus”) e o Partido Federalista do Rio Grande do Sul (conhecidos como “Maragatos”). Trouxe muita violência “expressa por discursos, representações, normas de conduta e práticas políticas” que se estenderam até a década de 1930, atingindo inclusive Santa Catarina. Para fins de identificação de seus partidários, os “pica-paus” utilizavam um lenço branco no pescoço, enquanto os “maragatos”, um lenço rubro.

- Cf. FLORES, Moacyr. *Chimangos e Maragatos*. Porto Alegre: Pradense, (2014, p. 5).
100. ELMIR, Cláudio Pereira; WITT, Marcos Antônio. Quem (não) tem medo de fracassos? Notas para uma proposta de investigação no campo de estudos migratórios. In: _____ (org.). *Imigração na América Latina: histórias de fracassos*. São Leopoldo: Oikos; Ed. Unisinos, 2014. p. 7.
101. Tradução do autor para: “*Nel 1897 in numero di 50 coloni, fondarono altra Società, (Mutuo Socorso) sperando camin facendo di renderla cooperativa, quei semplici coloni [...]*”. LARGURA, Andrea. La Società di Rio dos Cedro. In: *Commemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 41.
102. BATALHA, Cláudio, op. cit., 2000. p. 21.
103. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 1993. f. 185.
104. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Tutti buona gente! Subversivos de origem italiana no Arquivo Deops -SP. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Frederico; FRANZINA, Emilio (org.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (Século XIX e XX)*. São Paulo: EDUSP: Fapesp, 2010. p. 145.
105. VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro, op. cit., 2014. p. 201.
106. BIONDI, Luigi, op. cit., 2011. p. 19.
107. FERREIRA, Cristina; KOEPESEL, Daniel Fabricio, op. cit., 2008. p. 115.
108. Tradução do autor: “*Nel 1899 in 19 coloni non ancora persuasi che anche si queste contrade dovrebbe regnare Società, fondarono altra Società cooperativa, ponendo all’atto un piccolo magazzino di consumo*”. LARGURA, Andrea. La Società di Rio dos Cedro. In: *Commemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 41.
109. BATALHA, Cláudio. A Geografia Associativa: associações operárias, protesto e espaço urbano no Rio de Janeiro da Primeira República. In: AZEVEDO, Elciene et al (org.). *Trabalhadores na cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*. Campinas: Ed. Unicamp, 2009. p. 226.
110. SANTOS, Lucy Woellner dos, op. cit., 1998. p. 64.
111. LARGURA, Andrea. La Società di Rio dos Cedro. In: *Commemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 42.
112. LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. *Revista Tempo*, Niterói, v. 20, 2014, p. 16.
113. VENDRAME, Máira Ines. *Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910)*. 2013. 479 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. f. 387.
114. A diretoria eleita em 1904 era formada por Silvio Campetrini (presidente), Sperandio Bendotti (vice-presidente), Eugenio Floriani (tesoureiro), Giuseppe Cristelli (fiscal) e os seguintes conselheiros: Lino

- Paternolli, Lugiero Busarello, Giuseppe Gadotti, Eugenio Campregher, Inazio Trizotto, Abramo Giampicoli, Antonio Lenzi, Batista Busarello, Domenico Largura e Luigi Brancher. Cf. ATAS da Cooperativa de Rio dos Cedros. Rio dos Cedros, 1904, p. 1.
115. Em carta epistolar datada de 25 de fevereiro de 1904 “o Régio Ministério se faz notar como o tabaco que comprou da Sociedade no ano passado estava estragado, tanto que não era útil para a fabricação dos cigarros” nas indústrias europeias. Tradução do autor. Cf. ATAS da Cooperativa de Rio dos Cedros,, 1904. p. 3.
116. Tradução do autor para: “*Si conclusi che per futuro, il tabacco dovrà essere messo in un locale privato, in Blumenau, e si sotto la sorveglianza di qualche persone [...] fino al giorno della destinazione, dell imbarche*”. Cf. ATAS da Cooperativa de Rio dos Cedros. Rio dos Cedros, 1904. p. 3.
117. CERTEAU, Michel de. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 99. (A invenção do cotidiano, v. 1).
118. Relatório do Cônsul Italiano Pio di Savóia. DALL’ALBA, João Leonir. *Imigração italiana em Santa Catarina*. Caxias do Sul: Ed. UCS; Porto Alegre: EST; Florianópolis: Lunardelli, 1983. p. 108.
119. FINARDI, José, op. cit., 1976. p. 203.
120. Sua fundação ocorreu em 19 de março de 1900. Cf. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011, p. 115.
121. BATALHA, Cláudio, op. cit., 2009. p. 252.
122. Uma vez que a Igreja Matriz ficava localizada nas proximidades, bem como o CFR.
123. GROSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou Morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras Santa Catarina 1875-1900*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1987. p. 456.
124. BATALHA, Cláudio, op. cit., 2000. p. 67.
125. ZENDRON, Rute Coelho, op. cit., 2000. p. 140.
126. Além de seu papel religioso, Korte dirigiu o periódico “L’Amico”, publicado em italiano, que trazia não apenas conteúdo catequético, mas também relacionado ao cotidiano agrícola e dos acontecimentos globais e regionais pertinentes à comunidade. Cf. DALLABRIDA Norberto, op. cit., 1993, f. 122. O pároco também coordenou as associações religiosas, como a Ordem Terceira, onde incentivou a difusão da música, sendo ele próprio violinista. Cf. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011.
127. SILVA, José Ferreira da. *A imprensa em Blumenau*. Florianópolis: IOESC, 1977.
128. BERRI, Aléssio. *A Igreja na colonização italiana no Médio Vale do Itajaí*. Blumenau: Casa Dr. Blumenau, 1988. p. 215.
129. OTTO, Clarícia, op. cit., 2001, p. 61.
130. BERRI, Aléssio, op. cit., 1988. p. 118.

131. CRÔNICA do Convento Franciscano de Rodeio. Rodeio, 1909. p.10.
132. LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 43.
133. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 1993. f. 188.
134. VARGAS, Jonas M. “Entre o local e o global”: imigração, relações sociais e perfil ocupacional dos estrangeiros na cidade de Pelotas (1850-1890). In: VENDRAME, Máira Ines; KARSBURG, Alexandre, MOREIRA, Paulo Roberto Sataudt. *Ensaíos de micro-história: trajetória e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 353.
135. ALTMAYER, Everton. *Tirolese no Brasil*. Disponível em: <https://tirolese.com.br/2017/11/26/os-imigrantes-de-rodeio-sc>. Acesso em: 24 out. 2018.
136. PESAVENTO, Sandra Jatahy, op. cit., 2004. p. 85.
137. VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro, op. cit., 2014. p. 209.
138. TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel; Instituto Italiano di Cultura di San Paolo, 1989. p. 173.
139. BIONDI, Luigi, op. cit., 2011. p. 32.
140. VENDRAME, Máira Ines, op. cit., 2013. f. 196.
141. Tradução do autor para: “*La festa della fondazione si farà ogni anno in un giorni determinato: l’anniversario natalizio di Sua Maestá Francesco Giuseppe l’imperatore d’Austria e re dell’Ungheria si festeggerà il 18 Agosto di ogn anno come deciderá ogni anno l’assemblea*”. Cf. STATUTI della Lega Austriaco Brasiliana di Rodeio nel município di Blumenau. Rodeio: [s.n.], 1909.

CAPÍTULO 3

ENTRE “BÊNÇÃOS E MALDIÇÕES”: CONFLITOS RELIGIOSOS NOS NÚCLEOS ITALIANOS DO CURATO DE RODEIO

A religiosidade era uma característica manifesta entre os imigrantes de fala italiana no Vale do Itajaí, sendo predominante a fé católica. Esses núcleos italianos de Blumenau eram caracterizados como “sociedades da capela”¹, funcionando como centro de sociabilidade por intermédio das festividades em devoção aos santos padroeiros. Exemplo disso eram as chamadas “*La Sagra*”, festejos que contavam com procissões lideradas pela imagem do patrono, carregada por toda a comunidade. As capelas eram numerosas², mas em geral existiam algumas centrais e maiores em cada localidade, como a Nossa Senhora das Dores, de Rodeio, Santo Ambrósio, em Acurra, e Imaculada Conceição, em Rio dos Cedros.

Um exemplo de *Sagra* é o da localidade de Diamante³, onde, ao chegarem às florestas brasileiras, prometeram “construir o primeiro abrigo em honra à padroeira”⁴, no caso, Santa Apolônia⁵, escolhida porque chegaram à região no dia 9 de fevereiro, data de falecimento da santa. Realizavam, assim, procissões e festejos em honra da padroeira, aproveitando para agradecer a colheita agrícola do ano vigente. Sendo assim, os imigrantes “pensavam, agiam, criavam e transformavam o seu próprio mundo”⁶, como os valores, hábitos, crenças e costumes, em função da herança cultural e de suas experiências no continente europeu.

3.1 "Aqueles que não se sujeitarem à sorte extraída serão malditos por deus até à quarta geração": o embate entre clérigos e fiéis nas "sociedades da capela"

Em relação a essas comunidades de língua italiana, é importante destacar que não estavam isentas de "conflitos em torno da escolha dos padroeiros"⁷, reflexo da diversidade regional desses imigrantes, pois cada grupo queria escolher o patrono de sua comuna⁸ originária, resultando na construção de várias capelas próximas umas das outras. Além de tirolezes, também havia muitos italianos reinóis, advindos de cidades diversas. Dessa forma, muitas vezes a disputa pelo santo "terminava em luta ou na construção de duas capelas e algumas vezes dedicadas a dois ou mais patronos"⁹, mesmo sendo próximas umas das outras. Logo, A exemplo do operariado italiano na cidade de São Paulo durante a virada do século XIX para o XX, "as lealdades dos imigrantes se dirigiam aos seus lugares ou regiões de origem"¹⁰, ao invés de uma identidade nacional italiana, ou seja, com a mescla em diferentes capelas a partir de interesses comuns e conflitantes.

Ainda sobre os patronos, podemos destacar os conflitos nas capelas Santo Ambrósio e Sagrada Família, na localidade de Ascurra, quando Giovanni Buzzi, "que tanta questão fez em adotar Santo Ambrósio como padroeiro"¹¹, foi um dos primeiros a se afastar do posto de fabriqueiro¹² onde era responsável pelas finanças, colaborando para a construção da capela Sagrada Família. O ato seria em resposta à discórdia existente entre os primeiros, com o então padre José Maria Jacobs, amigo de Buzzi. Importante salientar que na nova capela havia uma "predominância de trentinos"¹³, embora seu principal líder, Buzzi, fosse lombardo. Dessa forma, as questões étnicas não deixavam de estar associadas à circularidade cultural, em que havia um "influxo recíproco"¹⁴ entre tirolezes (trentinos) e italianos reinóis, inimigos históricos na península itálica¹⁵, por meio das escolhas dos padroeiros religiosos de suas respectivas localidades.

As divergências com relação aos padroeiros também ocorreram em Rio dos Cedros, onde, “para solucionar a dificuldade que surgira, recorreu-se à sorte”¹⁶, confeccionando cédulas com a inscrição das postuladas padroeiras, sendo elas “Nossa Senhora das Dores” e “Nossa Senhora da Imaculada Conceição”, vencendo esta última. Alguns dos fiéis descontentes com o resultado acabaram mudando-se para a comunidade de Rio Cerro, atualmente localizada em Jaraguá do Sul, onde não haveriam de conviver com os “partidários” da capela vencedora.

Independente de padroeiro, a assistência religiosa para esses imigrantes católicos ainda era escassa na Colônia Blumenau, predominantemente luterana. O trabalho pastoral se fortalece após o diretor Hermann Blumenau ter “vendido sua Colônia particular ao Império Brasileiro”¹⁷, no ano de 1860. A partir de então, sacerdotes começaram a se fixar em Gaspar, como Alberto Francisco Gattone (1860-1867), Antônio Zielinski (1867-1869) e Guilherme Maria Roemer (1869-1872), que se responsabilizavam pela assistência da região. Em algumas poucas oportunidades, as missas foram celebradas pelo vigário de Joinville, Carlos Boegershausen, ou pelo jesuíta João Maria Cybeo, estabelecido em Nova Trento.

Portanto, a “falta de sacerdotes”¹⁸ nos núcleos italianos de Blumenau, que em 1900 alcançara a marca de 9 mil almas¹⁹ era evidente, fazendo-se necessária a figura dos capelães para saciar as “necessidades espirituais”²⁰ da população católica. O capelão era uma figura “fruto da seleção natural entre os colonos”²¹, por ser normalmente uma pessoa com certo grau de instrução e por exercer uma posição de liderança dentro das comunidades. Na ausência de padres de ofício, o capelão exercia a função religiosa, ministrando os cultos na comunidade. Prova disso foi a primeira missa realizada em Rodeio, que ocorreu “em outubro de 1876 [e] foi celebrada [...] na “choupana” de Valentino Fruet”²², capelão desta comunidade.

Depois de meia década sem nenhum religioso fixo em Blumenau, coube ao secular José Maria Jacobs a missão de suprir essa lacuna. Após passagem pelos Estados Unidos, o

padre de origem germânica foi convocado, em fevereiro de 1876, pelo sumo pontífice Pio IX para uma audiência particular, em que mais tarde viria a ser nomeado como o “primeiro pároco”²⁴ de Blumenau. Ao chegar ao Brasil, passou cerca de sete semanas em Joinville, “para se ambientar e aprender o português”²⁵, sob a tutela do padre Carlos Boegershausen.

Sem embargo, a estadia do padre Jacobs no Brasil não seria ausente de conflitos com seu rebanho. Seu “caráter feroso”²⁶, refletido em seu temperamento e atitudes desgostosas para os fiéis, e o governo republicano levaram a ser “determinada a sua prisão”²⁷, após realizar um casamento religioso antes do civil. A prisão aparece como uma reação política, já que a “República reconheceria apenas o casamento civil”²⁸ e o dito padre era “visceralmente monárquico”²⁹ e combativo. Além de política, a atitude do padre, e dos fiéis que se sujeitaram ao matrimônio, é de cunho espiritual, uma vez que o casamento civil era considerado “um atentado aos bons costumes da família cristã”³⁰, optando por manter as práticas religiosas sob os preceitos da tradição católica.

Jacobs foragiu-se temporariamente em Estradas das Areias (Indaial), de onde enviou um bilhete ao seu amigo Giovanni Buzzi, em 10 de fevereiro de 1892, solicitando abrigo e foi prontamente atendido. Buzzi, juntamente com sua família e amigos, cavaram um buraco abaixo da escada que conduzia ao sótão, onde “durante 17 dias ficou Pe. Jacobs guardado, dia e noite por cerca de 90 colonos, que se revezavam, dispostos a liquidar quem quer que tentasse pôr a mão no vigário”³¹, munindo-se de espingardas e bombas caseiras. No dia 1º de março, o pároco foi convencido a se entregar pela escolta policial, sendo levado em uma carroça para Blumenau.

Nesse sentido, o que nos interessa aqui não é a prisão do padre em si, mas a figura do imigrante que o acolheu em sua casa. Ao utilizar uma estratégia, aqui compreendida como “escolhas de um determinado grupo no sentido de se adaptar e garantir seus interesses frente a uma realidade externa”³², transgrediu a imposição da justiça republicana que pretendia aprisionar o clérigo. Portanto, ficavam perceptíveis “relações pessoais de solidariedade e de apoio”³³ entre os fiéis

que mantiveram não apenas lealdade ao padre, mas também à família Buzzi e sua posição de liderança na comunidade Sagrada Família.

O padre transgressor da lei acabou não sendo absolvido do processo, buscando logo após o ocorrido, substitutos para atuarem em seu lugar na paróquia de Blumenau, uma vez que viera a adoecer gravemente desde sua prisão³⁴. Assim sendo, contatou os frades franciscanos que estavam instalados em uma missão no litoral catarinense, mais precisamente em Theresópolis (Santo Amaro da Imperatriz), que após algumas tratativas “resolveram a honrar a causa da paróquia de Blumenau”³⁵, no que tange à assistência religiosa. Esta narrativa do Livro do Tombo remete ao “processo de construção de memórias [que] implica escolhas entre os fatos do passado”³⁶ selecionados por determinado grupo como os que devem ser rememorados, como, nesse caso, a “honra” dos franciscanos ao exercer o trabalho pastoral na paróquia.

A presença dessa missão franciscana em Santa Catarina não estava desconectada do contexto nacional. A proposição do Estado laico³⁷ não foi de todo maléfica para a Igreja Católica, desse modo “a Primeira República foi um período fundamental na construção das bases do poder eclesiástico”³⁸ no Brasil. Entre as conquistas, destacamos a vitória na queda de braço sobre a vinda das “congregações estrangeiras”³⁹ com intuito missionário, para o desgosto de muitos anticlericais, possibilitando, assim, a chegada dos frades alemães em terras brasileiras, quando “intensificou-se o atendimento religioso”⁴⁰ no município blumenauense.

Os padres selecionados foram Zeno Walbroehl e Lucínio Korte, que, juntos, planejaram “a distribuição dos encargos relacionados à sua atividade pastoral a ser exercida na vasta paróquia assumida”⁴¹. O primeiro fixou-se como pároco de Blumenau e diretor do Colégio Santo Antônio, enquanto Lucínio Korte⁴² encarregou-se de atender às capelas italianas e tirolesas, ao se mudar para Rodeio, em 1893, juntamente com o irmão leigo Germano Wunsick, pois ambos

“eram conhecedores do idioma italiano”⁴³, e este último passou a ministrar aulas nas escolas paroquiais.

Os franciscanos, por sua vez, traziam consigo os “moldes do catolicismo romanizado”⁴⁴ baseados na “centralização da autoridade eclesiástica na figura do papa”⁴⁵ em detrimento das autoridades leigas, como os já referidos capelães e fabriqueiros. Isto posto, podemos destacar a ideia de “controlar as práticas do catolicismo popular”⁴⁶, que muitas vezes misturavam o sagrado com o profano. Todavia, esses imigrantes traziam consigo um clericalismo e apego excessivo aos rituais romanos, especialmente os tirolezes, que se “enquadravam quase perfeitamente no projeto de romanização”⁴⁷ da Igreja Católica Apostólica Romana.

Exemplo disso foi Valentino Fruet, capelão em Rodeio que partira de sua comuna em Pergine, no Tirol Meridional, aos 24 anos de idade com sua esposa, Maria Tonet, e Anna, sua filha primogênita. Desde sua chegada, “puxava as rezas”⁴⁸ na ausência de clérigos e também era mestre-escola, nomeado pelo próprio padre Jacobs, com o intuito catequético. Era o responsável pelos ritos religiosos da comunidade, reunindo-se muitas vezes não só na capela, mas também nas casas dos imigrantes. O caráter romanizador dos franciscanos os impôs “como os dirigentes de todas as atividades concernentes à vida religiosa”⁴⁹, assim os capelães tiveram sua liderança diminuída pela figura do padre. Todavia, Valentino Fruet, juntamente com seu vizinho Leonardo Scoz, doou parte de seu terreno⁵⁰ para a construção da nova capela, que serviria como a matriz de uma futura paróquia.

Os trâmites para a construção da igreja iniciaram-se em 1897, e contou “com assistência de grandíssimo número de fiéis”⁵¹ católicos. Essa “prática de construir igrejas mediante o trabalho comunitário”⁵² sob orientação do pároco e sem ajuda do Estado, “recém-laicizado”, era mais uma característica do catolicismo romanizado, mas também dessas sociedades de capela. A igreja ficaria pronta em 1899, acolhendo São Francisco de Assis⁵³ como patrono, o mesmo da congregação que exercia seu trabalho pastoral na capela. Substituindo,

assim, a figura da *Madonna Dolorata*⁵⁴, padroeira escolhida pelos primeiros imigrantes, desde seu estabelecimento na região e até os dias atuais, com a presença de uma imagem em sua homenagem na entrada da Igreja Matriz de Rodeio.

O templo era constituído por vários elementos e símbolos, pois “os franciscanos sabiam a importância que os sinos representavam para os imigrantes italianos”⁵⁵, servindo como um marco não só para as horas do dia ou do início dos cultos, mas também como uma forma de aviso sobre os sepultamentos, por meio do toque da agonia, identificado a partir de nove badaladas no sino médio bem espancadas e soadas de quinze em quinze minutos. Novos sinos, maiores e mais modernos, chegaram em 1903, oriundos da Alemanha, juntamente com estátuas e efígies sacras e uma máquina tipográfica. A construção dos templos religiosos e a compra de seus respectivos adornos demonstram reciprocidade entre clérigos e fiéis no tocante a importância dada para esses elementos entendidos como casas de oração.

Vale constar que o dinheiro arrecadado para a compra surgiu de esmolas doadas pela comunidade. A exemplo do que acontecera nas colônias italianas do Rio Grande do Sul, “o templo se encheu de símbolos que forneceram status e poder ao pároco”⁵⁶ e à comunidade que abrigava tais elementos. No ano de 1906 foram instalados o órgão de tubos, enchendo de melodiosos sons as celebrações eclesiais, sendo “o primeiro órgão a ser instalado em Santa Catarina”⁵⁷, trazido de Hamburgo, como doação de Friedrich Lautermann, amigo pessoal de Lucínio Korte.

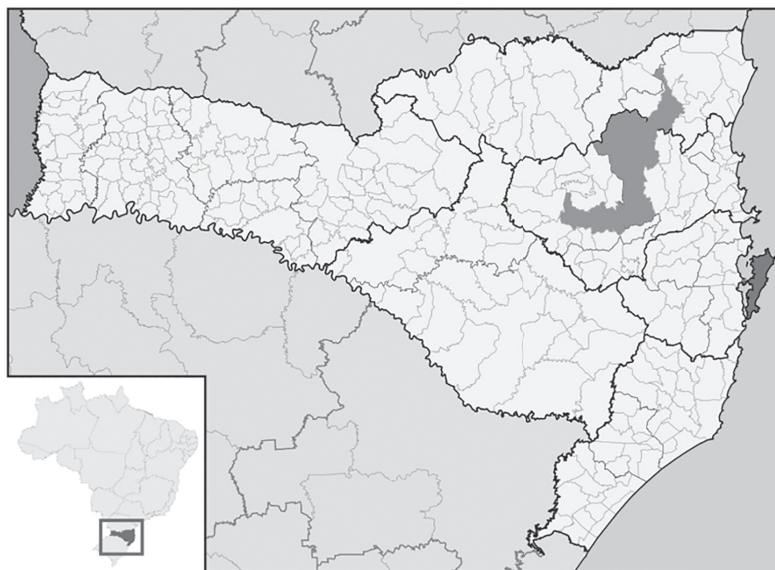
Além do novo templo religioso, em 1901 passou a “funcionar no convento de Rodeio o noviciado da Ordem”⁵⁸ Franciscana, visando o “consequente aumento do número de sacerdotes”⁵⁹, a partir dos noviços predispostos a seguir a vida religiosa. Esta era mais uma característica da romanização, movimento eclesial de grande força no continente europeu. A narrativa sobre a construção do noviciado⁶⁰ aponta que “embora edificado dentro da pobreza, tinha boa aparência”⁶¹, sendo construído com a ajuda financeira e braçal dos fiéis.

O discurso do memorialista Aléssio Berri estava marcado pela forte relação com o franciscanismo e o próprio São Francisco de Assis, que tornou a “Pobreza seu valor espiritual supremo”⁶², sua senhora, sua mestra, abdicando de seus bens materiais e adotando a vida mendicante. Por outro lado, essas memórias muitas vezes eram alimentadas por “lembranças vagas, contraditórias e sem nenhuma crítica às fontes”⁶³, usando de discursos que tendiam a enaltecer as conquistas da Igreja e dos franciscanos, pelo viés da sua simplicidade.

A construção de uma nova Igreja estava diretamente ligada a escolha de Rodeio como curato (paróquia) e veio por recomendação feita pelo padre Jacobs, “onde tinha encontrado um povo mais humilde”⁶⁴ em relação às comunidades de Ascurra e Rio dos Cedros. Essa concepção de humildade também remete às discussões acerca da memória, portanto, a um “conjunto de funções psíquicas”⁶⁵ que atualiza impressões e informações do passado, readequando-as a seu favor. Nesse discurso, a “humildade” estava diretamente ligada com a “obediência exemplar em relação às determinações eclesiásticas”⁶⁶ dos tirolezes residentes em Rodeio.

A consolidação da Igreja Matriz também estava associada à “rápida multiplicação de dioceses”⁶⁷, como o surgimento da Diocese de Curitiba, responsável pelos estados do Paraná e de Santa Catarina. A área de atuação do clero franciscano, em especial de Lucínio Korte⁶⁸, se estendia a “Jaraguá, com seu vasto território, Rio dos Cedros, Ascurra, Hansa [Ibirama], Rio do Sul e Rio do Oeste”⁶⁹, mas também aos atuais municípios de Benedito Novo e Doutor Pedrinho⁷⁰ (Figura 4). Para tanto, criou-se o Curato de Rodeio⁷¹, que tinha também uma posição geográfica estratégica para o atendimento das demais localidades, sendo reflexo do aumento exponencial do número de paróquias, que crescia de forma proporcional às dioceses, sob o teor centralizador da Igreja romanizada.

Figura 4 - Área de atuação do clero franciscano no Vale do Itajaí e Itapocu (Jaraguá do Sul)



Fonte: Acervo Pessoal.

A elevação de Rodeio à paróquia não se deu sem conflitos que perduraram por mais de uma década, enredados em um “clima de oposição e rivalidade entre os moradores”⁷², aparente nos embates entre os ascurrenses com os padres franciscanos, resultando em medidas enérgicas de ambos os lados. Com relação a isso, “pode-se dizer que a resistência à atuação do clero franciscano tinha três motivações”⁷³, sendo a primeira o anseio de serem atendidos por padres de nacionalidade italiana, a segunda a definição do local das novas capelas e a terceira o desejo de algumas capelas de se tornarem paróquias.

O primeiro motivo, pautado na reivindicação de padres provindos da península itálica, ou ao menos de origem latina, tratava-se de uma posição associada ao “caráter anti-germânico”⁷⁴ de muitos fiéis provindos do Vêneto e da Lombardia, portanto, súditos do reino da Itália. Essa têmpera ligava-se ao processo de unificação dos países europeus, tais

como a Itália, que trouxe a consolidação do nacionalismo, tradição inventada e formada essencialmente por um “processo de formalização e ritualização”⁷⁵ do passado, utilizando da xenofobia para distinguir-se do “outro”, isto é, do estrangeiro.

O antigermanismo também estava associado com a língua, vista em uma perspectiva identitária como o “principal elemento diferenciador e ao mesmo tempo definidor de uma comunidade étnica”⁷⁶, marcada nesse caso pelos falantes de italiano. No entanto, os tirolezes tinham uma relação mais harmônica com os clérigos, uma vez que no Tirol o “bilinguismo era uma realidade latente”⁷⁷, existindo imigrantes do Tirol Meridional⁷⁸ que falavam tanto o italiano quanto o alemão. A reciprocidade com o clero franciscano se dava, portanto, de duas formas distintas, pois enquanto os ideais nacionalistas dos italianos destoavam do teor romanizado da Igreja, o elemento germânico convergia com os austríacos de fala italiana.

Dentro da lógica das sociedades de capela os centros religiosos “eram propriedades comunitárias”⁷⁹, não pertencendo aos latifundiários nem às irmandades. No entanto a escolha da localização das capelas gerava conflitos entre os padres e seu rebanho e essas disputas geopolíticas eram muitas vezes decididas através de sorteios que resultavam em descontentamentos por parte dos perdedores. Em uma dessas ocasiões, o pároco Lucínio Korte, afirmaria que “aqueles que não se sujeitarem à sorte extraída, serão malditos por Deus até à quarta geração”⁸⁰. Quanto às palavras do padre, podemos dizer que eram tidas como “bênçãos e maldições proferidas pelo próprio Deus”⁸¹ para parcela significativa da população, lançando-se o temor de uma praga divina neles. Esses conflitos entre clérigos e fiéis revelam “as dificuldades da estruturação do catolicismo romanizado”⁸³ no Vale do Itajaí.

Quanto ao desejo de outras capelas se tornarem paróquia podemos destacar os esforços de transformar a capela Santo Ambrósio (Ascurra) em paróquia como outro pilar dos embates entre franciscanos e italianos. As tentativas

para tornar-se curato surgiram desde os primórdios da imigração, quando, em 1880, devido às dificuldades de sepultamento dos defuntos, o diretor da colônia, Hermann Blumenau, na tentativa de “prover a necessidade espiritual dos emigrados, solicitou à Cúria Episcopal que se dignasse mandar um sacerdote católico visitar periodicamente a Freguesia de Ascurra”⁸³, também conhecida como Linha Colonial São Paulo.

Dessa forma, os ascurrenses passaram a defender a promoção da capela a paróquia como um estado de direito, usando a decisão do diretor como argumento para sua reivindicação. Também se alegava que o então pároco, José Maria Jacobs, após benzer o cemitério construído, acabou “prometendo que a seu tempo, fundar-se-[ia] a paróquia”⁸⁴ em Ascurra. Essas tentativas de transformar a capela de Santo Ambrósio em paróquia remetem ao que é comum a um grupo e o distingue dos outros, elemento que “fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento”⁸⁵ à localidade citada.

Nesse ínterim, eram comuns as “doações de terras para igrejas, de fins comunitários”⁸⁶, assim como ocorrera nos lotes 12 e 50 no território⁸⁷ que compreende Rodeio. Portanto, “não é verdade que o Governo tivesse criado a Freguesia de Ascurra”⁸⁸, entendida aqui como um distrito territorial de pequena proporção atribuído pelo Império. Os lotes eram distribuídos com a finalidade de construir capelas, escolas e cemitérios, “trilogia” fundamental “que predominou nas comunidades dos colonizadores italianos”⁸⁹ em Blumenau. Quanto às capelas, é importante destacar que estavam abaixo na hierarquia do Curato de Rodeio, este que abrangia “23 capelas e estações”⁹⁰.

A falta de submissão hierárquica ao clero franciscano, demonstrada na tentativa de conseguir padres de língua italiana, em não aceitar os sorteios dos locais de construção das novas capelas ou nas tentativas fracassadas de tornar-se paróquia, e os conflitos citados com a paróquia vizinha de Sagrada Família levaram a capela Santo Ambrósio a passar por constantes interdições por parte dos franciscanos. Essas

interdições⁹¹ surgem como estratégias, no sentido de um “cálculo (ou manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado”⁹², sendo estratégias acionadas pelos franciscanos como represália às atitudes dos imigrantes. Contudo, essas providências mútuas de reinvidicação e de retaliação demonstram a reciprocidade caracterizada por uma “relação de dom e contradom”⁹³ manifesta no embate entre clérigos e fiéis.

As interdições da capela Santo Ambrósio suspenderam sacramentos como a confissão, o matrimônio, o batismo e a eucaristia. Exemplo disso foi o “bom número de crianças que ficou cerca de três anos sem o batismo”⁹⁴ em Ascurra, onde os padres solicitavam para realização desses sacramentos uma assinatura em um documento que beneficiava os franciscanos⁹⁵. O ímpeto romanizador visava colocar os católicos “em sintonia com as crenças e práticas romanas”⁹⁶ e, por intermédio dos santíssimos sacramentos cristãos, as medidas intervencionistas do clero franciscano estigmatizavam a pretensa hierarquia dessas sociedades, onde os padres ocupavam o topo, enquanto “o fiel deveria ser o último degrau, passivo da pirâmide”⁹⁷, em mais um movimento característico da romanização.

A extrema-unção, sacramento que na crença católica auxilia a enfrentar a morte, talvez fosse a mais importante para os fiéis. Essa consagração eucarística também era breçada pelos frades, como ocorreu com o senhor Jacó Possamai, de Ascurra, em seu leito de morte. Ao trazer o Santo Viático⁹⁸, o frei Daniel Lepich teria ameaçado negar o sacramento após o moribundo negar-se de dar firma ao documento, para tanto, seu irmão prometeu fazer em seu lugar, sendo assim, o padre ministrou a última eucaristia e o homem padeceu. Passadas três semanas do ocorrido, o irmão do falecido foi a Rodeio para se confessar e ao encontrar-se com o mesmo padre foi questionado sobre as assinaturas, no que replicou dizendo que se a firma garantisse que a alma do irmão se libertaria do inferno, “não faria apenas uma, mas dez firmas”. O padre

consentiu dizendo que “as pessoas deste mundo não podem julgar as do outro”⁹⁹, desistindo de insistir pela assinatura e confessando o senhor Possamai.

Nesse episódio percebemos “uma arena de elementos conflitivos”¹⁰⁰ entre os moradores de Ascurra e o clero franciscano de Rodeio, resultando em estratégias recíprocas para alcançar seus objetivos. No caso do clero é importante ressaltar o uso da chantagem, ao condicionar o sacramento por meio da assinatura, enquanto a família Possamai utilizou-se da barganha, ao sugerir assinar a firma depois que o moribundo viesse a óbito, argumentando não poder se responsabilizar pelos pecados de quem já não estava mais presente no plano terreno.

A reciprocidade envolveu o clero franciscano e seus paroquianos (fossem tirolezes ou italianos), provenientes do “limite das relações de cada pessoa com todas as outras”¹⁰¹ em um complexo entrelaçamento entre clérigos e fiéis, dado nas convergências, mas sobretudo nos conflitos e oposições. Desse modo, as disputas em torno da escolha dos padroeiros ou os artifícios efetuados para receber os sacramentos quando fossem negados contavam com estratégias empregadas por essa comunidade de fala italiana e, acima de tudo, católica. Por outro lado, a educação proposta pelos franciscanos também causou contendas, uma vez que visava instruir os imigrantes para facilitar o processo evangelizador, o que não agradou necessariamente parte dos imigrantes que entendiam a lógica do ensino de outra maneira.

3.2. A educação baseada na “*História Sagrada e no Catecismo*”: o ensino escolar das comunidades italianas e tirolezas

A educação foi um eixo fundamental das sociedades de capela e estava ligada diretamente à religião em sua composição. As escolas, portanto, serviam como “meios estratégicos para a transmissão da doutrina católica às crianças” de maneira sistemática e regular. Esse entrelaçamento

entre educação e religião estava diretamente associado ao “grande crescimento nas iniciativas de entrada e instalação de congregações religiosas em diversos estados”, como é o caso da Ordem Franciscana que se instalou em Rodeio na década de 1890.

A figura do frade franciscano Lucínio Korte foi central para o estabelecimento das escolas nos núcleos italianos do Vale do Itajaí. Vale frisar que o pároco, “apesar de ser alemão falava muito bem o italiano”¹⁰⁴, fruto de sua estadia em Roma por dois anos “para aprofundar seus conhecimentos”¹⁰⁵ sacros, além do próprio convívio com os imigrantes italianos e tirolezes por mais de uma década que aperfeiçoaram seu conhecimento linguístico. A língua italiana, nesse quesito, surgia como instrumento de comunicação não apenas para as questões religiosas, mas também para o ensinamento nas escolas paroquiais.

Os franciscanos se estabeleceram em Rodeio de forma gradual. O primeiro ano de atuação de Korte contou com viagens de bate-volta de Blumenau até as valadas italianas e vice-versa. Apenas em 1893 passaram a pernoitar por alguns dias na capela Nossa Senhora das Dores em Rodeio. É nesse mesmo ano que o irmão leigo Germano Wunsick “se encarregaria de continuar a missão da escola”¹⁰⁶, antes ministrada por capelães, como o caso de Valentino Fruet. No entanto foi em 1895 que a Ordem dos Frades Menores (OFM) se instalou em definitivo na localidade de Rodeio, dando início à construção de uma nova igreja, que serviria como matriz. Logo, as capelas sob área de atuação franciscana “passaram por um florescimento significativo”¹⁰⁷, bem como as escolas, normalmente arquitetadas anexas ao templo religioso.

Segundo o livro comemorativo do centenário da imigração italiana no município de Rodeio, a primeira escola na cidade foi “fundada por frei Lucínio Korte”¹⁰⁸, personagem com quem a comunidade estaria em dívida, por suas incalculáveis contribuições no campo pedagógico. Todavia, o padre Jacobs já havia promovido “sete escolas paroquiais precariamente instaladas nas não menos rústicas

capelinhas onde, além do culto, eram ministradas as aulas de primeiras letras e catecismo¹⁰⁹, que eram aplicadas pelos líderes comunitários.

A narrativa de frei José Bertoldi e frei Guido Scottini carrega elementos discursivos nada inocentes, uma vez que se trata de um texto produzido “para dada audiência”¹¹⁰, já que o próprio contexto de produção é comemorativo. Primeiramente porque esse texto, assim como os trabalhos de José Finardi (sobre Ascurra) e Victor Vicenzi (sobre Rio dos Cedros), surge a partir de 1975, quando se comemorava o centenário da imigração italiana. Desta forma cabe ressaltar que este evento contou com subsídios da Província Autônoma de Trento para “financiamentos de projetos”¹¹¹, que assim como as obras visavam ressaltar a italianidade da região supracitada. Em segundo lugar, o discurso provém de faltas e intencionalidades ao tratar Lucínio Korte como o fundador das escolas, já que o livro fora organizado por dois frades, que assim como Lucínio eram franciscanos; embora a congregação tenha sido responsável por “multiplicar as escolas que encontraram nos vales”¹¹², aumentando para mais de 15 educandários em poucos lustros de anos.

Quanto ao grau de instrução dos fiéis, ao contrário do que se perpetuou por muitos anos na historiografia, “os imigrantes italianos não eram todos analfabetos”¹¹³, embora fossem em maioria agricultores. Prova disso é que “em algumas zonas do Trentino o analfabetismo era considerado uma exceção”¹¹⁴, pois a maioria tinha conhecimento mínimo das primeiras letras. A escolarização dessa forma surgia nos países europeus, que haviam recém se constituído como nação, como “uma forma de estabelecer padrões comuns de comportamentos e valores”¹¹⁵, sendo depois transplantados para as colônias de seus compatriotas nas Américas.

Em 1º de abril de 1899, moradores de Rodeio se reuniram com o pároco para assinar um estatuto escolar com o intuito de reorganizar o sistema educacional da escola paroquial. No entanto, podemos salientar o caráter hierárquico do estatuto, em que diz que “como Inspetor perpétuo

de escola e autoridade competente para decidir dúbios na explicação dos estatutos, assim como para dirigir a instrução na escola, a Sociedade reconhece para sempre o Pároco atual¹¹⁶, no caso, o frei Lucínio Korte. Desta forma, é importante denotar que “o clero romanizado investiu e redobrou esforços no estabelecimento de uma rede de escolas católicas¹¹⁷, fortalecendo sua presença na comunidade escolar.

Dentre outras medidas, os estatutos escolares regulamentavam a fixação de uma taxa anual de cinco mil réis, que podia ser paga no início de cada semestre, isto é, em duas vezes. Do parágrafo terceiro ao oitavo aparecem aspectos financeiros referentes a escola, onde podemos ressaltar que “deste pagamento ordinário, quatro partes são destinadas ao honorário dos professores, uma [outra] parte fica na caixa de escola para despesas extraordinárias¹¹⁸. Quando necessária a complementação da renda docente, cobravam taxas excepcionais, proporcionais ao número de filhos matriculados de cada núcleo familiar. Sendo assim, “as escolas paroquiais eram instituições mantidas em grande parte pelas famílias¹¹⁹, caracterizando a organização comunitária em prol da educação.

O Consulado Italiano estava diretamente ligado aos educandários e sua sede regional ficava na capital Florianópolis. As escolas recebiam, assim, subsídios e material didático do governo, entretanto “institutos não italianos, que ensinassem em língua italiana, também poderiam receber subsídios¹²⁰, como acontecia com a escola tirolesa fundada em Rodeio sob coordenação do padre franciscano. A busca por auxílio junto ao consulado italiano se explica pelo fato de serem “mais numerosos e mais ativos no Brasil do que os austríacos¹²¹, servindo então como uma forma alternativa para a manutenção das escolas, uma vez que o próprio governo brasileiro pouco fazia pela educação dessas valadas.

Diferentemente das escolas étnicas italianas que estavam regulamentadas em uma legislação uniforme desenvolvida “de modo coerente aos programas escolares¹²² instituídos do outro lado do Atlântico, as escolas paroquiais

estavam sob orientação das congregações religiosas. Porém em todos os relatórios dos consulares “encontram-se menções da falta de escolas no País e da necessidade do governo italiano intervir”¹²³, resolvida por meio do envio de livros para leitura e outros materiais escolares, além de subsídios financeiros para manutenção do espaço escolar e pagamento de honorários aos professores.

Exemplo desses relatórios foi o do cônsul Gherardo Pio di Savóia¹²⁴ sobre as escolas de Rodeio, Ascurra e Rio dos Cedros, onde teceu fortes críticas à autoridade eclesiástica dos franciscanos, cunhando de “extraordinária, incontestada [e] medieval”¹²⁵. O espírito arbitrário do clero estava associado à tendência ultramontana, de “inspiração conservadora”, em que a Igreja tornou-se “guardiã da ortodoxia e da verdade”¹²⁶ sobre as coisas. O discurso de Savóia, portanto, reflete como “as considerações dos cônsules eram muito negativas, em relação a tarefa e a função, exercitadas pelos missionários de orientação ultramontana”¹²⁷, como no caso dos franciscanos alemães.

As críticas ferrenhas de Savóia se estendiam para o plano curricular das escolas, afirmando que “o currículo escolar consiste especialmente na História Sagrada e no Catecismo”¹²⁸, ignorando a “manutenção dos laços de italianidade”¹²⁹ preconizados pelo governo italiano. Portanto, a educação defendida pelo Reino da Itália estava associada a uma “tradição inventada” que visava “inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente em uma continuidade em relação ao passado”¹³⁰ laudatório do país de origem.

Contudo o pároco Lucínio Korte não ficou em silêncio, dando uma devolutiva sobre o currículo das escolas tirolesas em carta endereçada ao cônsul. Responderia que caso ele tivesse esperado o convite para entrar na escola, perceberia que “além das duas horas de história sagrada e três de catecismo, restavam 30 horas para contas, ler, escrever, temas, ortografia e gramática, língua portuguesa, geografia, canto”¹³¹ dentre outras atividades manuais voltadas às meninas.

Segundo o relatório¹³² do frei Estanislau Shaette, datado de 1910, o currículo das escolas tirolesas dispunha das seguintes disciplinas: Religião, Idioma Pátrio (italiano), Idioma Nativo (português), Aritmética, Geometria, História, Geografia, História Natural, Canto¹³³ e Desenho. Esse currículo demonstrava que com o advento da República a “estrutura geral pouco se alterou em relação àquela que vinha do Império”, mantendo disciplinas e a ligação com a religiosidade permitida no regime anterior.

Com relação à disciplina de História, podemos detalhar que era ministrada em um curso de dois anos, que mencionava os “acontecimentos mais importantes da história mundial, onde é dada especial atenção à História da Áustria e do Tirol”¹³⁵, remetendo às mesmas práticas de “natureza ritual ou simbólica”¹³⁶ utilizadas no currículo das escolas italianas. Também estudavam os “vários períodos da história brasileira” por meio de lições semanais, muitas visando “esclarecer os feriados nacionais”¹³⁷. Tal quadro da disciplina remete a lembrar que “todo o conhecimento histórico é uma releitura do passado demandada pelo presente”¹³⁸, no caso, uma necessidade da República de construir uma identidade nacional em um território repleto de estrangeiros para valorizar os ideais republicanos.

O relatório também mencionava os livros específicos utilizados pelos professores, sendo dois de temática sacra e outro de tema mais geral, intitulado *Livro di lettura*, do autor Albino Bertanini, tipografado em Viena (Áustria). Sobre o caráter editorial desses materiais é possível dizer que “eram livros simples de poucas páginas, sem maiores investimentos na editoração e impressão”¹³⁹, produzidos com material barato (papel jornal) e sem um grande número de ilustrações, barateando seu custo de produção.

O uso do material austríaco se deve muito à liderança de Lucínio Korte, que “proibiu a utilização do material escolar italiano nas escolas paroquiais, por considerá-lo perigoso e ofensivo à Igreja Católica”¹⁴⁰. Por outro lado, aceitava os subsídios financeiros enviados pelo Consulado Italiano. A

aversão ao Reino Italiano não estava desvinculada do contexto global, onde o papa Pio IX ficou insatisfeito com a tomada de Roma, recusando-se a reconhecer a unificação¹⁴¹ do Estado Italiano e criando “uma profunda barreira entre os católicos e o novo governo”¹⁴², ao condenar a participação dos fiéis nas eleições nacionais.

Quanto aos professores, “poucos eram os que exerciam exclusivamente a docência”¹⁴³, de modo que a maioria sequer tinha formação específica para lecionar, contendo apenas uma bagagem maior de leituras. Pietro Trentini¹⁴⁴, que apesar do sobrenome sugestivo era vêneto, atuou nas valadas de Rio dos Cedros e Ascurra como professor. Durante a década de 1880, ocupou-se também em “fabricar tijolos sem fornos fixos”¹⁴⁵, com o intuito de colaborar com os colonos. Trabalhou também como pedreiro, fruto de seus conhecimentos adquiridos na escola militar, na Itália.

Giuseppe Zanluca, imigrante tirolês instalado em Rio dos Cedros, foi outro professor que atuava em outros ofícios. No livro do cinquentenário de Blumenau o “maestro” ressaltou: “apesar dos meus esforços e amor à profissão a que me dedicava de alma e corpo [...] não obtive resultados satisfatórios, a não ser invejas, murmurações, críticas e calúnias”¹⁴⁶, mudando-se para a localidade de São Pedrinho (Rodeio) para trabalhar na lavoura. A disciplina ministrada por Zanluca era a de Instrução Moral e Cívica, que aos olhos do sistema educacional brasileiro tinha o objetivo de “ensinar saberes e interiorizar habilidades de corte moral e patriótico”¹⁴⁷ para maior benefício da nação e construção da cidadania.

Após ataque de indígenas em São Pedrinho, tornou para Rio dos Cedros. Essas pequenas trajetórias dos dois professores mostram também como os indivíduos poderiam trabalhar em mais de um ofício ao mesmo tempo, ou como trocavam de empreendimento quando fosse necessário. Logo, destacamos como esses sujeitos históricos “fizeram uso de uma mobilidade [tanto] social quanto espacial”¹⁴⁸, mudando de localidade para modificar sua rede de relacionamentos e

vizinhos. Entretanto, além do ensino Zanluca se ocupou de outros ofícios de cunho intelectual e, muito devido ao seu conhecimento do idioma italiano, foi “o chefe das oficinas impressoras”¹⁴⁹ do periódico *L’Amico*, órgão dos padres franciscanos, e mais tarde foi redator do jornal bilíngue *O Escudo*, em parceria com José Ferreira da Silva.

A linguística era uma questão fundamental para o ensino das escolas italianas e tirolesas, no entanto devemos destacar que as famílias de imigrantes “conheciam mal o italiano”¹⁵⁰ e se comunicavam por meio de diversos dialetos, entre eles o trentino e o vênето. Embora se ensinasse o “italiano clássico nas escolas paroquiais” e étnicas, percebe-se a presença de cantilenas jocosas reproduzidas em dialetos diversos, por exemplo, esta ministrada pelo professor Pietro Trentini na localidade de Ribeirão São Paulo:

Sú e zô per le strade de Piranga
 Se encontra dei polacchi
 Rodéo gh’è dei fratti
 E “São Paulo” noi gh’em volen!
 Corrággio putelle
 Che canta al cucú
 Parróchia in Freguezia
 En “vinti quatro” mai piú!¹⁵²

O trecho vem do dialeto trentino, o que nos leva à reflexão de que “os filhos de imigrantes falavam dialetos diferentes e os professores teriam dificuldades de ensinar se não compreendessem o que seus alunos falavam”¹⁵³, existindo uma circularidade linguística entre os dialetos trentino, vênето e lombardo, juntamente com o italiano gramatical, empreendido nas escolas. Essas cantigas, assim como os provérbios, eram “praticadas na oralidade, desempenhando, principalmente uma função monitoria”¹⁵⁴, ou seja, de conselhos passados de geração em geração.

A letra da música traz muitas questões importantes. De início já coloca a diferença entre Rodeio e Ascurra na presença significativa dos imigrantes poloneses e na atuação dos franciscanos. Também mencionam a intenção de elevar Ascurra à paróquia e que a localidade de Ribeirão São Paulo (Sagrada Família) era contrária, questões essas discutidas no capítulo anterior, e que surgem como temáticas utilizadas pelos professores em sala de aula. Demonstrando como a realidade cotidiana estava próxima dos educandários.

Ainda com relação à diversidade linguística, podemos destacar as comemorações na paróquia de Rodeio com relação ao jubileu do papa Leão XIII, ao cumprir 25 anos de pontificado. A programação no período vespertino nas escolas mencionava que “em línguas diferentes foram explicados a vida do pontífice”¹⁵⁵, com o intuito de alcançar os fiéis de diversas etnias, fossem alemães, poloneses ou luso-brasileiros.

Mesmo assim, o ensino da língua e, conseqüentemente, da escrita italiana nas escolas nos faz pensar como a “capacidade de dominar e transmitir a cultura escrita eram fontes de poder”¹⁵⁶ utilizadas pelas lideranças educacionais para atingir seus propósitos; fosse pelo clero, com seu tom catequético, ou pelas escolas étnicas, de intuito nacionalista, caso das sociedades “Dante Alighieri”, que tinham como “objetivo principal” justamente o “ensino da língua italiana”¹⁵⁷, que era vista como o maior instrumento de italianidade.

As escolas étnicas italianas – que se proliferaram sobretudo a partir de 1905 com a forte atuação de Ermembergo Pellizzetti, nomeado inspetor da sociedade escolar “Dante Alighieri” – também enfrentaram resistência dos franciscanos. Até porque os padres se recusavam a utilizar o material didático que promovia a italianidade, embora ensinassem nas escolas paroquiais a língua nativa dos imigrantes, “mais por exigência de fé que por espírito de patriotismo”¹⁵⁸, uma vez que a Igreja via a Itália como ardilosa oponente. A organização da “Dante Alighieri”¹⁵⁹ se perpetuou por todo o Brasil, surgindo

primeiramente em Porto Alegre em 1898, se estendendo por vários estados e chegando em Santa Catarina em 1901, tendo como objetivo a difusão da italianidade.

Embora a maioria dessas escolas estivesse em Ascurra e nos núcleos de presença vêneta em Rio dos Cedros, elas chegaram em Rodeio, na localidade de São João Batista (Rodeio 32). Apesar desta última ser de origem predominantemente trentina, cabe sinalizar o medo dos frades em relação às “más consequências” que as instituições poderiam trazer na região, resultando em uma espécie de “transformação de alguns tiroleses em italianíssimos”¹⁶⁰, o que era considerado nocivo tanto para os padres quanto para os imigrantes tiroleses. Nesse sentido as escolas étnicas, imbuídas de um caráter nacionalista, visavam “italianizar” as malhas de trentinos nas valadas de Rodeio.

Ao ser eleito “ministro provincial”¹⁶¹ em 1904, Lucínio Korte se tornou representante máximo da Província Franciscana Imaculada Conceição do Brasil, sediada na época no Rio de Janeiro, e por isso deixou no ano seguinte seu cargo de pároco para o frei Nicodemos Grundhoff. Durante a transição de gestões, “foram colocadas então para dirigir a educação as Irmãs da Divina Providência”¹⁶², já em janeiro de 1905. Elas ficaram encarregadas pelo ensino de tom religioso e romanizado, em resposta às escolas étnicas italianas que vinham se desenhando sob liderança de Ermembergo Pellizzetti.

Por falta de participação do governo brasileiro nas regiões de língua italiana do Vale do Itajaí, a educação foi difundida em grande parte pelo clero franciscano, que em sua envergadura romanizada enxergava o ensino como um meio de instrução facilitadora para os fins evangelizadores. Os conflitos com relação ao Consulado Italiano remetem a questões nacionalistas inerentes às escolhas feitas por padres e imigrantes com relação ao material didático e as intencionalidades sobre os rumos que os educandários deveriam tomar. Desta forma os imigrantes italianos

fundaram as escolas “Dante Alighieri” como instrumento de manutenção da italianidade; esses novos espaços estiveram presentes também entre os tirolezes que em alguns momentos incorporaram os discursos de italianidade defendidos pelas escolas italianas, resultado de uma circularidade recíproca entre italianos e austríacos no campo do ensino.

Notas

1. DALLABRIDA, Norberto. *A sombra do campanário*. 1993. 230 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993. f. 54.
2. Na área de abrangência do Curato de Rodeio, erigido em 1900, havia 23 capelas e estações, totalizando 1491 famílias e 9000 almas. Cf. LIVRO Tombo da Paróquia São Francisco de Assis de Rodeio. Rodeio, n.1, 1900.
3. Atualmente o bairro pertencente a Rodeio, fica nas proximidades do rio Itajaí-Açu e faz divisa com o município de Ascurra.
4. CANI, Iracema Maria Moser. *Rodeio: histórias e memórias*. Indaial: Ed. Uniasselvi, 2011. p. 45.
5. Viveu em Alexandria no século III, é considerada a protetora dos dentistas e dos males dentais, por ter tido seus dentes arrancados em tortura imposta pelo Império Romano.
6. ABREU, Martha. Religiosidade Popular, problemas e História. In: LIMA, Lana Lage da Gama (et al) (org.). *História & Religião*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002. p. 85.
7. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 1993. f. 45.
8. Povoado, equivalente a município.
9. BERRI, Aléssio. *A Igreja na colonização italiana no Médio Vale do Itajaí*. Blumenau: Casa Dr. Blumenau, 1988. p. 50.
10. HALL, Michael. Entre a etnicidade e a classe em São Paulo. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Frederico; FRANZINA, Emilio (org.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (Século XIX e XX)*. São Paulo: EDUSP: Fapesp, 2010. p. 52.
11. FINARDI, José. *Colonização Italiana de Ascurra: subsídios para a história do município 1876-1976*. Blumenau: Casa Dr. Blumenau, 1976. p. 42.
12. Equivalente a tesoureiro, responsável pela administração financeira da capela.

13. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., p. 147.
14. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 15.
15. Dessa forma, o norte da Itália e sul da Áustria (Tirol) era uma região “marcada por disputas de fronteira” desde o século XVIII, que continuam mesmo depois da anexação do Tirol pela Itália, em 1918. Cf. BITTENCOURT Agueda Bernardete. Anotações sobre a construção do sistema educacional em Santa Catarina. *Proposições*, v. 15, n. 2, p. 97-118, maio/ago. 2004, p. 100.
16. VICENZI, Victor. *História de Rio dos Cedros*. Casa Dr. Blumenau; Blumenau, 1975. p. 106.
17. OLIVEIRA, Mariana Luiza de; FERREIRA, Cristina. A Colônia Blumenau nas exposições universais: premiações e representações (1860-1883). *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 52, n. 5, p. 20-43, set./out. 2011, p. 28.
18. OTTO, Clarícia. *Catolicidades e italianidades: jogos de poder no Médio Vale do Itajaí e no sul de Santa Catarina*. 2005. 271 f. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. f. 41.
19. LIVRO Tombo da Paróquia São Francisco de Assis de Rodeio. Rodeio, n.1, 1900.
20. VENDRAME, Maíra Ines. *Lá éramos servos aqui somos senhores: a organização de imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914)*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007. p. 101.
21. GROSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou Morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras Santa Catarina 1875-1900*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1987. p. 452.
22. Embora a primeira missa em capela tenha sido realizada em 1875 no lugarejo de Rio Morto, pelo padre Carlos Boegershausen, vigário de Joinville, uma vez que essa capela já havia sido construída por luso-brasileiros foragidos da Guerra do Paraguai. Cf. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011. p. 159.
23. Natural da Renânia e nascido em 1832, mudou-se para os Estados Unidos da América, onde adquiriu cidadania e ordenou-se sacerdote pela Catedral de Baltimore, em 1856. Cf. FINARDI, José, op. cit., 1976. p. 58.
24. OTTO, Clarícia, op. cit., 2005. f. 41.
25. BERRI, Aléssio, op. cit., 1988. p. 36.
26. GROSELLI, Renzo Maria, op. cit., 1987. p. 427. Segundo o dicionário Aurélio, o termo “fogososo” significa impetuoso, irrequieto, no sentido de ser uma pessoa cheia de paixão em suas atitudes. Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 5. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 353.

27. FINARDI, José, op. cit., p. 59.
28. Segundo o art. 72, n. 4. LEITE, Fábio Carvalho. O Laicismo e outros exageros sobre a Primeira República no Brasil. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 32-60, jun. 2011, p. 40.
29. GROSSELLI, Renzo Maria, op. cit., p. 427.
30. SILVA, Maria da Conceição. Catolicismo e casamento civil na Cidade de Goiás: conflitos políticos e religiosos (1860-1920). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 46, p. 123-146, out. 2003, p.136.
31. FINARDI, José, op. cit., 1976. p. 59.
32. VENDRAME, Máira Ines. *Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910)*. 2013. 479 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. f. 373.
33. LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 167.
34. Segundo consta o Livro do Tombo, o padre “quis se retirar para a Alemanha, sua pátria, mas chegando no Rio de Janeiro faleceu a 1º de agosto de 1892” LIVRO Tombo da Paróquia São Francisco de Assis de Rodeio, n.1, 1900.
35. Ibidem.
36. MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 27.
37. Imposto por lei em 1890, define que o estado brasileiro é neutro com relação aos temas religiosos, diferentemente do que acontecia durante o período imperial, quando o imperador estava ligado à um universo simbólico da tradição católica.
38. GOMES, Angela de Castro. Primeira República no Brasil: uma história da historiografia. In: MOURÃO, Alda; GOMES, Angela de Castro (coord.). *A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. p. 85.
39. AQUINO, Maurício de. Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: as relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 32, n. 63, p. 143-170, 2012, p. 151.
40. DELLAGIUSTINA, Nélon. *Do Trentino a Rodeio: Família Pegoretti*. Blumenau: 3 de maio, 2016. p. 56
41. BERRI, Aléssio, op. cit., 1988. p. 68.
42. Aprofundou seus estudos em Roma, vivendo na “cidade eterna” por quinze meses, onde aprendeu a língua local. Cf. BERTOLDI, José; SCOTTINI Guido. *Rodeio 1875-1975: Aspectos de sua História e de sua gente*. Blumenau: Gráfica 43, 1975. p. 18.

43. OTTO, Clarícia, op. cit., 2005. f. 42.
44. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 1993. f. 65.
45. RIBEIRO, Emanuela Sousa; AMARAL, Walter Valdevino do. Romanização e modernidade: as Filhas de Marias e a normatização da Sociedade Recifense. *Revista Brasileira de História das Religiões*, [S.l.], ano I, n. 3, jan. 2009, p. 327.
46. VENDRAME, Maíra Ines, op. cit., 2007. p. 65.
47. POSSAMAI, Paulo Cesar. "O Sepulcro do pudor": o combate aos bailes e a imposição de uma moral monacal pelos missionários aos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. *Métis*, Caxias do Sul. v. 2, n. 4, p. 247-262, jul./dez. 2003. p. 249.
48. BERTOLDI, José. Figuras do Passado: Valentino Fruet. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 19, v. 7, p. 202-205, jul. 1978, p. 203.
49. OTTO, Clarícia, op. cit., 2005. f. 129.
50. Scoz doou parte do lote de nº 96, enquanto Fruet, o nº 98. Cf. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011.
51. LIVRO Tombo da Paróquia São Francisco de Assis de Rodeio. Rodeio, n.1, 1900.
52. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 1993. p. 81.
53. Para o historiador Jacques Le Goff, o santo católico fora um "apóstolo apaixonado pela obediência" à Deus, que fundamentava sua submissão. Este vocabulário foi bastante pertinente aos ideais romanizadores dos franciscanos. Cf. LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Tradução de Marcos de Castro. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 173.
54. Em português, "Nossa Senhora das Dores".
55. BERRI, Aléssio, op. cit., 1988. p. 98-99.
56. VENDRAME, Maíra Ines, op. cit., 2013. f. 250.
57. Na catedral de Blumenau, órgãos de tubo só foram instalados em 1927, mais de duas décadas depois. Cf. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011, p. 142.
58. OTTO, Clarícia, op. cit., 2005. f. 42.
59. POSSAMAI, Paulo Cesar, op. cit., 2003. p. 253.
60. O noviciado foi inaugurado no dia 3 de outubro, data da morte do padroeiro, apesar de comumente comemorada no dia seguinte, quando foi sepultado.
61. BERRI, Aléssio, op. cit., 1988. p. 85
62. LE GOFF, Jacques, op. cit., 2010. p. 161.
63. MOTTA, Márcia Maria Menendes, op. cit., 2012. p. 25.
64. LIVRO Tombo da Paróquia São Francisco de Assis de Rodeio. Rodeio, n.1, 1900.
65. LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Ed. Unicamp, 1990. p. 423.
66. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 1993. f. 147.

67. MARIN, Jérri Roberto. História e historiografia da romanização: reflexões provisórias. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, n. 30, p. 149-169, out. 2001. p. 154.
68. Vale mencionar que, em 1894, Frei Lucínio foi transferido para a Bahia, onde permaneceu por sete meses, regressando à Blumenau logo em seguida. Cf. BERRI, Aléssio, op. cit., 1988.
69. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011. p. 129.
70. Atualmente existe um educandário que recebe o nome de Lucínio Korte, localizado no bairro Centro de Doutor Pedrinho. Ainda em Rodeio, a escola Senador Francisco Benjamin Galotti está localizada na rua que recebe o nome do pároco como homenagem. Essas escolhas não são inocentes e estão ligadas à forma como se perpetuou na memória coletiva a forte ligação de Korte com o ensino.
71. Já havia sido declarado “residência da Ordem” Franciscana em 1895, mas só foi erigido em 22 de abril de 1900 e consolidado em 8 de julho do mesmo ano. Cf. BERRI, Aléssio, op. cit., p. 76.
72. OTTO, Clarícia, op. cit., 2005. f. 156.
73. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 1993. f. 144.
74. DALLABRIDA, Norberto. Imigração e Colonização de Trentinos e Italianos na Colônia Blumenau. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 56, n. 6, p. 7-22, nov./dez. 2015, p. 21.
75. HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 12.
76. FERREIRA, Cristina. *Cidadania e identidade na sociedade teuto-brasileira: José Deeke e os embates interétnicos no Vale do Itajaí*. 1998. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. f. 34.
77. ALTMAYER, Everton. Os tirolezes italianos e sua presença no Brasil. In: BONATTI, Mário; ALTMAYER, Everton (org.). *O dialeto trentino no Brasil*. Blumenau: Nova Letra, 2016. p. 20.
78. No Império Austro-Húngaro “doze eram as línguas oficiais, entre elas o alemão, o italiano, o tcheco, o polonês” e entre outras tantas. ALTMAYER, Everton. Aspectos identitários da imigração tirolesa no Brasil. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 56, n. 6, p. 55-76, nov./dez. 2015, p. 57.
79. DALLABRIDA, Norberto. Trentinos e Italianos na Colônia Blumenau e a “Sociedade da Capela”. In: PIAZZA, Walter (org.). *Italianos em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 2001b. p. 113.
80. CANÔNICO, Padre João. Abaixo-Assinado dos Moradores de Ascurra para a Cúria Romana. Blumenau: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS), 1914.
81. OTTO, Clarícia, op cit., 2005. f. 120.
82. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 1993. f. 143.

83. CANÔNICO, Padre João. *Abaixo-Assinado dos Moradores de Ascurra para a Cúria Romana*. Blumenau: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS), 1914.
84. *Ibidem*.
85. POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989, p. 3.
86. BLUMENAU, Hermann. *A Colônia Alemã Blumenau: na Província de Santa Catarina no Sul do Brasil*. In: FERREIRA, Cristina (org.). Tradução Annemarie Fouquet Schünke. Blumenau: Cultura em Movimento; Instituto Blumenau 150 anos, 2002. p. 22.
87. Estes lotes consistem nos atuais bairros Rodeio 12 e Rodeio 50, embora neste último a capela tenha sido erigida no lote 51, “considerando-se lado ímpar o da Prefeitura Municipal e lado par o da Igreja Matriz” e que os dois lotes estão em sentidos opostos. Cf. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011. p. 66.
88. SILVA, José Ferreira da. *Comentários sobre o Abaixo-Assinado dos Moradores de Ascurra*. Blumenau: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS), 1960.
89. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 1993. f. 54.
90. LIVRO Tombo da Paróquia São Francisco de Assis de Rodeio. Rodeio, n.1, 1900.
91. A primeira interdição ocorreu em novembro de 1900, sendo revogada dois anos mais tarde por ordem do bispo D. José de Camargo Barros em visita diocesana. Um mês depois tornaria a ser interdita até o ano de 1909.
92. CERTEAU, Michel de. *Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 99. (A invenção do cotidiano, v. 1).
93. LEVI, Giovanni. Reciprocidade Mediterrânea. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de (org.). *Exercícios de Micro-História*. Ed. FGV: Rio de Janeiro, 2012. p. 53.
94. CANÔNICO, Padre João. *Abaixo-Assinado dos Moradores de Ascurra para a Cúria Romana*. Blumenau: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS), 1914.
95. As “firmas”, assim chamadas, eram assinaturas recolhidas pelo clero com o intuito de garantir que as novas capelas fossem construídas no espaço escolhido pelos frades. Mais tarde, criam-se abaixo-assinados para garantir a hegemonia pastoral da Congregação Franciscana em detrimento de outras ordens na região.
96. MARIN, Jérri Roberto, op. cit., 2001. p. 155.
97. GROSSELLI, Renzo Maria, op. cit., 1987. p. 454.
98. Última eucaristia, daqueles que estão prestes a perecer.
99. CANÔNICO, Padre João. *Abaixo-Assinado dos Moradores de Ascurra para a Cúria Romana*. Blumenau: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS), 1914.

100. THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 17.
101. LEVI, Giovanni, op. cit., 2012. p. 53.
102. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 1993. f. 107.
103. LUCHESE, Terciane Ângela. Histórias cruzadas: imigrantes italianos e processos educativos (1875-1914). In: HERÉDITA, Vania Beatriz Merlotti. *Imigração e Sociedade: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil*. Caxias do Sul: Educus, 2015. p. 250.
104. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011. p. 180.
105. BERTOLDI, José; SCOTTINI, Guido, op. cit., 1975. p. 18.
106. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011. p. 180.
107. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 1993. f. 65.
108. BERTOLDI, José; SCOTTINI, Guido, op. cit., 1975. p. 15.
109. As sete escolas já existentes antes da chegada dos franciscanos estavam localizadas em Rodeio, São Virgílio (Rodeio 50), Pomeranos, Rio dos Cedros, Acurra, São Paulo (Sagrada Família) e Aquidaban (atual Apiúna). Cf. FINARDI, José. A questão escolar nas colônias italianas da antiga Colônia Blumenau. *Blumenau em Cadernos*, t. 19, n. 6, p. 156-171, jun. 1978, p. 157.
110. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 223.
111. SEVERINO, José Roberto. *Noi Oriundi: cultura, identidade e representações da imigração italiana em Santa Catarina*. 2004. 228 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. f. 140.
112. GROSELLI, Renzo Maria, op. cit., 1987. p. 456.
113. LUCHESE, Terciane Ângela. *Itinerários das escolas italianas em terras brasileiras: uma história contada pelos materiais didáticos (1875 - 1945)*. In: ANPED SUL, 10., 2014, São Paulo. *Anais eletrônicos*. Florianópolis: UDESC, 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/publicacao/trabalhos_completos.php. Acesso em: 9 nov. 2018. p. 4.
114. GROSELLI, Renzo Maria. *Colônias Imperiais na Terra do Café: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008a. p. 96.
115. HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.), op. cit., 1997. p. 301.
116. ESTATUTOS da Sociedade de escola em Rodeio, 1899. Transcrição. In: OTTO, Clarícia. *Catolicidades e Italianidades: jogos de poder no Médio Vale do Itajaí e no sul de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 2005. p. 249.
117. DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001a. p. 69.

118. ESTATUTOS da Sociedade de escola em Rodeio, 1899. Transcrição. In: OTTO, Clarícia. *Catolicidades e Italianidades: jogos de poder no Médio Vale do Itajaí e no sul de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 2005. p. 248
119. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 1993. f. 117.
120. LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio. Educação e etnia: as efêmeras escolas étnico-comunitárias italianas pelo olhar dos cônsules e agentes consulares. *História da Educação*, Pelotas, v. 14, n. 30, p. 227-258, jan./abr. 2010. p. 237.
121. GROSSELLI, Renzo Maria, op. cit., 2008a. p. 76.
122. BARAUSSE, Alberto. Chamas da educação nacional e do sentimento pátrio: as escolas italianas no Rio Grande do Sul da colonização ao final do século 19 (1875-1898). *História da Educação*, Porto Alegre, v.21, n.51, p. 41-85, jan./abr. 2017. p. 50.
123. LUCHESE, Terciane Ângela, op. cit., 2015. p. 250.
124. Pertencente da Casa Real dos Savóia que governava a Itália, tendo como representante máximo o rei Vittorio Emanuele III. Foi cônsul italiano em Florianópolis de 1899 e 1902.
125. SAVÓIA, Gherardo Pio di. Relatório do cônsul Gherardo Pio di Savóia apud DALL'ALBA, João Leonir. *Imigração italiana em Santa Catarina*. Caxias do Sul: Ed. UCS; Porto Alegre: EST; Florianópolis: Lunardelli, 1983. p. 110.
126. MARIN, Jérri Roberto, op. cit., 2001. p. 151.
127. BARAUSSE, Alberto, op. cit., 2017. p. 70.
128. SAVÓIA, Gherardo Pio di, op. cit., 1983. p. 110.
129. LUCHESE, Terciane Ângela, op. cit., 2014. p. 9.
130. HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.), op. cit., 1997. p. 9.
131. Carta de Frei Lucínio Korte ao Cônsul Italiano (1902). FINARDI, José, op. cit., 1978. p. 166.
132. Podemos destacar que nesse relatório cada disciplina dispõe de uma síntese do programa curricular, demonstrando os temas trabalhados durante cada ano escolar. Cf. SCHAEETTE, Estanislau. *Relatório sobre as escolas dos Tiroleses na Paróquia Rodeio*. Tradução: Edith Sophia Eimer. Blumenau: AHJFS, 1910. p.2
133. Importante destacar que dentro da Ordem Franciscana “a música configurava-se em outro elemento fulcral das celebrações religiosas”, estando presente nas associações religiosas, tais como a Ordem Terceira, bem como nas escolas paroquiais administradas por frades franciscanos Cf. MORAES, Juliana de Mello. As celebrações nas igrejas na ordem terceira de São Francisco: festas e cultura entre os seculares franciscanos no Império Português, século XVIII. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 21, abr./jun., 2011, p. 307.

134. SALIBA, Elias Thomé. Cultura/As apostas na República. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; SILVA, Alberto da Costa e (org.). *A abertura para o mundo: 1808 - 1830*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 249.
135. SCHAEETTE, Estanislau. *Relatório sobre as escolas dos Tiroleses na Paróquia Rodeio*. Tradução: Edith Sophia Eimer. Blumenau: AHJFS, 1910. p.2.
136. HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.), op. cit., 1997. p. 9.
137. SCHAEETTE, Estanislau. *Relatório sobre as escolas dos Tiroleses na Paróquia Rodeio*. Tradução: Edith Sophia Eimer. Blumenau: AHJFS, 1910. p.3.
138. TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; DALLABRIDA, Norberto. *A Escola da República: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918)*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 106.
139. LUCHESE, Terciane Ângela, op. cit., 2014. p. 8.
140. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 1993. f. 172.
141. Esta última consolidada em 20 de setembro de 1870, sendo o papa considerado um prisioneiro de guerra, refugiado no Vaticano.
142. POSSAMAI, Paulo Cesar, op. cit., 2003. p. 254.
143. LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio, op. cit., 2010. p. 236.
144. Seu irmão, Giovanni Trentini, também fora professor, dando nome à maior escola de Rio dos Cedros na atualidade.
145. Tradução nossa: "Ciò è di fabricare mattoni senza fornace stabile". TRENTINI, Pietro. *Le case primitive, e l'origine del mattoni nelle vaiate Italiane*. In: *Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 1900*. p. 32.
146. Tradução nossa: "La mia occupazione che più sempre mi dominò fu quella dell'istruzione morale e civile; ma per quanto io mi sia faticato perchè la gente conoscesse l'interesse pubblico e privato che deriva dall'incivilimento non fui capace di ottenere che persecuzioni, invidie, mormorazioni e calunie" ZANLUCA, Giuseppe. *Letteratura Coloniale*. In: *Comemoração do 50º Aniversário de Blumenau, v1900*. p. 31.)
147. TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 2011. p. 111.
148. WITT, Marcos Antônio. A imigração alemã no Rio Grande do Sul: a colônia de São Leopoldo como estudo de caso. In: VENDRAME, Maria Ines et al (org.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 240.
149. SILVA, José Ferreira da. *A imprensa em Blumenau*. Florianópolis: IOESC, 1977. p. 42.
150. LUCHESE, Terciane Ângela, op. cit., 2015. p. 243.
151. DELLAGIUSTINA, Nelson, op. cit., 2016. p. 73.
152. Tradução de Ludovico Adami adaptada pelo autor: "Pra cima e pra baixo pelas estradas da Piranga, polacos se encontram./ Rodeio tem os frades, e "São Paulo" nós queremos./ Coragem, garotas, que canta o sabiá/ Paróquia em Freguesia, em "Vinte e Quatro", nunca mais!" FINARDI, José, op. cit., 1976. p. 45.

153. LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio, op. cit., 2010. p. 233.
154. FROSI, Vitalina Maria. Elementos da cultura italiana: sua manifestação nos provérbios populares italianos. In: HERÉDITA, Vania Beatriz Merlotti. *Imigração e Sociedade: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil*. Caxias do Sul: Educus, 2015. p. 172.
155. LIVRO Tombo da Paróquia São Francisco de Assis de Rodeio. Rodeio, n.1, 1900.
156. GINZBURG, Carlo, op. cit., 2006. p. 105.
157. BARAUSSE, Alberto, op. cit., 2017. p. 48.
158. OTTO, Clarícia. Escolas Étnicas Italianas no Sul do Brasil: entre tensões e conciliações. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. *Anais eletrônicos*. São Paulo: ANPUH, 2011. p. 9.
159. Cf. LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio, op. cit., 2010. p. 237.
160. DALLABRIDA, Norberto, op. cit., 1993. f. 172.
161. BERRI, Aléssio, op. cit., 1988. p. 131.
162. CANI, Iracema Maria Moser, op. cit., 2011. p. 180.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imigração de língua italiana para o Brasil foi discutida aqui por intermédio do cotidiano vivido nas “valadas” de Rodeio, Ascurra e Rio dos Cedros pertencentes ao município de Blumenau. Ao contrário do que boa parte dos trabalhos de memorialistas pregava, percebeu-se que os imigrantes nem sempre eram pobres, dispondo de alguma fonte de renda que serviu como garantia na migração transoceânica. Embora o estabelecimento nas florestas do Vale do Itajaí tenha sido complicado, o imigrante se adequou à natureza e contou com o auxílio de algumas leis do Estado e do pecúlio trazido do outro lado do Atlântico.

Os usos da memória foram discutidos ao longo do trabalho para problematizar a ideia de imigrante e sociedade proposta por escritores memorialistas, que, diferentemente dos historiadores, não se pautaram em um caráter teórico-metodológico e optaram por escrever uma narrativa positivada acerca dos imigrantes de língua italiana, para ressaltar os feitos do grupo étnico que liga sua respectiva cidade com uma questão de pertencimento e identidade.

Por outro lado, a escassez e a pouca diversidade de documentos do período tornaram esses livros comemorativos uma fonte histórica importante para o desenvolvimento de pesquisas acerca da temática, com destaque para as questões envolvendo o trabalho dos imigrantes com a agricultura e sua forte ligação com a religiosidade. Cabe mencionar que, apesar de toda a cientificidade empregada neste trabalho, o historiador também depara com escolhas, aqui percebidas a partir do próprio tema de pesquisa e da opção de discutir o surgimento de povos não italianos no mito de origem da localidade de Diamante, bairro em que o autor vivenciou grande parte de suas experiências pessoais.

A partir do uso diversificado de fontes ficou evidente a existência de outros grupos étnicos no espaço de estudo para além de italianos e tirolezes, ainda que em menor número. Portanto, a abordagem com relação aos ditos “selvagens”, “caboclos” e “polacos” visou desmobilizar a italianidade dessas regiões demonstrando a participação e as relações mútuas com indivíduos de origem indígena, luso-brasileira e polonesa.

A agricultura foi desde o princípio o pilar da economia dessas “valadas”. O cultivo de diversas culturas para subsistência, entretanto, não eram suficientes para desenvolver o núcleo colonial. Era preciso fortalecer o comércio, bastante dependente da área central de Blumenau e dos imigrantes alemães. Por intermédio das trajetórias do anarquista Giovanni Rossi e do religioso Lucínio Korte voltadas a essa temática, ficou perceptível a existência de convergências e divergências com relação ao modo de proceder e conceber as cooperativas agrícolas criadas com o objetivo de exportar produtos para o estrangeiro e aumentar a renda dos primeiros colonos na região. Exemplo disso era a semelhança na escolha do modelo cooperativo para melhorar as condições agrícolas dos colonos. Por outro lado, as diferenças ficaram demarcadas na simbologia católica das associações de Rodeio e, em contrapartida, nos laços de italianidade presentes nas de Ascurra e Rio dos Cedros.

Esses sujeitos, vinculados a uma “sociedade da capela”, tinham na religiosidade e na língua materna instrumentos de suma importância para a manutenção das tradições oriundas da Europa. Parte significativa desses imigrantes considerava o clero franciscano alemão uma ameaça, não apenas à identidade nacional, mas também ao modelo religioso protagonizado pela própria comunidade, que perderia seu espaço em detrimento da hierarquia clerical. A partir da religiosidade, verificamos estratégias empreendidas por ambos os lados com o intuito de assegurar necessidades, fossem dos franciscanos ou dos fiéis.

A educação, por sua vez, era vista pela Igreja Católica como um meio de instrução para os fins catequéticos,

trazendo elementos sacros nas aulas e utilizando da língua italiana como “facilitadora” do processo de aprendizagem. Assim como a Comissão Escolar “Dante Alighieri”, as escolas paroquiais faziam escolhas com relação ao material didático disponível para os estudantes e professores. Enquanto a primeira optava pelos livros fornecidos pelo Consulado Italiano, a segunda defendia o uso do material austríaco, o que estava diretamente ligado ao antigermanismo dos italianos e ao caráter romanizador dos franciscanos.

Nos diferentes eixos abordados percebemos um elemento comum pautado no desenvolvimento de estratégias dos imigrantes para fortalecer a economia local e também para contrapor os frades franciscanos. Também foram dignas de nota as redes de sociabilidade, que configuravam relações mutualistas para execução das demandas da comunidade, fossem voltadas a economia, política, religiosidade ou mesmo para promover o ensino.

A partir desses recursos acionados pelos imigrantes tentamos desmobilizar a dicotomia por meio de uma reciprocidade complexa que promovia momentos de convergências na participação de Rossi e Korte no cooperativismo; nas estratégias do clero e dos fiéis para a escolha das capelas a serem construídas; e nos conflitos voltados à manutenção dos ideais nacionais dos italianos, e romanizados dos franciscanos. Desta forma, as “sociedades da capela” tinham a cultura agrícola, a religiosidade e a educação como eixos principais; enquanto as diferentes estratégias, elaboradas de maneira recíproca, demonstravam a capacidade de autonomia dos sujeitos na desmobilização dos modelos explicativos e esquemáticos, elevando o debate sobre as sociedades humanas para contornos e especificidades voltados às escolhas dos próprios agentes da história.

FONTES DOCUMENTAIS

1. Livros e publicações de memorialistas

BERRI, Aléssio. *A Igreja na colonização italiana no Médio Vale do Itajaí*. Blumenau: Casa Dr. Blumenau, 1988.

BERRI, Aléssio. *Imigrantes Italianos, criadores de riquezas*. Blumenau: Casa Dr. Blumenau, 1993

BERTOLDI, José. Figuras do passado: Valentino Fruet. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 19, n. 7, p. 202-205, jul. 1978.

BERTOLDI, José; SCOTTINI, Guido. *Rodeio 1875-1975: aspectos de sua história e de sua gente*. Blumenau: Gráfica 43, 1975.

BONATTI, Mário. Centenário dos italianos em S. Catarina. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 15, n. 9, p. 151-152, set. 1974.

CANI, Iracema Maria Moser. *Rodeio: histórias e memórias*. Indaial: Ed. Uniasselvi, 2011.

DELLAGIUSTINA, Néelson. *Do Trentino a Rodeio: Família Pegoretti*. Blumenau: 3 de maio, 2016.

DELLAGIUSTINA, Néelson. *Família Dellagiustina: saga vêneta em rodeio*. Ibirama: Edigrave, 2014.

FINARDI, José. A questão escolar nas colônias italianas da antiga Colônia Blumenau. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 19, n. 6, p. 156-171, jun. 1978.

FINARDI, José. *Colonização Italiana de Acurra: subsídios para a história do município 1876-1976*. Blumenau: Casa Dr. Blumenau, 1976.

FINARDI, José. *Figuras do passado: José Antônio de Amorim. Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 17, n. 8, p. 332-334, ago. 1976.

GONÇALVES, José. A origem da denominação da localidade de Diamante. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 18, n. 7, p. 228-229, jul. 1977.

JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. *Interpretação regional do município de Rodeio*. [S. l.: s. n.], 1948.

PELLIZETTI, Beatriz. *Um banco de imigrantes em Santa Catarina*. Blumenau: Gráfica 43: Casa Dr. Blumenau, 1985.

SILVA, José Ferreira da. *A imprensa em Blumenau*. Florianópolis: IOESC, 1977.

SILVA, José Ferreira da. *Comentários sobre o abaixo-assinado dos moradores de Acurra*. Blumenau: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, 1960.

VICENZI, Victor. *História de Rio dos Cedros*. Casa Dr. Blumenau; Blumenau, 1975

ZANLUCA, Giuseppe. Documento do Professor da Escola de Rio dos Cedros. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 17, n. 10, p. 385-387, out. 1976.

2. Documentos Eclesiásticos

LIVRO Tombo da Paróquia São Francisco de Assis de Rodeio. Rodeio, n. 1, 1900.

LIVRO de Óbitos do Curato de Rodeio. Rodeio, n. 1, 1895.

CRÔNICA do Convento Franciscano de Rodeio. Rodeio, 1909.

ESTATUTOS da Sociedade de escola em Rodeio, 1899. Transcrição. In: OTTO, Clarícia. *Catolicidades e Italianidades: jogos de poder no Médio Vale do Itajaí e no sul de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 2005. p. 248-250.

3. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS)

CANÔNICO, Padre João. Abaixo-assinado dos moradores de Ascurra para a Cúria Romana. AHJFS, 1914.

FUNDO Colonização Italiana. Um pioneiro da cultura do arroz em Blumenau. Almanaque. Calendário Blumenauense. Diretor: José Ferreira da Silva. Blumenau: AHJFS, 1934. p. 118.

LIVRO Comemorativo. In: COMEMORAÇÃO do 50º Aniversário de Blumenau. Blumenau: AHJFS, 1900. p. 26-44.

SCHAETTE, Estanislau. *Relatório sobre as escolas dos Tiroleses na Paróquia Rodeio*. Tradução: Edith Sophia Eimer. Blumenau: AHJFS, 1910.

4. Relatórios, Atas e Estatutos

ATAS da Cooperativa de Rio dos Cedros. Rio dos Cedros, 1904.

BLUMENAU, Hermann. A Colônia Alemã Blumenau: na Província de Santa Catarina no Sul do Brasil. In: FERREIRA, Cristina (org.). Tradução Annemarie Fouquet Schünke. Blumenau: Cultura em Movimento: Instituto Blumenau 150 anos, 2002. p. 21-34.

SAVÓIA, Gherardo Pio di. RELATÓRIO do Cônsul Gherardo Pio di Savóia, 1901.

STATUTI della Lega Austriaco Brasiliana di Rodeio nel municipio di Blumenau. Rodeio: [s. n.], 1909.

5. Fontes Eletrônicas

ALTMAYER, Everton. Os imigrantes de Rodeio SC. *Tirolese no Brasil*, [s. l.], 26 nov. 2017. Disponível em: <https://tirolese.com.br/2017/11/26/os-imigrantes-de-rodeio-sc>. Acesso em: 24 out. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/rodeio/panorama>. Acesso em: 28 set. 2018.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. Religiosidade popular, problemas e história. *In: LIMA, Lana Lage da Gama et al. História & religião*. Rio de Janeiro: Faperj; Mauad, 2002. p. 83-90.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. *In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.). O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 223-250.

ALTMAYER, Everton. Aspectos identitários da imigração tiroleza no Brasil. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 56, n. 6, p. 55-76, nov./dez. 2015.

ALTMAYER, Everton. Os tirolezes italianos e sua presença no Brasil. *In: BONATTI, Mário; ALTMAYER, Everton (org.). O dialeto trentino no Brasil*. Blumenau: Nova Letra, 2016. p. 17-88.

AMARAL, Deivison. *Catolicismo e trabalho: a cultura militante dos trabalhadores de Belo Horizonte (1909-1941)*. Curitiba: Prismas, 2018.

AMARAL, Walter Valdevino do; RIBEIRO, Emanuela Sousa. Romanização e modernidade: as Filhas de Marias e a normatização da Sociedade Recifense. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, ano 1, n. 3, p. 327-347, jan. 2009.

AQUINO, Maurício de. Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: as relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 32, n. 63, p. 143-170, 2012.

BARAUSSE, Alberto. Chamas da educação nacional e do sentimento pátrio: as escolas italianas no Rio Grande do Sul da colonização ao final do século 19 (1875-1898). *História da Educação*, Porto Alegre, v. 21, n. 51, p. 41-85, jan./abr. 2017.

BARROS, José D'Assunção. *A expansão da história*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BATALHA, Cláudio. A geografia associativa: associações operárias, protesto e espaço urbano no Rio de Janeiro da Primeira República. In: AZEVEDO, Elciene et al. (org.). *Trabalhadores na cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*. Campinas: Ed. Unicamp, 2009. p. 251-269.

BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BIONDI, Luigi. *Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

BITTENCOURT, Agueda Bernardete. Anotações sobre a construção do sistema educacional em Santa Catarina. *Proposições*, Campinas, v. 15, n. 2, p. 97-118, maio/ago. 2004.

BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Alfredo. Cultura. In: CARVALHO, José Murilo de (coord.). *A construção nacional: 1830-1889*. São Paulo: Objetiva, 2012.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Tutti buona gente! Subversivos de origem italiana no Arquivo Deops-SP. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Frederico; FRANZINA, Emilio (org.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2010. p. 133-181.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 45-60.

CERTEAU, Michel de. *Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. (A invenção do cotidiano, v. 1).

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996. (A invenção do cotidiano, v. 2).

CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certeza e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. *Italianos na cidade: a emigração itálica nas cidades brasileiras*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2000.

COSTA, Caio Túlio. *O que é anarquismo*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1980.

DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001a.

DALLABRIDA, Norberto. *A sombra do campanário*. 1993. 230 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

DALLABRIDA, Norberto. Imigração e colonização de trentinos e italianos na Colônia Blumenau. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 56, n. 6, p. 7-22, nov./dez. 2015.

DALLABRIDA, Norberto. Trentinos e Italianos na Colônia Blumenau e a “Sociedade da Capela”. In: PIAZZA, Walter (org.). *Italianos em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 2001b. p. 97-129.

DALL'ALBA, João Leonir. *Imigração italiana em Santa Catarina*. Caxias do Sul: Ed. UCS; Porto Alegre: EST; Florianópolis: Lunardelli, 1983.

DOLZAN, Janiane Cinara. *A (re)invenção da italianidade em Rodeio – SC*. 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

DOMINGUES, Viviane Pedroso. Especificando a validade do estudo sobre memorialistas através do uso da teoria da consciência histórica. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. Anais [...]*. São Paulo: Anpuh-SP, 2011. p. 1-15. Disponível em: <https://bit.ly/2vssICX>. Acesso em: 9 nov. 2018.

ELMIR, Cláudio Pereira; WITT, Marcos Antônio. Quem (não) tem medo de fracassos? Notas para uma proposta de investigação no campo de estudos migratórios. *In: ELMIR, Cláudio Pereira; WITT, Marcos Antônio (org.). Imigração na América Latina: histórias de fracassos*. São Leopoldo: Oikos: Ed. Unisinos, 2014. p. 7-14.

FELICI, Isabelle. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. *Cadernos AEL, Campinas, n. 8/9, p. 9-67, 1998*.

FERREIRA, Cristina. *Cidadania e identidade na sociedade teuto-brasileira: José Deeke e os embates interétnicos no Vale do Itajaí*. 1998. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

FERREIRA, Cristina; KOEPSEL, Daniel Fabricio. *Representações da cidade: discussões sobre a história de Timbó*. Blumenau: Edifurb; Timbó: Fundação Cultural, 2008.

FERREIRA, Cristina; SILVA, Michel Honório da. *Hermann Blumenau e o Sul do Brasil: narrativas de viagens aos emigrantes germânicos e a gênese da colônia Blumenau*. [Blumenau]: Propex-Furb, 2018. Relatório de pesquisa.

FLORES, Moacyr. *Chimangos e maragatos*. Porto Alegre: Pradense, 2014.

FOGOSO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 353.

FORTES, Alexandre. Os outros “polacos”: classe e identidade étnico-nacional entre imigrantes do leste europeu em Porto Alegre. In: BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando Teixeira da (org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. p. 317-361.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FROSI, Vitalina Maria. Elementos da cultura italiana: sua manifestação nos provérbios populares italianos. In: RADÚNZ, Roberto; HERÉDITA, Vania Beatriz Merlotti. *Imigração e sociedade: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil*. Caxias do Sul: Educs, 2015. p. 135-152.

FROTSCHER, Méri. A criação do Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí nos anos 30: das relações entre cultura e política. *Esboços*, Florianópolis, v. 14, p. 117-132, 2005.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989. p. 169-178.

GOMES, Angela de Castro. Primeira República no Brasil: uma história da historiografia. In: MOURÃO, Alda; GOMES, Angela de Castro (coord.). *A experiência da Primeira República*

no Brasil e em Portugal. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. p. 55-94.

GONÇALVES, Janice. *Sombrios umbrais a transpor: arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX*. 2006. 444 f. Tese (Doutorado em História) -Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no romantismo brasileiro. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (org.). *O Brasil Imperial: v. 2: 1831-1870*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 427-465.

GROSSELLI, Renzo Maria. *Colônias imperiais na terra do café: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008a.

GROSSELLI, Renzo Maria. *Noi tirolesi, sudditi felici di Dom Pedro II*. Trento: Giunta della Provincia Autonoma di Trento, 2008b.

GROSSELLI, Renzo Maria. Os tiroleses italianos na Colônia Blumenau: de malfeitores a amantes da “Ordem e Progresso”. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 56, n. 6, p. 23-39, nov./dez. 2015.

GROSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras Santa Catarina 1875-1900*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1987.

HALL, Michael. Entre a etnicidade e a classe em São Paulo. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Frederico; FRANZINA, Emilio (org.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil: séculos XIX e XX*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2010. p. 49-63.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERMANN, Jacqueline. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 329-354.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: VENDRAME, Maria Ines *et al.* (org.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 32-52.

KLUG, João. O Brasil agrícola: o tortuoso e difícil “caminho da roça”. *História: debates e tendências*, Passo Fundo, v. 16, n. 1, p. 152-165, jan./jun. 2016.

LARGURA, Andrea. La Società di Rio dos Cedros. In: COMMEMORAÇÃO do 50º Aniversário de Blumenau. Blumenau: Baumgarten, 1900. p. 41

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Tradução de Marcos de Castro. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

LEITE, Fábio Carvalho. O laicismo e outros exageros sobre a Primeira República no Brasil. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 32-60, jun. 2011.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. *Tempo*, Niterói, v. 20, p. 1-20, 2014.

LEVI, Giovanni. Reciprocidade mediterrânea. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de (org.). *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2012. p. 51-86.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

LUCHESE, Terciane Ângela. Histórias cruzadas: imigrantes italianos e processos educativos (1875-1914). In: RADÜNZ, Roberto HERÉDITA, Vania Beatriz Merlotti. *Imigração e sociedade: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil*. Caxias do Sul: EducS, 2015. p. 234-253.

LUCHESE, Terciane Ângela. *Itinerários das escolas italianas em terras brasileiras: uma história contada pelos materiais didáticos (1875-1945)* In: ANPED SUL, 10., 2014, Florianópolis. *Anais eletrônicos* [...]. Florianópolis: Udesc, 2014. p. 1-20. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/219-0.pdf. Acesso em: 9 nov. 2018.

LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio. Educação e etnia: as efêmeras escolas étnico-comunitárias italianas pelo olhar dos cônsules e agentes consulares. *História da Educação*, Pelotas, v. 14, n. 30, p. 227-258, jan./abr. 2010.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *Política de colonização no Império*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

MARIN, Jérri Roberto. História e historiografia da romanização: reflexões provisórias. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, n. 30, p. 149-169, out. 2001.

MARTINS, Mônica. A prática do auxílio mútuo nas corporações de ofícios no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. In: MAC CORD, Marcelo; BATALHA, Cláudio. *Organizar e proteger: trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)*. Campinas: Ed. Unicamp, 2014. p. 25-46.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Revisitando a história da imigração e da colonização no Paraná provincial. *Antíteses*, Londrina, v. 8, p. 204-226, n. 16, jul./dez. 2015.

MORAES, Juliana de Mello. As celebrações nas igrejas na ordem terceira de São Francisco: festas e cultura entre os

seculares franciscanos no Império Português, século XVIII. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 21, p. 306-320, abr./jun., 2011.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 21-36.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. *Nas fronteiras do poder: conflito e direito à terra no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

NEUERT, Márcia. Estradas das areias: Sandweg: um lugar para os imigrantes poloneses em Indaial. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 55, n. 3, p. 37-48, maio/jun. 2014.

NICOCELI, Vanessa. *Hermann Blumenau: uma experiência de colonização em Santa Catarina (1846-1884)*. 2014. 205 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

NICOCELI, Vanessa; FERREIRA, Cristina. O regresso do colonizador: representações, usos da memória e mito fundador em Blumenau: 1974. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 52, n. 6, p. 22-49, nov./dez. 2011.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Márcio de. Origens do Brasil meridional: dimensões da imigração polonesa no Paraná, 1871-1914. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 218-237, jan./jun. 2009.

OLIVEIRA, Mariana Luiza de; FERREIRA, Cristina. A Colônia Blumenau nas exposições universais: premiações e representações (1860-1883). *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 52, n. 5, p. 20-43, set./out. 2011.

OTTO, Claricia. *Catolicidades e italianidades: jogos de poder no Médio Vale do Itajaí e no sul de Santa Catarina*. 2005. 271 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

OTTO, Claricia. Escolas étnicas italianas no Sul do Brasil: entre tensões e conciliações. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. *Anais eletrônicos* [...]. São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1-17.

OTTO, Claricia. Giovanni Rossi: o imigrante para além da Utopia. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, t. 42, n. 9/10, p. 57-74, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POSSAMAI, Paulo Cesar. “O Sepulcro do pudor”: o combate aos bailes e a imposição de uma moral monacal pelos missionários aos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. *Métis: História & Cultura*, Caxias do Sul, v. 2, n. 4, p. 247-262, jul./dez. 2003.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

REVEL, Jacques. A história ao rés-do-chão. In: LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 7-37.

ROSSI, Giovanni. Gli italiani nel municipio di Blumenau. In: COMMEMORAÇÃO do 50º Aniversário de Blumenau. Blumenau: Baumgarten, 1900. p. 26

RUGGIERO, Antonio de. Os italianos nos contextos urbanos do Rio Grande do Sul: perspectivas de pesquisa. In: VENDRAME, Maria Ines *et al.* (org.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 162-181.

SALIBA, Elias Thomé. Cultura: as apostas na República. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *A abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SANTOS, Lucy Woellner dos. *Estação agrônômica e de veterinária do estado: 1895-1920: uma abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. População e sociedade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *A abertura para o mundo: 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 35-83.

SEVERINO, José Roberto. *Noi oriundi: cultura, identidade e representações da imigração italiana em Santa Catarina*. 2004. 228 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SILVA, Maria da Conceição. Catolicismo e casamento civil na cidade de Goiás: conflitos políticos e religiosos (1860-1920). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 46, p. 123-146, out. 2003.

SILVA, Marilda Rosa Galvão Checcucci Gonçalves da. *Imigração italiana e vocações religiosas no Vale do Itajaí*. Campinas: Ed. Unicamp; Blumenau: Edifurb, 2001.

TAVARES, Hugo Moura. Raymond Williams: pensador da cultura. *Revista Ágora*, Vitória, n. 8, p. 1-27, 2008.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; DALLABRIDA, Norberto. *A escola da república: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918)*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VARGAS, Jonas Moreira. "Entre o local e o global": imigração, relações sociais e perfil ocupacional dos estrangeiros na cidade de Pelotas (1850-1890). In: VENDRAME, Máira Ines; KARSBURG, Alexandre, MOREIRA, Paulo Roberto Sataudt (org.). *Ensaio de micro-história: trajetória e imigração*. São Leopoldo: Oikos: Ed. Unisinos, 2016. p. 338-362.

VENDRAME, Máira Ines. "*Lá éramos servos aqui somos senhores*": a organização de imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: Ed. UFSM, 2007.

VENDRAME, Máira Ines. *Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no Sul do Brasil (1878-1910)*. 2013. 479 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

VENDRAME, Máira Ines; KARSBURG, Alexandre, MOREIRA, Paulo Roberto Sataudt (org.). *Ensaio de micro-história: trajetória e imigração*. São Leopoldo: Oikos: Ed. Unisinos, 2016.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. O ethos mutualista: valores, costumes e festividades. In: MAC CORD, Marcelo; BATALHA, Cláudio (org.). *Organizar e proteger: trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)*. Campinas: Ed. Unicamp, 2014. p. 193-218.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WITT, Marcos Antônio. A imigração alemã no Rio Grande do Sul: a colônia de São Leopoldo como estudo de caso. In: VENDRAME, Maria Ines et al (org.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 224-244.

WITTMANN, Luisa Tombini. *Atos do contato: histórias do povo indígena Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926)*. 2005. 214 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

WITTMANN, Luisa Tombini. *O vapor e o botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926)*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.

ZENDRON, Rute Coelho. Anarquismo e anarquistas em Blumenau. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (org.). *Visões do vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000. p. 133-146